

MEG CABOT

A MEDIADORA

Reunião

autora da série
O Diário da Princesa

galera

Série: A Mediadora

REUNIÃO

Meg Cabot

Sob o pseudônimo de Jenny Carrol

Da autora da série O Diário da Princesa

Suzannah é uma adolescente como outra qualquer. Bem, quase... Ela tem um pequeno segredo: é uma - mediadora. Fala com fantasmas e os ajuda a descansar em paz. Um dom um tanto incomum para ser dividido com os colegas, irmãos e até mesmo com a mãe.

Mas de uma pessoa Suzannah não conseguirá esconder seu segredo. Gina, sua melhor amiga de Nova York, está na cidade passando uns dias com e la. Durante sua estada, quatro adolescentes morrem num acidente de carro. E Suzannah se vê obrigada a abrir mão de seus dias tranqüilos com a amiga para ajudar as almas penadas. E para isso, ela precisará contar com a cobertura de Gina.

No entanto, não são só os fantasmas que precisam de ajuda. Michael Meducci, também envolvido no acidente, passa a ser perseguido e corre perigo. Mas quando forças sobrenaturais estão em ação quem está em segurança?

Reunião é o terceiro volume da série *A Mediadora*, iniciada com *A terra das sombras* e *O arcano nove*.

Capítulo 1

- Olha, isso é que é vida - disse Gina.

Fui obrigada a concordar com ela. Estávamos deitadas de biquíni, absorvendo os raios de sol e os agradáveis 24°C na praia de Carmel. Era março, mas não parecia, pelo modo como o sol se lançava por cima de nós. Bom, afinal de contas isso era a Califórnia.

- Sério - insistiu Gina. - Não sei como você consegue fazer isso todo dia.

Eu estava de olhos fechados. Visões de *Diet Cokes* compridas e geladas

dançavam na minha cabeça. Se ao menos existisse serviço de garçom na praia!

Era realmente a única coisa que faltava. Já tínhamos acabado com todos os refrigerantes do isopor, e era uma caminhada bem longa, subir da praia até o mercadinho Jimmy's.

- Fazer o quê? - murmurei.

- Ir à escola quando se tem essa praia fabulosa a um quilômetro e meio de distância.

7

- É difícil - admiti com os olhos ainda fechados. – Mas se formar no segundo grau continua a ser considerado uma das maiores conquistas da vida. Quero dizer, já ouvi falar que sem um diploma do segundo grau a gente não tem chance de conseguir um daqueles empregos importantes de servir no Starbucks, para onde sei que estou destinada depois da formatura.

- Sério, Suze. - Senti Gina se agitar ao meu lado e abri os olhos. Ela havia se apoiado nos cotovelos e estava examinando a praia através de seus óculos Ray Ban. – Como você *agüenta*?

Verdade. Como? O dia estava estupendo. O Pacífico se esticava até onde a vista alcançava, azul-turquesa escurecendo até o azul -marinho à medida que se aproximava do horizonte. As ondas eram gigantescas, chocando -se na areia amarela, jogando surfistas e *bodyboarders* no ar como se fossem destroços de naufrágios. À direita, longe, erguiam -se os penhascos verdes de Pebble Beach. À

esquerda, os enormes pedregulhos cheios de focas, que eram o caminho para o que eventualmente se transformava em Big Sur, um trecho particularmente acidentado do litoral do Pacífico.

E em toda parte o sol golpeava, queimando a névoa que mais cedo havia ameaçado arruinar nossos planos. Era a perfeição. O paraíso.

Se ao menos eu conseguisse alguém para me trazer uma bebida!

- Ah, meu Deus. - Gina baixou os óculos e espiou por cima da armação. - Saca

só isso!

8

Acompanhei seu olhar através das lentes dos meus Donna Kar an. O salva-vidas, que estivera sentado em sua torre branca a alguns metros de nossas toalhas, pulou de repente da cadeira, segurando numa das mãos o flutuador laranja. Pousou na areia com uma graça felina e de repente partiu para as ondas, com os músculos ondulando por baixo da pele bronzeada, o cabelo louro e comprido balançando atrás.

Turistas procuraram as máquinas fotográficas enquanto as pessoas que tomavam banho de sol se sentavam para ver melhor. Gaivotas saltaram num vôo espantado e os ratos de praia saíram rapidamente do caminho do salva -vidas.

Então, com o corpo magro e musculoso fazendo um arco perfeito no ar, ele mergulhou nas ondas e surgiu metros adiante, nadando rápido e com força na direção de um garoto que fora apanhado numa correnteza.

Para minha diversão, vi que o garoto era ninguém menos do que Dunga, um dos meus meios-irmãos que tinha nos acompanhado à praia naquela tarde.

Reconheci sua voz instantaneamente - assim que o salva-vidas o havia puxado de volta à superfície -, xingando-o com veemência por ter tentado salvar sua vida, envergonhando-o diante dos colegas.

O salva-vidas, para meu deleite, xingou -o de volta.

Gina, que tinha olhado o drama se desdobrar com uma atenção fascinada, disse preguiçosa:

- Que babaca!

Ela obviamente não reconheceu a vítima. Para minha perplexidade, Gina havia me informado que eu tinha uma

9

sorte incrível porque todos os meus meios -irmãos eram tão "maneiros". Até mesmo Dunga, aparentemente.

Gina nunca fora especialmente discriminadora no quesito garotos.

Depois, suspirou e se deitou outra vez na toalha.

- Isso foi extremamente incômodo - falou recolocando os óculos no lugar. - A não ser pela parte que o salva-vidas gato passou correndo por nós. Dessa parte eu gostei.

Alguns minutos depois o salva-vidas voltou na nossa direção, não parecendo menos bonito de cabelo molhado do que quando estava seco. Subiu em sua torre, falou brevemente pelo rádio - na certa emitindo um boletim "F.A." sobre Dunga.

Fiquem atentos a um praticante de luta -livre extremamente estúpido com roupa de neoprene querendo se mostrar para a melhor amiga da irmã adotiva e que veio de outra cidade -, depois voltou a examinar as ondas em busca de outras potenciais vítimas de afogamento.

- É isso - declarou Gina subitamente. - Estou apaixonada. Aquele salva-vidas é o homem com quem vou me casar.

Está vendo o que eu quis dizer? Total falta de discriminação.

- Você se casaria com qualquer cara de sunga - falei com repulsa.

- Não é verdade. - Gina apontou para um turista com as costas particularmente peludas, usando sunga, que estava a alguns metros de distância ao lado da esposa queimada de sol. - Eu não gostaria de casar com ele, por exemplo.

- Claro que não. Ele já tem dona.

Gina revirou os olhos.

- Você é estranha demais. Venha, vamos arranjar alguma coisa para beber.

Ficamos de pé e achamos os shorts e as sandálias, em seguida nos enfiamos neles. Deixando as toalhas onde estavam, atravessamos a areia quente até a escada íngreme que levava ao estacionamento onde Soneca tinha deixado o carro.

- Quero um *milk-shake* de chocolate - declarou Gina quando chegamos à calçada. - Não um daqueles metidos a besta, que servem por aqui. Quero um completamente artificial, cheio de química, que nem os do McDonald's.

- É, bem - falei tentando recuperar o fôlego. Não foi moleza subir aquela escadaria. E eu estou bastante em forma. Faço exercícios com uma fita de *kick-boxing* praticamente toda noite. - Você vai ter de ir a outra cidade para isso, porque não existem lanchonetes por aqui.

Gina revirou os olhos.

- Que cidade mais caipira! - reclamou fingindo indignação. - Não tem lanchonete, não tem sinais de trânsito, nem crime, nem ônibus.

Mas não estava falando sério. Desde que tinha chegado de Nova York, na véspera, Gina estava boquiaberta com minha vida nova: invej ando a gloriosa vista para o oceano da janela do meu quarto, fascinada pela habilidade culinária de meu novo padrasto, e sem desprezar nem um pouco as tentativas de meus me ios-irmãos para impressioná-la.

11

Nenhuma vez tinha dito, como eu esperava, a Sone ca ou Dunga - que pareciam loucos para atrair sua atenção - para se catarem.

- Meu Deus, Simon - disse ela quando eu a questionei sobre isso. - Eles são uns gatos. O que você espera que eu faça?

Como é que é? Meus meios-irmãos, gatos?

Acho que *não*.

Bom, se você quisesse um gato, não precisava procurar além do sujeito atrás do balcão do Jimmy's, o mercadinho logo em frente à escadaria da praia. Burro como um brinquedo inflável de piscina, mesmo assim Kurt - esse era o nome do cara, juro por Deus - era lindo de morrer, e depois de eu ter colocado diante dele a garrafa suada de Diet Coke que tinha apanhado no *freezer*, dei a velha examinada de cima a baixo. Ele estava profundamente absorvido num exemplar da *Surf Digest*, por isso não notou meu olhar de peixe mort o. Acho que eu estava bêbada de sol, ou algo assim, porque continuei ali parada espiando o Kurt,

mas na verdade estava pensando em outra pessoa.

Alguém em quem não deveria estar pensando de jeito nenhum.

Acho que foi por isso que, quando Kel y Prescott me disse oi, nem notei. Era como se ela nem estivesse ali.

Até que ela balançou a mão na frente da minha cara e disse:

- Olá, Terra para Suze. Câmbio, Suze.

Arranquei o olhar de Kurt e me peguei espiando Kel y, a presidente da turma do segundo ano, loura radiante e

vítima da moda. Vestia uma camisa social do pai, desabotoada para revelar o que havia por dentro, um biquíni de crochê verde-oliva. Tinha forro cor da pele, para a gente não ver através dos furos.

Parada ao lado estava Debbie Mancuso, a ex -namorada de meu irmão Dunga.

- Ah, meu Deus - disse Kel y. - Não fazia idéia de que você estava na praia hoje, Suze. Onde pôs sua toalha?

- Perto da torre do salva-vidas.

- Ah, meu Deus. Ótimo lugar. Nós estamos superlonge da escada.

Debbie falou casualmente demais:

- Eu notei o Rambler no estacionamento. Brad está aí, com a prancha?

Brad é o nome pelo qual todo mundo, menos eu, chama meu meio -irmão Dunga.

- É - disse Kel y. - E Jake?

Jake é o meio-irmão que eu chamo de Soneca. Por motivos que me são insondáveis, Soneca, que está no último ano da Academia da Missão, e Dunga, segundanista como eu, são considerados grandes partidos. Obviamente essas

garotas nunca viram meus meios -irmãos comendo. É uma visão absolutamente revoltante.

- Está - falei. E como sabia o que elas queriam, acrescentei: - Por que vocês duas não se juntam à gente?

- Legal - disse Kel y. - Vai ser manei...

Gina apareceu e Kel y parou no meio da frase.

13

Bem, Gina é o tipo de garota que faz as pessoas pararem as frases no me io para admirar. Mede cerca de 1,80m, e o fato de ter recentemente transformado o cabelo num esfregão de cachos eriçados cor de cobre, formando uma aura de dez ou doze centímetros em volta da cabeça, só a fazia parecer maior. Além disso, por acaso, estava usando um biquíni de vinil preto, sobre o qual tinha enfiado um short que parecia feito com as argolas de um monte de latas de refrigerante.

Ah, e o fato de que estivera no sol o dia inteiro havia escurecido sua pele normalmente café-com-leite até ficar na cor de um café pur o, o que sempre chocava quando combinado com um brinco no nariz e o cabelo laranja.

- Achei! - disse Gina empolgada, enquanto colocava uma embalagem de seis garrafas no balcão ao lado de minha Diet Coke. - É isso aí, cara. A perfeita combinação química.

- Ah, Gina - falei, esperando que ela não desejasse minha participação no consumo de nenhuma daquelas garrafas. - Essas são duas amigas da escola, Kel y Prescott e Debbie Mancuso. Kel y, Debbie, esta é Gina Augustin, uma amiga minha de Nova York.

Os olhos de Gina se arregalaram por trás dos óculos Ray Ban. Acho que ficou pasma com o fato de que, desde que tinha me mudado para cá, eu havia feito algumas amigas, algo que em Nova York eu certamente não tinha em grande quantidade, além dela. Mesmo assim conseguiu controlar a surpresa e disse muito educadamente:

14

- Como vão?

Debbie murmurou:

- Oi.

Mas Kel y foi direto ao ponto:

- Onde você conseguiu esse short incrível?

Foi enquanto Gina estava respondendo a ela que eu notei pela primeira vez os quatro jovens usando roupa de festa parados perto da gôndola de bronzeadores.

Você pode estar se perguntando como eu não os tinha notado antes. Bom, a verdade é que, até aquele momento específico, eles não estavam ali.

E, de repente, estavam.

Sendo do Brooklyn, já vi coisas muito mais estranhas do que quatro adolescentes vestindo roupa formal num mercadinho durante uma tarde de domingo na praia. Mas como aqui não era Nova York, e sim Califórnia, a visão era espantosa. Ainda mais espantoso era o fato de que os quatro estava m roubando uma embalagem de doze cervejas.

Não estou brincando. Uma embalagem de doze, em plena luz do dia, e eles vestidos nos trinques - as garotas até estavam com flores nos pulsos. Kurt não é um cientista espacial, verdade, mas certamente aqueles garot os não podiam pensar que ele iria deixá-los sair dali com sua cerveja - particularmente vestidos com roupas de baile de formatura.

Então levantei meus óculos Donna Karan para olhar melhor.

E foi aí que notei.

15

Kurt não ia fazer nada com aqueles garotos. Não mesmo.

Kurt não podia vê-los.

Porque estavam mortos.

Capítulo 2

Então, é isso mesmo. Eu consigo ver os mortos e falar com eles. É meu talento

"especial". Você sabe, aquele "dom" com que todos nós supostamente nascemos, que nos torna diferentes de todo mundo no planeta, mas que tão poucos de nós acabam descobrindo.

Descobri o meu por volta dos dois anos, mais ou menos na época em que conheci meu primeiro fantasma.

Veja bem, meu dom especial é ser uma mediadora. Eu ajudo a guiar as almas torturadas dos recém-falecidos até seus destinos pós -vida - quaisquer que sejam eles - em geral limpando a bagunça que deixaram para trás quando bateram as botas.

Algumas pessoas podem achar isso muito legal - você sabe, poder falar com os mortos. Deixe-me garantir que não é bem assim. Em primeiro lugar, com algumas poucas exceções, normalmente os mortos não têm nada muito 17

interessante a dizer. E em segundo, eu não posso andar por aí contando vantagem aos meus amigos sobre esse talento incomum. Quem iria acreditar ?

Bom, de qualquer modo lá estávamos nós, no mercadi nho Jimmy's: eu, Kurt, Gina, Kel y, Debbie e os fantasmas.

Uau!

Você pode estar se perguntando por que nesse ponto Kurt, Gina, Debbie e Kel y não saíram correndo gritando da loja. Até porque, olhando nova mente, aqueles garotos eram obviamente espíritos do mal. Estavam com aquela postura especial tipo *Olhem para mim! Eu estou morto! ,* que só as assombrações têm.

Mas é claro que Kurt, Gina, Debbie e Kel y não podiam ver esses fantasmas. Só eu. Porque eu sou a mediadora.

É um trabalho nojento, mas alguém tem de fazer.

Cá entre nós: naquele momento específico eu não estava muito a fim.

Isso porque os fantasmas se comportavam de um modo particularmente repreensível. Pelo que eu via, eles estavam tentando roubar c erveja. Não é uma coisa nobre em qualquer momento e, pensando bem, é ainda mais estúpida se por acaso você estiver morto. Não me entenda mal, os fantasmas bebem, sim. Na Jamaica, as pessoas tradicionalmente deixam copos de aguardente de coco para Chango Macho, o *espiritu de la buena suerte*. E, no Japão, os pescadores deixam saquê para os fantasmas de seus irmãos afogados. E dou -lhe minha palavra: não é só a evaporação que faz o

nível do líquido naqueles copos baixar. A maioria dos fantasmas gosta de uma boa bebida, quando conseguem uma.

Não, o que era estúpido no que aqueles fantasmas estavam fazendo era o fato de serem obviamente bastante novos nessa coisa de estar mortos, por isso ainda não se coordenavam muito bem. Não é fácil para os fantasmas levant ar coisas, mesmo coisas relativamente leves. É preciso um bocado de treino. Conheço fantasmas que são muito bons em chacoalhar correntes, jogar livros e até coisas mais pesadas - em geral contra a minha cabeça, mas isso é outra história.

Mas na maioria das vezes uma embalagem de doze cervejas está muito além das novas habilidades de um fantasma mediano, e aqueles panacas não iam conseguir. Eu teria dito isso a eles. Mas como era a única que podia vê -los - e que podia ver a embalagem de doze cervejas pairand o atrás da gôndola de bronzeadores, fora do alcance da visão de todos, menos da minha -, isso teria parecido meio estranho.

Mas eles captaram a mensagem mesmo sem eu falar nada. Uma das garotas -

uma loura com um vestido de festa azul -gelo - sibilou:

- Aquela de preto está olhando para a gente!

Um dos garotos - os dois estavam de smoking, ambos eram louros, ambos eram musculosos; o tipo básico de atleta - disse:

- Não. Ela está olhando para o Bain de Soleil.

Empurrei os óculos para o topo da cabeça, para el es verem que eu estava realmente encarando-os.

19

- Merda - disseram os garotos ao mesmo tempo. Largaram a embalagem de cerveja como se ela subitamente tivesse pegado fogo. A súbita explosão de vidro e cerveja fez com que todo mundo na loja -, menos eu, claro - pulasse de susto.

Kurt, atrás do balcão, ergueu os olhos do seu exemplar de *Surf Digest* e perguntou:

- Que diabo...?

Em seguida fez uma coisa muito surpreendente. Enfiou a mão sob o balcão e pegou um taco de beisebol. Gina observou isso com grande i nteresse.

- Vai fundo, meu querido - disse ela a Kurt.

Kurt pareceu não ouvir essas palavras de encorajamento. Ignorou a todos nós e deu um pulo até onde a embalagem de cervejas estava, atrás da gôndola de bronzeadores. Olhou para a sujeira espumante com v idro quebrado e papelão e perguntou de novo, em tom de lamento:

- Que diabo...?

Só que dessa vez não disse *diabo*, se é que você me entende.

Gina foi olhar a bagunça.

- Ah, que pena - disse ela cutucando um dos cacos maiores com sua sandália plataforma. - O que você acha que provocou isso, um terremoto?

Quando meu padrasto, levando -a do aeroporto para nossa casa, perguntou o que ela mais queria experimentar na Califórnia, Gina respondeu sem hesitação:

"Um grande terremoto." Terremoto era a única coisa que a gente não tinha muito em Nova York.

20

- Não houve terremoto - disse Kurt. - E essas cervejas são da geladeira que fica naquela parede lá atrás. Como vieram parar aqui?

Kel y e Debbie se juntaram a Gina e Kurt examinando os danos e imaginando a causa. Só eu fiquei para trás. Acho que poderia ter dado uma explicação, mas não creio que alguém fosse acreditar - pelo menos se eu dissesse a verdade. Bem, Gina provavelmente acreditaria. Ela sabia um pouquinho sobre o negócio de ser mediadora - mais do que todo mundo que eu conhecia, com a exceção, talvez, do meu meio-irmão mais novo, Mestre, e do padre Dom.

Mesmo assim o que ela sabia não era muito. Eu sempre meio que guardei meus negócios em segredo. Facilita as coisas, sabe.

Achei que seria mais sensato simples mente ficar de fora. Abri meu refrigerante e tomei um baita gole. Ah. Benzoato de potássio! Sempre bate fundo.

Só então, com os pensamentos em devaneio, notei a manchete na primeira página do jornal local. Anunciava: *Quatro mortos em acidente notu rno*.

- Talvez alguém tenha apanhado e fosse comprar - dizia Kel y - e no último minuto mudou de idéia e deixou ali na prateleira...

- É - interrompeu Gina entusiasmada. - E então um terremoto derrubou!

- Não houve terremoto - disse Kurt. Só que não parecia tão seguro quanto antes.
- Houve?

- Eu meio que senti alguma coisa - murmurou Debbie.

21

Kel y concordou:

- É, acho que eu senti também.

- Só por um minutinho - explicou Debbie.

- É - disse Kel y.

- Droga! - Gina pôs as mãos nos quadris. - Vocês estão dizendo que houve um

terremoto de verdade agora mesmo, e eu perdi?

Peguei um exemplar do jornal na pilha e desdobrei.

Quatro formandos da Escola Robert Louis Stevenson morreram tragicamente num acidente de carro ontem à noite enquanto voltavam de um baile. Felicia Bruce, 17 anos; Mark Pulsford, 18; Josh Saunders, 18; e Carrie Whitman, 18, foram declarados mortos no local depois de uma colisão de frente num trecho perigoso da auto -estrada Califórnia 1

que fez o carro atravessar uma barreira de segurança e cair no mar.

- Como é a sensação? - perguntou Gina. - Para eu saber, se houver outro.

- Bem - disse Kel y. - Esse não foi muito grande. Só foi... bem, se você passou por um bocado deles, meio que sabe, certo? É como uma sensação que a gente tem; na nuca. Os pêlos ficam arrepiados.

- É - concordou Debbie. - Foi isso que eu senti. Não tanto como se o chão se mexesse embaixo de mim, mas como se uma brisa fria passasse através de mim bem depressa.

- Exatamente - disse Kel y.

22

Uma névoa densa que veio do mar depois da m eia-noite de ontem, provocando baixa visibilidade e condições perigosas para dirigir ao longo do litoral conhecido como Big Sur, teria colaborado para o acidente.

- Isso não se parece com nenhum terremoto do qual eu já ouvi falar - declarou Gina, com o ceticismo nítido na voz. - Parece mais história de fantasma.

- Mas é verdade - insistiu Kel y. - Algumas vezes existem tremores que são tão pequenos que não dá para sentir realmente. São muito localizados. Por exemplo, há dois meses houve um terremoto que de rrubou um pedaço considerável de uma cobertura no pátio da nossa escola. E foi só isso. Nenhum outro dano aconteceu em outros lugares.

Gina não pareceu impressionada. Não sabia o que eu sabia, que aquele pedaço

do telhado da escola caiu não por causa de um terremoto, e sim por uma ocorrência sobrenatural provocada por uma discussão entre mim e um fantasma inconformado.

- Minha cadela sempre sabe quando vai haver um terremoto - disse Debbie. -

Ela não sai de baixo da mesa da piscina.

- Ela estava embaixo da mesa da piscina hoje de manhã? - quis saber Gina.

- Bem. Não...

O motorista do outro veículo, um menor cujo nome não foi revelado pela polícia, feriu-se no acidente, mas foi tratado 23

e liberado do Hospital Carmel. Ainda não se sabe se o álcool teve alguma participação no acidente, mas a polícia diz que estará investigando a questão.

- Olhem - disse Gina. Em seguida se abaixou e pegou alguma coisa no meio dos cacos. - Uma sobrevivente.

Ela ergueu uma garrafa de Budweiser.

- Bem - disse Kurt pegando a garrafa. - Já é alguma coisa, eu acho.

O sino na porta do Jimmy's tocou, e de repente entraram meus dois meios -

irmãos seguidos por dois de seus colegas surfistas. Tinham tirado as roupas de neoprene e abandonado as pranchas em algum lugar. Aparentemente estav am numa pausa para comer carne -seca, porque foi na direção dela, sobre o balcão, que se dirigiram.

- Oi, Brad - disse Debbie em tom de flerte.

Dunga se separou da carne-seca por tempo suficiente para dizer oi de volta, de um modo extremamente desajeitado - desajeitado porque, mesmo que fosse com Debbie que Dunga estava ficando, era de Kel y que ele realmente gostava.

Mas o pior era que, desde a chegada de Gina, ele também a vinha paquerando de modo escandaloso.

- Oi, Brad - disse Gina. Seu tom não era de fl erte. Gina jamais flertava. Era muito direta com os garotos. Por esse motivo, desde a sétima série não ficava sem alguém para sair nas noites de sábado. - Oi, Jake.

Com a boca cheia de carne, Soneca se virou para ela e piscou. Eu achava que Soneca tinha algum problema com drogas, mas depois descobri que ele está sempre desse jeito.

- Oi - disse Soneca. Em seguida engoliu e fez uma coisa extraordinária. Bem, pelo menos para Soneca.

Sorriu.

Foi realmente demais. Eu morava com esses caras há quase dois mes es, desde que mamãe tinha se casado com o pai deles e me feito mudar do outro lado do país para vivermos todos juntos e sermos Uma Grande Família Feliz, e durante esse tempo talvez eu tenha visto Soneca sorrir umas duas vezes. E agora ali estava ele, babando pela minha melhor amiga.

Fiquei enjoada, juro. Enjoada!

- E aí - disse Soneca. - Vocês vão voltar lá para baixo? Quero dizer, para a água?

- Bom - respondeu Kel y devagar. - Acho que depende...

Gina foi direto ao ponto:

- O que vocês vão fazer? - perguntou aos garotos.

- Vamos voltar e ficar mais uma hora, mais ou menos - respondeu Soneca. -

Depois vamos parar para comer uma pizza. Está a fim?

- Pode ser - disse Gina. E me olhou interrogativamente. - Simon?

Segui a direção de seu olhar, e vi que ela havi a notado o jornal na minha mão.

Coloquei-o de volta rapidamente.

25

- Claro - falei. - Tanto faz.

Achei que era melhor comer enquanto ainda podia. Estava com a sensação de que em breve ficaria bem ocupada.

26

Capítulo 3

Ah - disse o padre Dominic. - Os Anjos da RLS. Nem olhei para ele. Estava jogada numa das cadeiras que ele mantém diante de sua mesa, jogando um Gameboy que um dos professores tinha confiscado de algum aluno e que no fim foi parar na gaveta de baixo da mesa do diretor. Seria bom ter essa gaveta do padre Dom em mente quando o Natal chegasse. Tinha uma boa idéia de onde arranjar presentes para Soneca e Dunga.

- Anjos? - resmunguei, e não somente porque estava perdendo feio no Tetris. -

Não havia nada muito angélico neles, se é que o senhor quer saber.

- Eram jovens muito bonitos, pelo que eu soube. - O padre Dominic começou a remexer nas pilhas de papel sobre a mesa. - Líderes de turma. Jovens muito inteligentes. Acho que foi o diretor da escola que os chamou de Anjos da RLS no comunicado à imprensa sobre a tragédia.

27

- Hã. - Tentei virar um objeto de formato estranho e enfiar no pequeno espaço destinado a ele. - Anjos que estavam tentando levantar uma caixa de doze cervejas.

- Aqui. - O padre Dom achou um exemplar do jornal que eu tinha olhado na véspera, só que ele, diferentemente de mim, havia se dado ao trabalho de abri - lo.

Foi até o obituário, onde havia fotos dos falecidos. - Dê uma olhada, veja se são os jovens que você viu.

Entreguei-lhe o Gameboy.

- Termine esse jogo para mim - falei, pegando o jornal.

O padre Dominic olhou para o Gameboy, consternado.

- Minha nossa. Acho que eu não...

- É só girar as formas para fazer com que elas se encaixem nos espaços embaixo. Quanto mais fileiras o senhor completar, melhor.

- Ah - respondeu o padre Dominic. O Gameboy soltava *bings* e *bongs* enquanto ele apertava os botões freneticamente. - Minha nossa. Acho que qualquer coisa mais complicada do que um jogo de paciência no computador...

Sua voz sumiu enquanto se entretinha no jogo. Embora eu devesse estar lendo o jornal, olhei para ele.

É um velhinho gentil, o padre Dominic. Normalmente está furioso comigo, mas isso não significa que eu não goste dele. Na verdade eu estava ficando surpreendentemente ligada ao cara. Descobri que mal podia esperar, por exemplo, para vir correndo contar a ele sobre os garotos que tinha visto no mercadinho.

Acho que é porque, após 16 anos sem poder contar a ninguém sobre minha capacidade

"especial", finalmente havia alguém com quem podia me abrir, já que o padre Dom tinha a mesma capacidade "especial" - algo que descobri no primeiro dia na Academia da Missão Junípero Serra.

Mas o padre Dominic é um mediador muito melhor do que eu. Bem, talvez não melhor. Mas diferente, sem dúvida. Veja só, ele realmente acha que é melh or tratar os fantasmas com orientação gentil e conselhos sérios - e o mesmo se aplica aos vivos. Eu sou mais a favor de uma abordagem direto ao ponto, que tende a envolver meus punhos.

Bem, algumas vezes esses mortos simplesmente não ouvem.

Nem todos, claro. Alguns são ótimos ouvintes. Como o que mora no meu quarto, por exemplo.

Mas ultimamente venho fazendo o máximo para não pensar nele mais do que o necessário.

Voltei a atenção ao jornal que o padre Dom tinha me entregado. É, ali estavam eles, os Anjos da RLS. A mesma garotada que eu tinha visto antes no Jimmy's, só que nas fotos da escola não usavam roupas de festa.

O padre Dom estava certo. Eram bonitos. E inteligentes. E líderes. Felícia, a mais nova, fora chefe da torcida da escola. Mark Pulsford fora capitão do time de futebol. Josh Saunders tinha sido presidente da turma no último ano. Carrie Whitman tinha sido a rainha do baile das boas -vindas no último período - o que não é exatamente um cargo de liderança, mas mesmo assim era eleito de modo bastante

democrático. Quatro jovens inteligentes e bonitos, todos mortinhos da Silva.

E, pelo que eu sabia, a fim de barbarizar.

Os obituários eram tristes e coisa e tal, mas eu não tinha conhecido aquela gente. Eles estudavam na escola Robert Louis Stevenson , a maior rival da nossa. A Academia da Missão Junípero Serra, onde eu e meus meios -irmãos estudávamos, e da qual o padre Dom é o diretor, vive levando surras acadêmicas e esportivas da RLS. E ainda que eu não possua muito espírito escolar, sempre senti um a queda pelos perdedores - o que, em comparação com a RLS, a Academia da Missão é, sem dúvida.

Por isso não ia ficar toda sentida devido à perda de alguns alunos da RLS.

Especialmente sabendo o que eu sabia.

Não que soubesse grande coisa. Na verdade não sa bia nada. Mas na noite anterior, após voltar para casa depois da pizza com Soneca e Dunga, Gina havia sucumbido ao *jet lag* - nós temos três horas de diferença com relação a Nova York, de modo que, por volta das nove horas, Gina praticamente apagou no sofá -

cama que mamãe tinha comprado para ela dormir no meu quarto durante a estada.

Não me importei exatamente. O sol tinha me exaurido, de modo que fiquei bastante satisfeita em me sentar na cama, do outro lado do quarto, e fazer o dever de geometria que tinha prometido a mamãe que terminaria antes da chegada de Gina.

Foi mais ou menos nessa hora que Jesse se materializou de repente perto da minha cama.

- Shiu! - reagi quando ele começou a falar e apontei para Gina. Eu tinha lhe explicado, bem antes da chegada dela, que Gina vinha de Nova York ficar uma semana, e que eu agradeceria se ele fosse discreto durante a visita.

Não é exatamente uma piada ter de dividir o quarto com o inquilino anterior -

o *fantasma* do inquilino anterior, devo dizer, já que Jesse está morto há cerca de um século e meio.

Por outro lado, consigo entender muito bem a posição de Jesse. Não é sua culpa ter sido assassinado - pelo menos é como suspeito que ele morreu. Ele -

compreensivelmente - não se sente muito ansioso para falar sobre is so.

E acho que também não é culpa dele se, depois da morte, em vez de partir para o céu, ou para o inferno, ou para outra vida, ou sei lá para onde as pessoas vão depois que morrem, ele tenha acabado preso no quarto onde foi morto.

Porque, independentemente do que você possa pensar, a maioria das pessoas não vira fantasma. Graças a Deus. Se fosse assim, minha vida social seria tão... não que ela seja fantástica, para começar. As únicas pessoas que viram fantasmas são as que deixam algum tipo de negócio inac abado.

Não faço a menor idéia quanto ao que Jesse deixou inacabado - e a verdade é que também não creio que ele saiba. Mas não parece justo que, se estou destinada a dividir o quarto com o fantasma de um defunto, o defunto seja tão gato.Sério mesmo. Jesse é lindo demais para minha paz de espírito. Eu posso ser

mediadora, mas ainda sou humana, caramba.

31

Mas, de qualquer modo, ali estava ele, depois de eu ter lhe dito muito educadamente que passasse um tempo sem aparecer. Todo masculino, gato e coisa e tal na roupa de fora-da-lei do século XIX que ele sempre usa. Você conhece o tipo: com aquelas calças pretas justas e a camisa branca aberta até o...

- Quando ela vai embora? - perguntou Jesse, levando minha atenção do lugar até onde sua camisa se abria, rev elando abdominais extremamente musculosos, até o rosto. Um rosto que, como provavelmente não preciso enfatizar, é totalmente perfeito, a não ser por uma pequena cicatriz branca numa das sobrancelhas escuras.

Ele nem se incomodou em sussurrar. Gina não pode ria ouvi-lo.

-Já falei - respondi. Eu, por outro lado, tinha de sussurrar, uma vez que havia grande probabilidade de ser ouvida. - No domingo que vem.

- Tanto tempo assim?

Jesse estava irritado. Eu gostaria de dizer que ele estava irritado porque considerava cada momento que eu passava com Gina um momento roubado dele, e que se ressentia profundamente dela por causa disso.

Mas, para ser honesta, duvido tremendamente que fosse isso. Tenho quase certeza de que Jesse gosta de mim, e coisa e tal...

Mas só como amiga. Não de um modo especial. Por que deveria? Ele tem cento e cinqüenta anos - cento e setenta se você contar o fato de que estava com uns vinte quando

32

morreu. O que um cara que viveu cento e setenta anos de coisas poderia ver numa garota de dezesseis anos do segundo ano do segundo grau que nunca teve namorado e nem consegue passar no exame de motorista?

Não podia ser grande coisa.

Vamos encarar os fatos, eu sabia perfeitamente bem por que Jesse queria que Gina fosse embora.

Por causa de Spike.

Spike é o nosso gato. Digo "nosso" gato porque, apesar de os animais em geral não suportarem fantasmas, Spike desenvolveu uma estranha afinidade com Jesse. O seu afeto por Jesse equilibra, de certo modo, sua total falta de consideração para comigo, mesmo que se ja eu quem lhe dê comida, limpe sua caixa de areia e, ah, sim, o tenha resgatado de uma vida de privações nas malvadas ruas de Carmel.

E aquela coisa idiota demonstra um mínimo de gratidão por mim? De jeito nenhum. Mas Jesse, ele adora. Na verdade, Spike p assa a maior parte do tempo fora de casa e só se incomoda em aparecer quando sente que Jesse pode ter se materializado.

Como agora, por exemplo. Ouvi uma batida familiar no telhado da varanda -

Spike pousando depois de pular do pinheiro em que sempre sobe para chegar ali -

e depois o grande pesadelo laranja estava passando pela janela que eu tinha deixado aberta para ele, miando de dar dó, como se não tivesse sido alimentado há séculos.

Quando Jesse viu Spike, foi até ele e começou a coçá -lo atrás das orelhas, fazendo o gato ronronar tão alto que achei que fosse acordar Gina.

- Olhe - falei. - É só por uma semana. Spike vai sobreviver.

Jesse me olhou com uma expressão que parecia sugerir que eu havia escorregado alguns pontos na escala de QI.

- Não é com o Spike que estou preocupado.

Isso só serviu para me confundir. Eu sabia que não podia ser comigo que Jesse estava preocupado. Quero dizer, acho que entrei em algumas encrencas desde

que o conheci - encrencas das quais, com freqüência, Jesse teve de me tirar. Mas agora não estava acontecendo nada. Bem, fora os quatro garotos mortos que eu tinha visto à tarde no Jimmy's.

- É? - Olhei Spike virar a cabeça para trás num êxtase óbvio enquanto Jesse o coçava embaixo do queixo. - Então o que é? Gina é maneira, você sabe. Mesmo que ela descobrisse sobre você, duvido que iria sair correndo e gritando do quarto, ou sei lá o quê. Ela provavelmente só iria querer sua camisa emprestada uma hora dessas, ou algo do tipo.

Jesse olhou para minha hóspede. De Gina só dava pa ra ver uns calombos embaixo do edredom e um monte de caracóis cor de cobre espalhados no travesseiro embaixo da cabeça.

- Tenho certeza de que ela é muito... maneira – disse Jesse, meio hesitante.

Algumas vezes meu vocabulário do século XXI o incomoda. Mas tudo bem. Seu emprego freqüente do espanhol, língua da qual não falo uma palavra, me incomoda. - Só que aconteceu uma coisa...

Isso me deixou alerta. Ele parecia bastante sério. Tipo, talvez o que houvesse acontecido era que ele finalmente

percebeu que eu era a mulher perfeita para ele, e que durante todo esse tempo ele vinha lutando contra uma atração avassaladora por mim, e que finalmente teve de desistir da luta diante de mi nha incrível irresistibilidade.

Mas aí ele teve de dizer:

- Andei ouvindo umas coisas.

Afundei nos travesseiros, desapontada.

- Ah. Então você sentiu uma perturbação na Força, foi, Luke?

Jesse franziu as sobrancelhas, perplexo. É claro que não fazia idéia do que eu estava falando. Meus raros ataques de humor espirituoso são quase sempre desperdiçados com ele. Não é de se espantar que não esteja nem um pouquinho

apaixonado por mim.

Suspirei e disse:

- Então você ouviu algo de podre no reino dos fantasmas. O que foi?

Jesse costumava captar coisas que aconteciam no que eu gosto de cha mar de plano espectral, coisas que frequentemente não têm nada a ver com ele, mas que em geral terminam me envolvendo, muitas vezes de algum modo que põe minha vida em risco - ou pelo menos fazendo uma confusão terrível. Na última vez em que ele tinha "ouvido umas coisas" acabei quase sendo morta por um empresário imobiliário psicótico.

Então acho que dá para ver por que meu coração não fica exatamente empolgado quando Jesse diz que ouviu alguma coisa.

35

- Há alguns recém-chegados - disse ele enquanto continuava a acariciar Spike.

- Jovens.

Levantei as sobrancelhas, lembrando -me dos garotos vestidos com roupa de baile no Jimmy's.

- É?

- E estão procurando alguma coisa.

- É. Eu sei. Cerveja.

Jesse balançou a cabeça. Estava com uma expressão meio distante, e não olhava para mim, e sim meio que para além de mim, como se houvesse uma coisa bem distante, logo atrás do meu ombro direito.

- Não - disse ele. - Não é cerveja. Eles estão procurando alguém. E estão com raiva. - Seus olhos escuros entraram em foco e se cravaram no meu rosto. - Estão com muita raiva, Suzannah.

Seu olhar era tão intenso que tive de baixar o meu. Os olhos de Jesse são de um

castanho tão profundo, e muitas vezes não sei onde terminam suas pupilas e começam as íris. É meio irritante. Quase t ão irritante quanto o modo como ele sempre me chama pelo nome inteiro, Suzannah. Ninguém, além do padre Dominic, me chama assim.

- Com raiva? - Olhei para o caderno de geometria. Os garotos que eu vi não pareciam raivosos. Com medo, talvez, depois de perce berem que eu podia vê-los.

Mas não com raiva. Achei que ele devia estar falando de outras pessoas. - Tudo bem. Ficarei de olhos bem abertos. Obrigada - agradeci.

36

Jesse parecia a fim de dizer mais alguma coisa, mas de repente Gina rolou, levantou a cabeça e franziu os olhos na minha direção.

- Suze? - disse ela, sonolenta. - Com quem você está falando?

- Ninguém. - Rezei para que ela não pudesse ler a culpa na minha expressão.

Odeio mentir para Gina. Afinal de contas, ela é minha melhor amiga. - Por quê?

Gina se apoiou nos cotovelos e olhou boquiaberta para Spike.

- Então esse é o famoso Spike, de quem ouvi seus irmãos falarem tanto?

Nossa, ele é feio mesmo.

Jesse, que tinha ficado onde estava, ficou na defensiva. Spike era o seu xodó, e ninguém pode sair chamando o xodó de Jesse de feio.

- Ele não é tão mau - falei, esperando que Gina captasse a mensagem e calasse a boca.

- Você está fumando *crack*? Simon, esse negócio aí só tem uma orelha.

De repente, o grande espelho com moldura dourada acima da penteade ira começou a tremer. Ele tinha uma tendência a fazer isso sempre que Jesse ficava chateado, chateado de verdade.

Sem saber disso, Gina olhou o espelho numa empolgação crescente.

- Ei! - exclamou ela. - Isso aí! Mais um!

Queria dizer um terremoto, claro, m as este, como o anterior, não era terremoto. Era só Jesse soltando fogo pelas ventas.

37

A próxima coisa que eu vi foi um vidro de esmalte de unhas que Gina tinha deixado na penteadeira sair voando e, desafiando a lei da gravidade, pousar de cabeça para baixo na mala que ela havia posto no chão, perto do sofá -cama, a mais de dois metros de distância.

Provavelmente não preciso acrescentar que o vidro de esmalte - que era verde-esmeralda - estava sem tampa. E que foi parar em cima das roupas que Gina ainda não havia tirado da mala.

Gina soltou um grito agudo terrível, jogou o edredom longe e mergulhou no chão, tentando salvar o que pudesse. Enquanto isso, eu lançava um olhar raivoso para Jesse.

Mas tudo que ele disse foi:

- Não me olhe assim, Suzannah. Você o uviu o que ela falou sobre ele - Jesse parecia magoado. - Chamou de feio.

Resmunguei:

- Eu digo que ele é feio o tempo todo, e você nunca faz isso comigo.

Ele levantou a sobrancelha que tinha a cicatriz e falou:

- Bem, é diferente quando você diz.

E então, como se não suportasse nem mais um minuto, desapareceu abruptamente, deixando Spike muito desolado - e Gina muito confusa.

- Não entendo - disse ela enquanto levantava um maiô de oncinha que agora estava manchado, sem recuperação.

- Não entendo como isso aconteceu. Primeiro a cerveja naquele mercadinho e agora isso. Vou lhe contar, a Califórnia é esquisita.

38

Refletindo sobre tudo isso na sala do padre Dominic na manhã seguinte, acho que consegui entender como Gina se sentiu. Quero dizer, provavelmente p arecia que as coisas estavam voando um bocado ultimamente. O denominador comum, que Gina ainda não tinha notado, é que elas só voavam quando eu estava presente.

Tive a sensação de que, se ela ficasse a semana inteira, iria acabar sacando. E

rápido.

O padre Dominic estava vidrado no Gameboy que eu lhe dera. Larguei a página do obituário e disse:

- Padre Dom.

Seus dedos voavam freneticamente sobre os botões que controlavam as peças do jogo.

- Um minuto, por favor, Suzannah.

- Olha, padre Dom. - Balancei o jornal na sua direção. - São eles. Os garotos que eu vi ontem.

- Ahã - disse o padre. O Gameboy soltou bipes.

- Então acho que devemos ficar atentos. O Jesse me falou... - O padre Dominic sabia sobre Jesse, embora o relacionamento deles não fosse, digamos, do s mais íntimos: o padre D tinha um enorme problema com o fato de que, basicamente, havia um rapaz morando no meu quarto. Ele bateu um papo particular com Jesse, mas apesar de ter saído meio tranqüilizado - sem dúvida com o fato de que Jesse obviamente não tinha o menor interesse por mim, em termos amorosos -, mesmo assim ficava claramente desconfortável sempre que o nome de Jesse era citado, por isso eu só tentava mencioná -lo quando

39

era absolutamente necessário. Agora achei que fosse uma dessas ocasiões .

- Jesse falou que sentiu uma grande... é... agitação por lá. - Pousei o jornal e apontei para cima, por falta de uma direção melhor. - E muita raiva. Parece que temos uns turistas infelizes por aí. Disse que eles estão procurando alguém. A princípio achei que não podia estar falando desses caras - bati no jornal -, porque tudo que eles pareciam estar procurando era cerveja. Mas é possível que tenham outro objetivo. - Um objetivo mais assassino, pensei, mas não falei alto.

Mas o padre Dom, como acontecia s empre, pareceu ler meus pensamentos.

- Que coisa, Suzannah! - disse ele erguendo o olhar da tela do Gameboy. -

Você não pode estar pensando que esses jovens que você viu e a agitação sentida por Jesse tenham alguma relação, pode? Porque devo dizer que acho muito improvável. Pelo que eu soube, os Anjos eram apenas isso... verdadeiros faróis em sua comunidade.

Nossa! Faróis! Imaginei se havia alguém que algum dia falaria de mim como um farol, depois que eu morrer. Duvidei tremendamente. Nem minha mãe chegaria tão longe.

Mas guardei meus sentimentos. Sabia, pela experiência, que o padre D não ia gostar do que eu estava pensando, que dirá acreditar. Em vez disso falei:

- Bem, só fique de olhos abertos, certo? Avise se vir esse pessoal por aí. Quero dizer, os... é... Anjos.

- Claro. - O padre Dom balançou a cabeça. - Que tragédia! Coitados. Tão inocentes. Tão jovens. Ah. Minha nos sa.

- Ele levantou o Gameboy, sem jeito. - Pontuação máxima.

Foi então que decidi que eu tinha passado tempo suficiente na sala do d iretor para um dia só. Gina, que havia estudado comigo lá no Brooklyn, tirava férias de primavera num período diferente da Academia da Missão, por isso, enquanto passava as férias na Califórnia, precisava suportar alguns dias me seguindo de uma sala de aula à outra - pelo menos até eu descobrir um modo de matar aula

sem ser apanhada. Gina estava na aula de história geral, do sr. Walden, e eu não tinha dúvidas de que estava se metendo em todo tipo de encrenca enquanto eu ficava longe.

- Certo, então - falei me levantando. - Avise se souber de mais alguma coisa sobre esses garotos.

- Sim, sim - disse o padre Dominic com a atenção fixa de novo no Gameboy. -

Tchau.

Enquanto saía de sua sala, pude jurar que o ouvi dizer um palavrão depois que o Gameboy soltou um bipe de alerta. Mas isso seria tão improvável que devo ter ouvido mal.

É. Certo.

41

Capítulo 4

Quando voltei à aula de história geral, Kel y Pres cott, meu amigo Adam, Rob Kel eher - um dos atletas da turma e amigão do Dunga - e um garoto quieto cujo nome nunca lembro estavam acabando uma apresentação chamada Corrida Armamentista Nuclear: Quem Chegará na Frente?

Era uma tarefa idiota, se você me perguntasse. Digo, com a queda do comunismo na Rússia, quem se importava?

Acho que esse era o ponto. A gente dev eria se importar. Porque, como revelavam os cartazes que o grupo de Kel y estava segurando, havia alguns países com mais bombas e coisas parecidas do que nós.

- Certo - estava dizendo Kel y enquanto eu entrava e colocava o passe de saída na mesa do sr. Walden antes de ir para minha carteira. - Tipo, como vocês podem ver, os Estados Unidos têm um bom estoque de mísseis e coisa e 43

tal, mas quanto a tanques, os chineses têm sido bem melhores em incrementar seu aparato militar... - Kel y apontou para um punhado de pequenas bombas vermelhas em seu gráfico. - E eles poderiam nos aniquilar totalmente, se

quisessem.

- Só que - observou Adam - há mais armas de uso particular nos Estados Unidos do que em todo o exército chinês, de modo que...

- E daí? - perguntou Kel y. Eu podia sentir que havia alguma divisão entre as tropas daquele grupo específico. – De que adiantam armas particulares contra tanques? Tenho certeza de que todos vamos ficar atirando com nossas armas pessoais contra os tanques com os quais os chines es vão nos esmagar.

Adam revirou os olhos. Não estava exatamente empolgado por ficar num grupo com Kel y.

- É - disse Rob.

A nota para os trabalhos em grupo era dividida; eram dados trinta por cento pela participação. Acho que esse "é" foi a contribuição d e Rob.

O garoto cujo nome eu não sabia não disse nada. Era alto e magro, de óculos.

Tinha o tipo de pele branca e opaca que tornava óbvio que não ia muito à praia. O

Palm Pilot no bolso da camisa revelava por quê.

Gina, que estava sentada atrás de mim, se inclinou e me entregou um bilhete escrito numa página do caderno espiral em que estivera rabiscando.

Onde é que você esteve?

Peguei uma caneta e escrevi de volta: *Eu disse a você. O diretor queria me ver.Por quê?* , perguntou Gina. *Você andou armando seus velhos truques de novo?*

Não a culpei por perguntar. Digamos apenas que na nossa escola antiga, lá no Brooklyn, eu era obrigada a matar aula um bocado. Bem, o que você esperava? Eu era a única mediadora em todos os cinco distritos de Nova York. É muito fantasma! Aqui pelo menos eu tinha o padre D para ajudar de vez em quando.

Escrevi de volta: *Nada do tipo. O padre Dom é o conselheiro do nosso grêmio estudantil. Tive de verificar com ele uns gastos recentes.*

Achei que esse seria um tópico tão chato que Gi na iria deixar de lado, mas não fez isso, não mesmo.

E daí? O que foram? Quero dizer, os gastos?

De repente o caderno foi arrancado das minhas mãos. Ergui os olhos e vi Cee Cee, que sentava na minha frente nessa aula e havia se tornado minha melhor amiga desde que eu tinha me mudado para a Califórnia, rabiscar nele furiosamente. Alguns segundos depois ela o passou de volta.

Você soube? , tinha escrito Cee Cee em sua letra esparramada. *Sobre o Michael Meducci?*

Escrevi de volta: *Acho que não. Quem é Michael Me ducci?*

Quando leu o que eu tinha escrito Cee Cee fez uma careta e apontou para o garoto parado na frente da sala, o branque lo com o Palm Pilot.

Ah, murmurei. Bom, eu só estava na Academia da Missão há dois meses, desde janeiro. Então me processe se ain da não sabia o nome de todo mundo.

Cee Cee se curvou sobre o caderno, escrevendo o que parecia ser um romance. Gina e eu trocamos olhares. Gina pareceu achar divertido. Parecia achar toda a minha existência na Costa Oeste tremendamente divertida.

Por fim Cee Cee entregou o caderno. Tinha rabiscado nele: *Mike é que estava dirigindo o outro carro naquele acidente na Estrada Pacific Coast na noite de sábado. Você sabe, aquele em que morreram os quatro alunos da RLS.*

Uau, pensei. Essa é a vantagem de ser amiga da editora do jornal estudantil.

De algum modo Cee Cee sempre consegue saber tudo sobre todo mundo.

Ouvi dizer que ele vinha da casa de um amigo , escreveu ela. *Havia neblina, e acho que eles não se viram até o último minuto, quando todo mundo virou o*

volante. O carro dele subiu num barranco, mas o dos outros bateu na barreira de proteção e mergulhou sessenta metros dentro do mar. Todo mundo no outro carro morreu, mas Michael escapou só com duas costelas contundidas por causa do air -

bag. Levantei os olhos e espiei Mike Meducci. Não parecia um garoto que naquele fim de semana tinha se envolvido num acidente que matou quatro pessoas.

Parecia um garoto que talvez tivesse ficado acordado até tarde jogando videogame ou participando de uma sala de bate -papo sobre Guerra nas estrelas na internet.

Eu estava sentada muito longe para ver se os dedos dele, segurando o cartaz, 46

tremiam, mas na expressão tensa do seu rosto havia alguma coisa sugerindo que estavam.

É especialmente trágico, rabiscou Cee Cee, *quando a gente considera o fato de que no mês passado a irmã menor dele - você não a conhece, ela é da oitav a série*

- quase se afogou numa festa à beira da piscina e está e m coma desde então. Isso é que é maldição de família...

- Então, concluindo - disse Kel y, sem tentar fingir que não estava lendo numa ficha e juntando todas as palavras de modo que mal dava para perceber o que estava falando. - Os-Estados-Unidos-precisam-gastar-muito-mais-dinheiro-incrementando-seu-aparato-militar-porque-ficamos-atrasados-com-relação-aos-chineses-e-eles-podem-nos-atacar-quando-quiserem-obrigada.

O sr. Walden estivera sentado com os pés apoiados na mesa, olhando por cima de nossas cabeças, para o mar, que dá para ver claramente pelas janelas da maioria das salas de aula da Academia da Missão. Agora, ouvindo o silêncio súbito que caiu sobre a sala, levou um susto e baixou os pés no chão.

- Muito bem, Kel y - disse, ainda que obviamente não tivesse escutado uma palavra do que ela havia dito. - Alguém tem alguma pergunta para Kel y? Certo, ótimo, próximo grupo...

Então o sr. Walden piscou para mim.

- Hã... - disse ele numa voz estranha. - Sim?

Como eu não tinha levantado a mão nem indicado que tinha algo a dizer, fiquei meio pasma. Então uma voz atrás de mim disse: 47

- Hã, desculpe, mas essa conclusão de que nós, como país, precisamos começar a incrementar o arsenal militar para competir com os chineses me parece tremendamente mal concebida.

Virei-me lentamente na cadeira e olhei para Gina. Ela estava com uma expressão perfeitamente calma. Mesmo assim eu a conhecia.

Ela estava entediada. E esse era o tipo de coisa que Gina fazia quando estava entediada.

O sr. Walden se ajeitou ansioso na cadeira e disse:

- Parece que a convidada da srta. Simon discorda da conclusão à qual vocês chegaram, Grupo Sete. Como gostariam de responder?

- Mal concebida em que sentido? - perguntou Kel y, sem consultar qualquer um dos membros do grupo.

- Bem, eu só acho que o dinheiro do qual vocês estão falando seria mais bem gasto em outras coisas, além de garantir que nós tenhamos tantos tanques quanto os chineses - disse Gina. - Quero dizer, quem se importa se eles têm mais tanques do que nós? Eles não vão poder dirigir todos os tanques até a Casa Branca e dizer:

"Certo, rendam-se agora, porcos capitalistas." Puxa, há um oceano bem grande entre nós, não é?

O sr. Walden estava praticamente batendo palmas de alegria.

- Então como sugere que o dinheiro seja mais bem gasto, srta. Augustin?

Gina deu de ombros.

48

- Bem, em educação, é claro.

- De que adianta a educação - quis saber Kel y - quando há um tanque apontando para você?

Adam, parado junto de Kel y, revirou os olhos expressivamente.

- Talvez se nós educássemos melhor as gerações futuras - disse ele - elas possam evitar a guerra, através da diplomacia criativa e d o diálogo inteligente com os outros homens.

- É - concordou Gina. - O que ele disse.

- Com licença, mas vocês todos piraram? - perguntou Kel y.

O sr. Walden jogou um pedaço de giz na direção do Grupo Sete. O giz acertou o cartaz deles com ruído e quicou. E sse não era um comportamento incomum da parte do sr. Walden. Ele costumava jogar giz quando achava que não estávamos prestando atenção, particularmente depois do almoço, quando todos ficávamos meio atordoados por ter ingerido salsichas demais.

Incomum de verdade foi a reação de Mike Meducci quando o giz acertou o cartaz que ele estava segurando. Soltou o gráfico com um grito e se abaixou - se abaixou de verdade, com as mãos em cima do rosto - como se um tanque chinês estivesse indo em sua direção.

O sr. Walden não notou isso. Ainda estava furioso demais.

- A tarefa de vocês era levantar uma argumentação persuasiva - gritou para Kel y. - Querer saber se os detratores de sua posição piraram não é argumentar persuasivamente.

49

- Mas sério, sr. Walden - disse Kel y. - Se eles olhassem o gráfico, veriam que os chineses têm muito mais tanques do que nós, e nem toda a educação do mundo vai mudar isso...

Foi nesse ponto que o sr. Walden notou Mike saindo de sua posição defensiva.

- Meducci - disse ele resoluto. - O que há com você?

Percebi que o sr. Walden não sabia como Mike tinha passado o fim de semana.

Talvez também não soubesse da irmã em coma. Como Cee Cee conseguia descobrir essas coisas que nem nossos professores sabiam sempre foi um mistério para mim.

- N... nada - gaguejou Mike, parecendo mais pálido do que nunca. Havia algo estranho em sua expressão. Eu não conseguia identificar exatamente o que havia de errado, mas era algo a mais do que a típica falta de jeito dos nerds. - D...

desculpe, sr. Walden.

Scott Turner, um dos amigos de Dunga, sentado a algumas carteiras de onde eu estava, murmurou "D... desculpe, sr. Walden" em um sussurro esganiçado, mas mesmo assim suficientemente alto para ser ouvido por todo mundo na sala, especialmente por Michael, cujo ro sto pálido ganhou um pouquinho de cor quando os risinhos o alcançaram.

Como vice-presidente da turma do segundo ano é meu dever instilar disciplina nos colegas durante as reuniões do diretório. Mas eu levo as responsabilidades executivas bem a sério e costumo corrigir o comportamento dos meus colegas mais desordeiros sempre que acho necessário, não somente nas assembléias do diretório.

Por isso me inclinei e sussurrei:

- Ei, Scott.

Scott, ainda rindo de sua própria piada, me olhou. E parou de rir abruptamente.

Não sei exatamente o que eu ia dizer - teria de ter algo a ver com o último encontro de Scott com Kel y Preston e uma pinça - mas infelizmente o sr. Walden foi mais rápido.

- Turner - gritou ele. - Quero uma redação de mil palavras sobre a batalha de Gettysburg na minha mesa amanhã de manhã. Grupo Oito, prepare-se para fazer a apresentação amanhã. A turma está dispensada.

Não há sistema de campainha na Academia da Missão. Nós mudamos de sala a cada hora, e devemos fazer isso em silêncio. Todas as sa las de aula da Academia da Missão se abrem para caminhos cobertos, ao ar livre, que dão para o lindo pátio contendo um monte de palmeiras bem altas, uma fonte e uma estátua do fundador da missão, Junípero Serra. A Missão, com uns trezentos anos de idade, atrai um bocado de turistas, e o pátio é o ponto alto do passeio, depois da basílica.

O pátio é um dos meus locais prediletos para sentar e meditar sobre coisas como... ah, não sei: como tive a infelicidade de nascer uma mediadora e não uma garota normal, porque não consigo fazer Jesse gostar de mim, você sabe, daquele modo especial. O som da fonte borbulhando, o chilreio dos pardais nos caibros dos caminhos cobertos, o zumbido das asas dos beija-flores em volta dos hibiscos do 51

tamanho de pratos, a conversa em voz baixa dos turistas - que sentem a grandiosidade do lugar e baixam as vozes - tudo isso tornava o pátio da Missão um local tranqüilo onde se sentar e meditar sobre o destino.

Mas também era um dos locais preferidos pelas noviças para ficar parada s esperando estudantes inocentes passarem falando alto demais entre as aulas.

Mas ainda não fora criada uma noviça que mantivesse Gina quieta.

- Cara, aquilo foi uma tremenda besteira - reclamou ela em voz alta enquanto íamos até o meu armário. - Que tipo de conclusão foi aquela? Tenho toda a certeza de que os chineses virão em tanques para nos atacar! Mas como é que vão chegar aqui? Passando pelo Canadá?

Tentei não rir, mas era difícil. Gina estava escandalizada.

- Eu sei que aquela garota é presidente da turma - continuou ela -, mas por falar em loura burra...

Cee Cee, que estivera andando ao nosso lado, resmungou:

- Cuidado. - Não, como eu tinha pensado, porque, sendo albina, Cee Cee é a mais loura das louras, mas porque uma noviça estava lançando adagas pelos olhos na nossa direção, do outro lado do pátio.

- Ah, bom, é você - disse Gina quando notou Cee Cee, deixando totalmente de perceber seu olhar de alerta para a noviça e sem baixar a voz nem um pouco. -

Simon, a Cee Cee aqui disse que vai ao shopping depois da aula.

- É aniversário da minha mãe - explicou Cee Cee num pedido de desculpas. Ela sabe como eu me sinto com relação a shoppings. Gina, que sempre tivera uma espécie de memória seletiva, aparentemente havia esquecido. - Tenho de comprar um perfume, um livro, ou sei lá o quê para ela.

- O que você acha? - perguntou Gina. - Quer ir com ela? Eu nunca estive num verdadeiro shopping da Califórnia. Quero dar uma olhada.

- Você sabe que a Gap vende a mesma coisa em todo o país - falei enquanto girava a combinação da tranca do armário.

- Alooô! - respondeu Gina. - Quem se importa com a Gap? Estou falando de gatinhos.

- Ah. - Guardei o livro de história gera l e pesquei o de biologia, que era a próxima aula. - Desculpe. Esqueci.

- Esse é o seu problema, Simon - disse Gina se encostando no armário ao lado do meu. - Você não pensa em garotos o suficiente.

Bati a porta do armário.

- Eu penso um bocado em garotos.

- Não pensa não. - Gina olhou para Cee Cee. - Ela já saiu com algum desde que veio para cá?

- Claro que sim - respondeu Cee Cee. - Bryce Martinson.

- Não - falei.

Cee Cee ergueu a cabeça e me olhou. Ela era um pouco mais baixa do que eu.

- O que você quer dizer com "não"?

53

- Bryce e eu nunca saímos de verdade - expliquei, meio desconfortável. - Você se lembra, ele quebrou a clavícula...

- Ah, é. Naquele acidente maluco com o crucifixo. E depois se transferiu para outra escola.

É, porque aquele acidente maluco não foi nenhum acidente: o fantasma da namorada de Bryce tinha jogado o crucifixo nele, nu m esforço totalmente injusto de impedir que eu saísse com o cara.

O que, infelizmente, deu certo.

Então Cee Cee falou, toda animada:

- Mas sem dúvida você saiu com Tad Beaumont. Eu vi vocês dois juntos no Coffee Clutch.

Empolgada, Gina perguntou:

- Verdade? Simon saiu com um cara? Descreva.

Cee Cee franziu a testa.

- Bom, o negócio acabou não durando muito, não foi, Suze? Houve um acidente com o tio dele, ou sei lá o quê, e Tad teve de ir morar com uns parentes em São Francisco.

Tradução: depois de eu ter impedido o tio de Tad, um assassino em série psicótico, de matar nós dois, Tad foi morar com o pai.

Isso é que é gratidão, não é?

- Nossa! - disse Cee Cee, pensativa. - Parece que acontecem coisas ruins com os

caras com quem você sai, não é, Suze?

De repente me senti um pouco deprimida e falei:

- Nem todos. - Estava pensando em Jesse. Então me lembrei de que Jesse: 54

(a) estava morto, de modo que só eu podia vê -lo - portanto não é lá um material fantástico em termos de namorado - e (b) na verdade nunca tinha me convidado para sair, de modo que não se pode dizer que estávamos exatamente namorando.

Foi mais ou menos aí que alguma coisa passou zumbindo por nós, tão depressa que era apenas um borrão c áqui, seguido por um tênue cheiro levemente familiar de colônia masculina. Olhei em volta e vi que o borrão tinha sido Dunga.

Estava dando uma chave de cabeça em Michael Meducci enquanto Scott Turner metia um dedo na cara dele e rosnava:

- Você vai escrever aquela redação para mim, Meducci. Sacou? Mil palavras sobre Gettysburg para amanhã de manhã. E não se esqueça de digitar com espaços duplos.

Não sei o que me deu. Algumas vezes sou simplesmente dominada por impulsos sobre os quais não tenho o menor controle.

Mas de repente empurrei meus livros para Gina e fui até onde estava meu meio-irmão. Um segundo depois puxei um tufo do cabelo curto da sua nuca.

- Solte-o - falei torcendo com força os pêlos. Esse méto do de tortura, que eu tinha descoberto recentemente, era muito mais eficaz do que minha velha técnica de dar um floco na barriga de Dunga. Nas últimas semanas ele havia aumentado muito os músculos abdominais, sem dúvida como defesa contra esse tipo específico de ocorrência.

55

O único modo para ele me impedir de agarrá -lo pelo cabelo curto, no entanto, era raspar a cabeça, e isso aparentemente não lhe havia ocorrido.

Abrindo a boca para soltar um uivo, Dunga libertou Michael imediatamente.

Michael se afastou cambaleando, correndo para pegar os livros que tinha deixado cair.- Suze - gritou Dunga -, me solta!

- É - disse Scott. - Isso não tem a ver com você, Simon.

- Ah, tem sim. Tudo que acontece nesta escola tem a ver comigo. Sabe por quê? Dunga já sabia a resposta. Eu tinha deixado clara para ele em várias ocasiões anteriores.

- Porque você é a vice-presidente - disse ele. - Agora me solta, pô, ou eu juro que conto ao papai...

Soltei-o, mas só porque a irmã Ernestine apareceu. Aparentemente a noviça tinha ido chamá-la. Tornou-se uma política oficial da Academia da Missão pedir ajuda sempre que surgem brigas entre m im e Dunga.

- Algum problema, srta. Simon?

A irmã Ernestine, vice-diretora, é uma mulher muito gorda, que usa uma cruz enorme entre os seios igualmente notáveis. Tem uma capacidade incrível de evocar o terror onde quer que vá, só de franzir a testa. É um t alento que admiro e espero ser capaz de imitar algum dia.

- Não, irmã - falei.

Irmã Ernestine voltou a atenção para Dunga.

- Sr. Ackerman? Algum problema?

Carrancudo, Dunga massageou a nuca.

- Não, irmã - respondeu ele.

- Bom - disse a irmã Ernestine. - Fico feliz por finalmente vocês dois estarem se dando tão bem. Esse afeto fraterno é uma inspiração para todos nós. Agora vão logo para a aula, por favor.

Virei-me e me juntei a Cee Cee e Gina, que tinham ficado olhando a cena toda.

- Minha nossa, Simon - disse ela com nojo enquanto íamos para o laboratório de biologia. - Não é de se espantar que os caras daqui não gostem de você.

57

Capítulo 5

- Menina - disse Gina. - Isso é a sua cara. Cee Cee olhou para a roupa que Gina a havia convencido a comprar e depois induzido a vestir para nossa inspeção.

- Não sei - respondeu ela, em dúvida.

- É a tua cara - disse Gina de novo. - Estou dizendo. É a sua cara mesmo. Diga a ela, Suze.

- É chiquerésimo - falei com sinceridade. Gina levava jeito. Tinha transformado Cee Cee de um desafio à moda num exemplo da moda.

- Mas você não vai poder usar na escola - não pude deixar de observar. - É

curto demais. - Eu tinha aprendido, do modo mais difícil, que o código de vestimenta da Academia da Missão, ainda que bastante flexível, não admitia minissaias sob nenhuma circunstância. E eu duvidava tremen damente de que a irmã Ernestine aprovaria a nova blusa de

59

tricô de Cee Cee, que revelava o umbigo e tinha acabamento de pele falsa.

- Então onde é que eu vou usar?

- Na igreja - respondi dando de ombros.

Cee Cee me lançou um olhar bem sarcástico. Falei:

- Ah, certo. Bem, você pode definitivamente usar no Coffee Clutch. E nas festas.

O olhar de Cee Cee, por trás das lentes violeta dos óculos, era tolerante.

- Eu não sou convidada para festas, Suze – lembrou ela.

- Pode usar na minha casa - sugeriu Adam, solícito. O olhar espantado que Cee Cee lhe lançou me garantiu que, independentemente do quanto ela havia gastado na roupa (e devia ter custado vários meses de mesada, no mínimo) valera a pena: Cee Cee tinha uma paixonite secreta por Adam McTavish desde que eu a conhecia, e provavelmente desde muito antes disso.

- Certo, Simon - disse ela sentando-se numa das cadeiras de plástico duro que atulhavam a praça de alimentação. - O que você fez enquanto eu coordenava o guarda-roupa de primavera da srta. Webb?

Levantei minha bolsa da Music Town.

- Comprei um CD - falei pouco convincente.

Aparvalhada, Gina ecoou:

- Um o *quê*?

- Um CD. - Eu nem queria comprar, mas largada nas vastidões do shopping com instruções para comprar alguma

coisa nova, entrei em pânico e me enfiei na primeira loja que vi.

- Você sabe que os shoppings me dão sobrecarga sensorial - falei, explicando.

Gina balançou a cabeça, com os caracóis de cobre oscilando, e falou a Adam:

- A gente realmente não pode ficar furiosa com ela. Suze é tão bonitinha!

Adam afastou a atenção da nova roupa de Cee Cee para mim.

- É - disse ele. - É mesmo. - Então seu olhar passou para além de mim, e se arregalou. - Mas aí vêm algumas pessoas que eu não sei se acham o mesmo.

Virei a cabeça e vi Soneca e Dunga vindo na nossa direção. O shopping era como a segunda casa de Dunga, mas não dava para imaginar o que Soneca estaria fazendo ali. Todo o seu tempo livre entre a escola e as entregas de pi zzas (ele estava economizando para comprar um Camaro) geralmente era gasto

surfando. Ou dormindo.

Então ele se deixou cair numa cadeira perto de Gina e disse numa voz que eu nunca o tinha escutado usar:

- Oi, ouvi dizer que você estava aqui.

De repente tudo ficou claro.

- Ei - falei a Cee Cee, que ainda olhava fascinada na di reção de Adam. Dava para ver que minha amiga estava tentando deduzir exatamente o que ele queria dizer quando falou que ela podia usar a roupa nova em sua casa. Será que a estava assediando sexualmente (como sem dúvida ela esperava) ou apenas jogando conversa fora?

61

- Hein? - perguntou Cee Cee. E nem se incomodou em virar a cabeça na minha direção.

Fiz uma careta. Dava para ver que eu estava sozinha nessa.

- Já comprou o presente da sua mãe? - perguntei.

- Não - respondeu Cee Cee debilmente.

- Beleza. - Larguei o meu CD em seu colo. - Segure isso aí. Vou comprar para ela a última indicação da Oprah neste mês. O que acha?

- Parece fantástico - disse Cee Cee, ainda sem sequer me olhar, embora balançasse uma nota de vinte dólares.

Revirando os olhos, peguei a nota e saí batendo os pés antes que estourasse uma veia gritando o mais alto que podia. Você também teria gritado se tivesse visto o que eu vi ao sair da praça de alimentação: Dunga t entando desesperadamente espremer uma cadeira entre Soneca e Gina.

Não entendo. Verdade. Puxa, eu sei que provavelmente pareço insensível e até mesmo um pouco esquisita, com o negócio de ser mediadora, mas no fundo sou realmente uma pessoa que se importa. Sou bastante sensata e inteligente, e

algumas vezes até engraçada. E sei que não sou uma baranga. Quero dizer, eu faço escova no cabelo toda manhã, e já me disseram mais de uma vez (certo, quem disse foi mamãe, mas mesmo assim conta) que meus olhos parecem esmeraldas. E daí? Por que Gina tem dois caras brigando por sua atenção e eu não tenho nenhum? Puxa, nem os mortos parecem gostar muito de mim, e não acho que eles tenham muitas opções.

62

Ainda estava pensando nisso na fila do caixa da livraria, seguran do o livro para a mãe de Cee Cee. Foi então que uma coisa roçou no meu ombro. Virei -me e me peguei olhando para Michael Meducci.

- Hã - disse ele. Michael estava segurando um l ivro sobre programação de computadores. À luz fluorescente da loja parecia mais macilento do que nunca. -

Oi. - Ele tocou os óculos nervosamente, como se quisesse garantir que estavam ali. - Achei que era você.

- Oi, Michael - falei, e andei mais um pouco na fila.

Michael andou também.

- Ah, você sabe o meu nome. - Ele pareceu satisfeito.

Não falei que, até aquele dia, eu não fazia a mínima idéia. Só disse:

- É. - E sorri.

Talvez o sorriso tenha sido um erro. Porque Michael chegou um pouco mais perto e falou entusiasmado:

- Eu só queria agradecer. Pelo que você fez com seu... é... meio-irmão hoje.

Você sabe. Obrigar ele a me soltar.

- É - falei de novo. - Bem, não se preocupe com isso.

- Não, sério. Ninguém nunca fez algo assim por mim. Quero dizer, antes de você vir estudar na Missão, ninguém enfrentava Brad Ackerman. Ele se dava bem

com tudo. Praticamente até com assassinato.

- Bem. Não se dá mais.

- Não - disse Michael com um riso nervoso. - Não mais.

A pessoa na minha frente chegou ao caixa e eu ocupei o lugar dela. Michael também andou, só que foi um pouco demais, e acabou trombando em mim. Falou: 63

- Ah, desculpe. - E recuou.

- Tudo bem. - Comecei a desejar ter ficado com Gina, ainda que isso significasse uma hemorragia cerebral.

- Seu cabelo tem um cheiro muito bom - disse Michael em voz baixa.

Ah, meu Deus. Achei que ia ter um a neurisma ali mesmo. *Seu cabelo tem um cheiro muito bom? Seu cabelo tem um cheiro muito bom?* Quem ele pensava que era? James Bond? Não se diz a alguém que seu cabelo tem um cheiro bom. Não numa loja.

Felizmente o caixa gritou:

- O próximo!

E me adiantei para pagar a compra, pensando que quando me virasse de novo Michael teria sumido.

Errada. Muito errada.

Não somente ele ainda estava ali, como por acaso já tinha comprado o livro sobre programação de computadores - *só estava carregando o dito cujo* - de modo que nem precisou parar no caixa... onde eu planejava me livrar dele.

Não. Ah, não. Em vez disso me seguiu para fora da loja.

Certo, falei comigo mesma. A irmã do cara está em coma. Foi a uma festa na piscina e acabou dependendo de aparelhos para viver. Isso deve acabar com uma pessoa. E o acidente de carro? O cara simplesmente passou por um acidente de

carro horroroso. É totalmente possível que tenha matado quatro pessoas. Quatro pessoas! Não de propósito, claro. Mas quatro pessoas mortas enquanto você escapou totalmente incólume! Isso e a irmã em coma... bem, é de deixar o cara abalado, certo?

64

Por isso pegue leve. Seja um pouco legal com ele.

O problema é que eu já havia sido um pouco legal com ele, e olha o que aconteceu: o cara estava praticamente me p erseguindo.

Michael me acompanhou direto até a Victoria's Secret, para onde eu tinha ido instintivamente, achando que nenhum garoto acompanharia uma garota até um lugar onde sutiãs eram exibidos de modo tão proeminente. Cara, como estava errada!

- E aí, o que você achou da apresentação do nosso grupo? - quis saber Michael. E eu fiquei ali examinando um sutiã com estampa de guepardo, em raiom. - Concorda com sua... é... amiga, que o argumento de Kel y era fátuo?

Fátuo? Que tipo de palavra era essa?

Uma vendedora chegou perto de nós antes de eu ter chance de responder.

- Olá - disse ela, animada. - Já viu nossa banca de ofertas? Se comprar três calcinhas leva mais uma de graça.

Não pude acreditar que ela disse a palavra *calcinha* na frente de Michael. E não pude acreditar que Michael só ficou ali parado *sorrindo*! Eu nem conseguia dizer a palavra calcinha na frente da minha *mãe*! Girei e saí da loja.

- Normalmente eu não venho ao shopping - estava dizendo Michael. Estava grudado em mim como uma sanguessuga. - Mas quando soube que você ia estar aqui, bem, pensei em dar um pulo. Você vem muito?

Eu estava tentando ir na direção da praça de alimentação, com vaga esperança de conseguir despistar Michael

65

na multidão diante do Chick Fil -A. Mas era difícil andar. Para começo de conversa, parecia que praticamente toda a garotada da península tinha decidido ir ao shopping depois da escola. E além disso o shopping tinha tido um daqueles eventos, você sabe, que os shoppings sempre têm. Esse era algum tipo de carnaval fajuto, com carros alegóricos, máscaras douradas, colares e coisa e tal.

Acho que tinha sido um sucesso, já que eles haviam deixado boa parte das coisas por ali, tipo uns enormes bonecos brilhantes, em roxo e dourado. Maiores do que o tamanho de uma pessoa, os bonecos eram suspensos no teto de vidro do pátio do shopping. Alguns tinham cinco ou seis metros de altura. Seus membros balançavam de um modo que imagino que deveria ser aleatório, mas em alguns casos isso tornava difícil a gente manobrar na multidão.

- Não - falei respondendo à pergunta de Michael. – Eu tento nunca vir aqui.

Odeio.

Michael se animou.

- Verdade? - falou empolgado enquanto uma onda de estudantes mais novos passava em volta dele. - Eu também! Uau, que coincidência! Sabe, não há muita gente da nossa idade que não goste de lugares assim. O homem é um animal social, você sabe, por isso costuma ser atraído para áreas de congregação. Na verdade, o fato de você e eu não estarmos nos divertindo indica alguma disfunção biológica.

Ocorreu-me que meu meio-irmão mais novo, Mestre, e Michael Meducci possuíam muita coisa em comum.

Também me ocorreu que dizer a uma garota que ela está sofrendo de disfunção biológica não é exatamente o modo de ganhar seu coração.

- Talvez você e eu pudéssemos ir a um lug ar mais calmo - disse Michael enquanto nos livrávamos de uma grande mão pendurada num boneco com riso insano uns cinco metros acima de nós. - Eu estou com o carro da minha mãe. A gente poderia ir tomar um café, ou algo assim, na cidade, se você quiser...

Foi então que ouvi. Um risinho familiar.

Não pergunte como pude ouvir no meio de toda a tagarelice em volta de nós, da música de fundo e do grito de um menino cuja mãe não queria deixar que ele tomasse sorvete. Ouvi. E isso é tudo.

Riso. O mesmo riso que tinha ouvido no dia anterior no Jimmy's, bem antes de ver os fantasmas daqueles quatro garotos mortos.

E a próxima coisa que eu soube é que houve um estalo alto - o tipo de som que um elástico muito esticado faz ao se arrebentar. Gritei:

- Cuidado! - E me choquei contra Michael Meducci, jogando -o no chão.

E foi uma coisa boa. Porque um segundo depois, exatamente onde a gente estivera, caiu com estardalhaço a cabeça de um boneco, gigantesca e sorridente.

Quando a poeira baixou, levantei o rosto da frente da ca misa de Michael Meducci e olhei para aquilo. Não era feito de papel machê, como eu tinha pensado. Era feito de

gesso. Havia pedaços de gesso em toda parte; nuvens de gesso ainda flutuavam, me fazendo tossir. Pedaços de gesso tinham sido arrancados do r osto do boneco, de modo que, apesar de ele continuar me espiando, fazia isso apenas com um olho e um sorriso desdentado.

Por alguns instantes não houve qualquer som além de minha tosse e da respiração insegura de Michael.

Então uma mulher gritou.

E se estabeleceu o pandemônio. As pessoas se trombavam num esforço para sair de baixo dos bonecos, como se todos fossem despencar ao mesmo tempo.

Acho que não podia culpá-las. O negócio devia pesar uns cem quilos, pelo menos. Se tivesse caído em cima de Michael, el e estaria morto, ou pelo menos muito ferido. Disso eu não tinha dúvida.

Assim como não havia dúvida, mesmo antes de eu tê -lo visto, de quem era a voz zombeteira que falou apenas um segundo depois:

- Bem, olha só o que temos aqui. Não é *aconchegante?*

Ergui a cabeça e vi que Dunga - com Gina ofegante, Cee Cee, Adam e Soneca -

tinham vindo correndo.

Eu nem havia notado que ainda estava em cima de Michael, até que Soneca estendeu a mão e me puxou.

- Por que é que você não consegue ficar sozinha por cinco minuto s sem que alguma coisa despenque em cima de você? - perguntou meu meio-irmão numa voz entediada.

Olhei-o furiosa enquanto me levantava. Preciso dizer: mal posso esperar até que Soneca vá para a faculdade.

- Ei - disse Soneca, estendendo a mão para dar uns dois tapas no rosto de Michael, acho que numa tentativa equivocada de reanimá -lo, mas duvido de que esse seja um método autorizado pelo Ministério da Saúde. Os olhos de Michael estavam fechados, e mesmo podendo ver que ele estava respirando, sua aparên cia não era boa.

Mas os tapas funcionaram. As pálpebras de Michael se abriram.

- Você está bem? - perguntei preocupada.

Ele não viu a mão estendida. Tinha perdido os óculos. Tateou procurando -os em meio ao pó de gesso.

- M... meus óculos - disse ele.

Cee Cee os encontrou, pegou e limpou do melhor modo possível antes de devolvê-los.

- Obrigado. - Michael pôs os óculos, e seus olhos, por trás das lentes, ficaram muito grandes quando ele percebeu a carnificina ao redor. O boneco o havia errado, mas conseguiu acertar um banco e uma lata de lixo de aço sem qualquer problema.

- Ah, meu Deus - disse ele.

- Nem fale - confirmou Adam. - Se não fosse a Suze você teria sido morto, esmagado por uma cabeça de boneco gigante. Modo meio idiota de morrer, não é?

Michael continuou olhando para o entulho.

- Ah, meu Deus - disse de novo.

- Você está bem, Suze? - perguntou Gina, pondo a mão no meu braço.

Confirmei com a cabeça.

- É, acho que sim. Pelo menos não tenho nenhum osso quebrado. Michael? E

você? Ainda está inteiro?

- Como é que ele vai saber? - perguntou Dunga com um riso de desprezo, mas lancei um olhar furioso e acho que ele se lembrou de como consigo puxar cabelos, já que dessa vez ficou quieto.

- Estou bem - respondeu Michael. Em seguida empurrou para longe as mãos que Soneca havia estendido para ajudá -lo a ficar de pé. - Me deixa em paz. Eu disse que estou bem.

Soneca recuou.

- Epa! Desculpe, eu só estava tentando ajudar. Venha, Gi. Nosso *milk-shake* está derretendo.

Espera um minuto. Lancei um olhar espantado na direção da minha melhor amiga e do meu meio-irmão mais velho. Gi? Quem é Gi?

Cee Cee pescou uma bolsa embaixo das ondas de material brilhante roxo e dourado.

- Ei - disse ela, encantada. - É esse o livro que você comprou para minha mãe?

Vi que Soneca estava voltando para a praça de alimentação com o braço em volta de Gina. Gina. Minha melhor amiga! Minha melhor amiga parecia estar deixando meu meio-irmão lhe pagar um *milk-shake* e passar o braço em volta dela! E chamá-la de Gi!

Michael tinha ficado de pé. Alguns guardas do shopping chegaram bem nessa hora e começaram:

- Ei, cara, vá com calma. Há uma ambulância a caminho.

Mas Michael, com um movimento violento, se livrou deles e, com um último olhar incompreensível para a cabeça do boneco, se afastou cam baleando, com os policiais indo atrás obviamente preocupados com a possibilidade de uma concussão... ou um processo judicial.

- Uau - disse Cee Cee, balançando a cabeça. - Isso é que é gratidão por você.

Você salva a vida do cara e ele vai embora sem nem m esmo agradecer.

- É - concordou Adam. - Suze, como é que, sempre que alguma coisa está para cair em cima da cabeça de um cara, você fica sabendo e tira a vítima do caminho pulando em cima dela? E como é que eu posso fazer alguma coisa cair na minha cabeça para você pular em cima de mim?

Cee Cee deu-lhe um soco na barriga. Adam fingiu que doeu e ficou cambaleando comicamente durante um tempo, antes de quase tropeçar no boneco e depois parar para olhá-lo.

- O que será que causou isso? - perguntou. Alguns empregados do shopping estavam ali agora, imaginando a mesma coisa, com muitos olhares nervosos na minha direção. Se soubessem que minha mãe era jornalista de TV provavelmente estariam fora de si na tentativa de me dar vales grátis para o Casual Corner e coisas assim.

- Quero dizer, é meio estranho pensar isso – continuou Adam. - O negócio ficou lá em cima durante semanas, e de repente Michael Meducci pára embaixo e... - Bum - disse Cee Cee. - Meio, tipo... não sei. Alguém lá em cima está querendo acabar com ele, ou sei lá.

71

O que me fez lembrar. Olhei em volta, pensando que poderia ver o dono da risadinha que escutei logo antes de o boneco despencar em cima de nós.

Não vi ninguém, mas não importa. Eu sabia quem estava por trás disso.

E com certeza não era um anjo.

72

Capítulo 6

- Bem - disse Jesse quando contei tudo naquela noite -, você sabe o que tem de fazer, não sabe?

- É - falei mal-humorada, com o queixo nos joelhos. - Tenho de contar sobre a vez em que achei aquela revista de mulher pelada embaixo do banco da frente do Rambler. Isso deve fazer com que ela mude de idéia rapidinho.

A sobrancelha com cicatriz se ergueu.

- Suzannah. De quê você está falando?

- De Gina - respondi, surpresa por ele não saber. - E Soneca.

- Não. Eu estou falando do garoto, S uzannah.

- Que garoto? - Então me lembrei. - Ah, do Michael?

- É. Se o que você contou é verdade, ele está correndo muito perigo, Suzannah.

- Eu sei. - Apoiei-me nos cotovelos. Nós dois estávamos sentados no telhado da varanda da frente, que por acaso se

73

projetava abaixo da janela do meu quarto. Era bem legal ali fora, sob as estrelas.

Nós estávamos suficientemente alto para ninguém ver - não que alguém além de mim e do padre Dom pudesse ver Jesse - e o cheiro era bom por causa do

pinheiro gigante ao lado da varanda. Nesses dias era o único lugar em que podíamos ficar conversando sem medo de ser interrompidos por pessoas. Bem, só por uma pessoa: minha hóspede Gina.

- Então, o que você vai fazer? - Ao luar, a camisa branca de Jesse parecia azul.

Bem como os reflexos em seu cabelo preto.

- Não tenho idéia.

- Não?

Jesse me olhou. Odeio quando ele faz isso. Eu me sinto... sei lá. Como se ele estivesse me comparando mentalmente com alguém. E a única pessoa em quem conseguia pensar era Maria da Silva, a garota com quem Jesse ia se casar quando morreu. Já vi um retrato dela. Era uma gata, para a década de 1850. Vou lhe contar, não é divertido ser comparada com uma garota que morreu antes mesmo de a gente ter nascido.

E que sempre tinha uma saia -balão para esconder o tamanho da bunda.

- Você vai ter de encontrá-los - continuou Jesse. - Os Anjos. Porque, se eu estiver certo, aquele garoto não estará em segurança enquanto eles não forem convencidos a ir em frente.

Suspirei. Jesse estava certo. Jesse estava sempre cer to. Só que rastrear um bando de fantasmas festeiros não era nem

um pouco o que eu queria fazer enquanto Gina estivesse na cidade.

Por outro lado, ficar comigo não era exatamente o que Gina parecia a fim de fazer.

Levantei-me e andei com cuidado pelas t elhas da varanda, depois me inclinei para olhar pela janela do meu quarto. O sofá -cama estava vazio. Desci até Jesse e me sentei ao lado dele outra vez.

- Minha nossa - falei. - Ela ainda está lá.

Jesse me olhou enquanto o luar brincava no pequeno sorriso em seu rosto.

- Você não pode culpá-la por estar interessada no seu irmão.

- Meio-irmão. E, sim, posso. Ele é um rato. E está com ela na toca.

O sorriso de Jesse ficou mais largo. Até seus dentes pareciam azuis ao luar.

- Eles só estão jogando no computado r, Suzannah.

- Como é que você sabe? - Então me lembrei. Ele era um fantasma. Podia ir a qualquer lugar. - Bem, claro. Talvez na última vez em que você olhou. Quem sabe o que estão fazendo agora?

Jesse suspirou.

- Quer que eu olhe de novo?

- Não. - Eu estava horrorizada. - Não me importa o que ela faz. Se Gina quiser ficar com um tremendo fracassado como o Soneca, não posso impedir.

- Brad também estava lá - observou Jesse. - Na última vez em que olhei.

- Ah, fantástico. Então ela está com dois fracassa dos.

- Não entendo por que você fica tão infeliz com isso. - Jesse havia se deitado nas telhas, contente como eu nunca tinha visto. - Eu gosto muito mais assim.

- Assim, como? - reclamei. Não conseguia me sentir tão confortável quanto ele.

As agulhas de pinheiro ficavam espetando minha bunda.

- Só nós dois - disse ele dando de ombros. - Como sempre foi.

Antes que eu tivesse chance de responder ao que - pelo menos para mim -

parecia uma confirmação extraordinariamente sincera e talvez até romântica, faróis surgiram na entrada de veículos e Jesse olhou para além de mim.

- Quem é?

Não olhei. Não me importava. Disse:

- Um dos amigos de Soneca, tenho certeza. O que você estava dizendo mesmo? Sobre como gosta de sermos só nos dois?

Mas Jesse estava forçando a vist a na escuridão.

- Não é um amigo de Jake - disse ele. - Está trazendo muito... medo. Será que poderia ser o garoto, Michael?

- O *quê*?

Girei e, agarrando a beira do telhado, vi uma perua vindo pela entrada de veículos e parando atrás do carro da minha mãe.

Um segundo depois Michael Meducci saiu de trás do volante e, com um olhar nervoso para a porta da frente de casa, começou a andar em sua direção, com a expressão decidida.

- Ah, meu Deus - exclamei, recuando da beira do telhado. - Você está certo! É

ele! O que eu faço?

Jesse apenas balançou a cabeça.

- O que quer dizer com "o que eu faço"? Você sabe o que fazer. Já fez isso centenas de vezes. - Quando continuei a encará-lo ele se inclinou para a frente, até estar com o rosto a centímetros do meu.

Mas em vez de me beijar como esperei por um louco momento com o coração martelando, ele falou, enunciando claramente:

- Você é uma mediadora, Suzannah. Vá mediar.

Abri a boca para informar que duvidava tremendamente de que Michael estivesse em minha casa porque queria ajuda com seu problema de *poltergeists*, considerando que ele não podia saber que eu atuava no ramo de fantasmas. Era

muito mais provável que tivesse vindo me convidar para sair. Um encontro. Algo que eu tinha certeza de que jamais ocorreu a Jesse, j á que os jovens não costumavam ter encontros quando ele estava vivo, mas que acontecia com alarmante regularidade com as garotas do século XXI. Bem, não comigo, necessariamente, mas com a maioria das garotas.

Eu estava para dizer que isso ia arruinar nossa maravilhosa oportunidade de ficar juntos quando a campainha tocou, e no fundo da casa ouvi Mestre gritar:

- Eu atendo!

- Ah, meu Deus - falei, e pousei a cabeça nas mãos.

- Suzannah - disse Jesse. Havia preocupação em sua voz. - Você está bem?

Eu me sacudi. Em que estava pensando? Michael Meducci não estava na minha casa para me convidar para sair. Se quisesse isso teria ligado, como uma pessoa normal. Não, ele estava aqui por algum outro motivo. Eu não tinha com o que me preocupar. De jeito nenhum.

- Estou bem - falei e me levantei lentamente.

- Você não parece bem.

- Estou. - Comecei a engatinhar de volta para o quarto, me esgueirando pela janela que Spike usava.

Tinha passado a maior parte do corpo quando houve a batida inevitável na minha porta.

- Entre - falei de onde estava, desmoronada contra o banco da janela, e Mestre abriu a porta e enfiou a cabeça no quarto.

- Ei, Suze - sussurrou ele. - Tem um cara aqui querendo ver você. Acho que é o cara de quem vocês estavam falando no jantar. Você sabe, o cara do shopping.

- Sei - falei para o teto.

- Bem. - Mestre ficou meio sem jeito. - O que eu devo fazer? Quero dizer, sua mãe me mandou aqui para avisar. Devo dizer que você está no banho ou alguma coisa assim? - A voz de Mestre ficou meio seca. - É o que as garotas sempre mandam os irmãos dizerem quando meus amigos e eu tentamos ligar para elas.

Virei a cabeça e olhei para Mestre. Se eu tivesse de escolher um dos irmãos Ackerman para ficar comigo numa ilha deserta, a escolha seria definitivamente Mestre. Ruivo e sardento, ainda não tinha crescido para se ajustar às 78

orelhas enormes, mas com apenas doze anos era de longe o mais inteligente dos meus meios-irmãos.

A idéia de alguma garota inventando desculpa para não falar com ele fez meu sangue ferver.

Sua declaração cutucou minha consciência. Claro que eu não ia inventar uma desculpa. Michael Meducci pode ser um *nerd*. E pode não ter agido com classe no shopping. Mas ainda era um ser humano.

Eu acho.

- Diga a ele que já vou descer - falei.

Mestre ficou visivelmente aliviado. Riu, revelando na boca o aparelho brilhante.

- Certo - disse ele. E desapareceu.

Levantei-me devagar e fui até o espelho acima da penteadeira. A Califórnia tinha melhorado muito minha pele e meu cabelo. A pele - apenas levemente bronzeada graças ao filtro solar fator 15 - era bonita sem maquiagem, e eu tinha desistido de tentar alisar meu longo cabelo castanho e simplesmente deixava ficar encaracolado. Um pouquinho de brilho labial e eu estava a caminho. Não me incomodei em trocar a calça cargo e a camiseta. Afinal de contas, não queria sobressair tanto.

Michael estava me esperando na sala de estar, as mãos enfiadas nos bolsos da calça, olhando os muitos retratos es colares de mim e meus meios -irmãos, pendurados na parede. Meu padrasto estava sentado na poltrona onde nunca se senta, falando com Michael. Quando entrei ele se calou e ficou de pé.

79

- Bem - disse Andy, depois de alguns segundos de silêncio. - Vou deixar vocês dois a sós, então. - Depois saiu da sala, mesmo dando para ver qu e não queria fazer isso. O que era meio estranho, já que em geral Andy só demonstra um interesse superficial nos meus casos, a não ser quando eles envolvem a polícia.

- Suze - disse Michael quando Andy havia saído. Sorri para ele encorajando-o, já que o sujeito parecia a ponto de morrer de nervosismo.

- Oi, Mike. Você está bem? Não houve danos permanentes?

Ele falou com um sorriso que imaginei ser destinado a se igualar ao meu, mas que na verdade era muito débil.

- Não houve danos permanentes. A não ser ao meu orgulho.

Num esforço para reduzir a energia nervosa na sala, deixei -me cair numa das poltronas de mamãe - a que tem a capa do Pottery Barn, por causa da qual ela vive gritando com o cachorro para não subir em cima - e falei:

- Ei, não foi sua culpa o pessoal do shopping fazer um serviço vagabundo na hora de pendurar os enfeites de carnaval.

Observei-o atentamente para ver como ia responder. Será que ele sabia?

Michael se deixou afundar na poltrona diante da minha.

- Não é isso que eu quis dizer. Quis di zer que estou com vergonha do modo como agi hoje. Em vez de agradecer,

80

eu... bem, me comportei de modo ingrato, e vim aqui pedir desculpa. Espero que você me perdoe.

O cara não sabia. Não sabia por que o boneco tinha caído em cima dele, ou então era o melhor ator que eu já vira.

- Hã... Claro. Perdôo. Sem problema.

Ah, mas isso era um problema. Para Michael aparentemente era um grande problema.

- É que... - Ele se levantou da poltrona e começou a andar pela sala. Nossa casa é a mais antiga do bairro, há até um buraco de bala numa das paredes, da época em que Jesse era vivo, quando nossa casa era abrigo de jogadores, garimpeiros e noivos a caminho de encontrar as noivas. Andy a havia reconstruído praticamente do zero (a não ser pelo buraco de bala, que el e emoldurou), mas as tábuas do piso ainda estalavam um bocado sob os pés de Michael enquanto ele andava.

- É que me aconteceu uma coisa este fim de semana - disse Michael à lareira -

e desde então... bem, situações estranhas vêm acontecendo.

Então ele sabia. Sabia pelo menos de alguma coisa. Era um alívio. Significava que eu não teria de dizer a ele.

- Coisas como o boneco cair em cima de você? - perguntei, mesmo já sabendo a resposta.

- É. E outras coisas também. - Ele balançou a cabeça. - Mas não quero incomodar você com meus problemas. Já me sinto suficientemente mal com o que aconteceu.

- Ora - falei dando de ombros. - Você ficou abalado. É compreensível. Sem ressentimentos. Olhe, sobre o que aconteceu com você neste fim de semana, você quer...

- Não. - Michael, em geral a pessoa mais quieta do mundo, falou com uma ênfase que eu nunca o vira usar. - Não é compreensível - disse com veemência. -

Não é compreensível e não é desculpável. Suze, você já... quero dizer, aquele negócio com o Brad hoje...

Encarei-o com expressão vazia. Não fazia idéia de onde o cara queria chegar.

Se bem que, pensando direito, deveria fazer. Deveria mesmo.

- E depois, quando você salvou minha vida no shopping... É que eu estava me esforçando tanto, você sabe, para mostrar que não sou assim... o tipo de cara que precisa de uma garota para travar as batalhas por ele. E então você fez de novo...

Meu queixo caiu. Isso não estava acontecendo nem um pouco como eu supunha.

- Michael - comecei, mas ele levantou a mão.

- Não. Deixe eu terminar. Não é que eu seja ingrato, Suze. Não é que eu não aprecie o que você está tentando fazer por mim. Só que... eu realmente gosto de você, e se você concordar em sair comigo nesta sexta à noite, eu mostro que não sou o covarde manhoso que fiquei parec endo ser até agora no nosso relacionamento.

Encarei-o. Era como se as engrenagens do meu cérebro tivessem parado subitamente. Não conseguia pensar. Não conseguia pensar no que fazer. Tudo em que conseguia pensar era: relacionamento? Que relacionamento?

- Eu já pedi ao seu pai - disse Michael parado no centro da sala. - E ele disse que tudo bem, desde que você estivesse de volta antes das onze.

Meu pai? Ele tinha pedido ao meu *pai*? Tive uma visão súbita de Michael falando com meu pai, que havia morrido h á mais de uma década, mas que frequentemente aparece como fantasma para me torturar sobre como dirijo mal e coisas do tipo. Ele iria curtir de montão com a cara de Michael, e eu ficaria ouvindo isso até o fim da vida.

- Quero dizer, seu padrasto - corrigiu Michael, como se tivesse lido meus pensamentos.

Mas como poderia ter lido meus pensamentos se eles estavam numa confusão tão grande? Porque isso estava errado. Estava tudo errado. Não deveria ser assim.

Michael deveria me contar sobre o acidente de carro, e então eu diria, de um modo gentil, que já sabia. Então avisaria sobre os fantasmas, e ele ou não acreditaria em mim ou ficaria eternamente grato. E isso seria o fim - só que, claro, eu ainda teria de achar os Anjos da RLS e aplacar sua ira assassina ant es

que eles conseguissem pôr as mãos em Michael de novo.

Era como deveria ser. Ele não deveria me convidar para sair. Convidar para sair não fazia parte do programa. Pelo menos nunca tinha sido assim antes.

Abri a boca - dessa vez não por perplexidade, mas para dizer: Ah, não, Michael, desculpe, mas nesta sexta vou estar ocupada... e em todas as sextas pelo resto da vida, por sinal - quando uma voz familiar ao meu lado falou rapidamente:

- Pense antes de dizer não, Suzannah.

Virei a cabeça e vi Jesse sentad o na cadeira de onde Michael havia se levantado.

- Ele precisa da sua ajuda, Suzannah - prosseguiu Jesse rapidamente, em sua voz profunda e grave. - Michael corre um sério perigo por parte dos espíritos dos jovens mortos por ele, ainda que acidentalmen te. E você não vai poder protegê - lo à distância. Se o afastar agora, ele nunca irá deixá -la chegar suficientemente perto para ajudá-lo depois, quando realmente precisar.

Estreitei os olhos para Jesse. Não podia lhe dizer nada, claro, porque Michael ouviria e pensaria que eu estava falando comigo mesma, ou coisa pior. Mas o que eu queria de fato dizer era: olha, isso está indo um pouquinho longe demais, não acha?

Mas não podia. Porque percebi que Jesse estava certo. O único modo de eu ficar de olho nos Anjos era ficando de olho em Michael.

Contive um suspiro e disse:

- É, certo. Na sexta está bem.

Não vou descrever o que Michael disse depois disso. O negócio foi embaraçoso demais para ser posto em palavras. Tentei me lembrar de que Bil Gates provavelmente era assim na escola, e olha só agora. Aposto que todas as garotas que o conheciam na época estão se chutando por ter recusado os convites dele para os bailes, ou sei lá o quê.

Mas, para dizer a verdade, não adiantou muito. Mesmo que ele tivesse um trilhão

de dólares como Bil Gates, eu ainda não deixaria Michael Meducci pôr a língua na minha boca. Michael acabou saindo e eu subi a escada de novo, carrancuda - bem, depois de suportar um interrogatório de 84

minha mãe, que saiu assim que ouviu a porta ser fech ada e exigiu saber quem eram os pais de Michael, onde ele morava, aonde nós iríamos e por que eu não estava mais empolgada. Afinal, um garoto tinha me convidado para sair!

Voltando finalmente ao quarto, notei que Gina estava lá. Deitada no sofá -

cama, fingindo ler uma revista e agindo como se não fizesse idéia de onde eu tinha ido. Fui até lá, arranquei a revista da sua mão e bati em sua cabeça com ela algumas vezes.

- Certo, certo - disse Gina levantando os braços acima da cabeça e rindo. - É, eu já sei. Você disse sim?

- O que eu deveria dizer? - perguntei, deixando-me cair na cama. - Ele estava praticamente chorando.

No instante em que falei isso me senti desleal. Os olhos de Michael, por trás dos óculos, tinham ficado muito brilhantes, verdade. Mas ele nã o estava chorando.

Disso eu tinha certeza.

- Ah, meu Deus - disse Gina ao teto. - Não acredito que você vai sair com um *nerd*.

- É. Bem, você também não andou exercendo muita discriminação ultimamente, Gi.

Gina virou de barriga para baixo e me olhou séria.

- Jake não é tão mau quanto você acha, Suze. Na verdade ele é muito doce.

Resumi a situação numa palavra:

- Eca.

Rindo, Gina se deitou de costas outra vez.

- Bem, e daí? Eu estou de férias. Não posso ir a lugar nenhum, mesmo.

- Só me prometa que não vai... não sei. Ir longe demais com algum deles, ou sei lá o quê.

Gina apenas riu mais um pouco.

- E você e o *nerd*? Vão se beijar tipo desentupidor de pia?

Peguei um dos travesseiros da minha cama e joguei nela. Gina se sentou e o pegou, rindo.

- Qual é o problema? Ele não é o Dito Cujo?

Recostei-me no resto dos travesseiros. Lá fora ouvi o som familiar das quatro patas de Spike batendo no telhado da varanda.

- Quem?

- Você sabe. O Dito Cujo. O tal de quem a vidente falou .

Pisquei para ela.

- Que vidente? Do que você está falando?

- Ah, qual é! Madame Zara. Lembra? Nós nos consultamos com ela naquela feira escolar, tipo na sexta série. E ela disse que você era uma mediadora.

- Ah. - Fiquei perfeitamente imóvel. Estava preocupada pensando que, se me mexesse ou falasse qualquer coisa, revelaria mais do que desejava. Gina sabia...

mas só um pouco. Não o bastante para entender de verdade.

Pelo menos foi o que pensei na hora.

- Não se lembra do que mais ela disse? Sobre você? Que você só teria um amor na vida mas que ia durar até o fim dos tempos?

Olhei o acabamento de renda do dossel sobre a minha cama. Falei com a

garganta misteriosamente seca.

86

- Não lembro.

- Bem, não acho que você tenha ouvido grande coisa do que ela falou, depois daquela parte sobre ser mediadora. Você ficou em estado de choque. Ah, olha. Aí vem aquele... gato.

Notei que Gina evitou fazer qualquer descrição de Spike, que passou pela janela aberta, foi até sua tigela de comida e chorou para ser alimentado.

Aparentemente a lembrança do que tinh a acontecido na última vez em que havia falado mal do gato - o negócio com o esmalte de unhas - ainda estava fresca na mente de Gina. Aparentemente tão fresca quanto o que a vidente dissera há tantos anos.

Um amor que duraria até o fim dos tempos.

Percebi, enquanto pegava o saco de comida de Spike, que as palmas das minhas mãos tinham começado a suar frio.

- Você não morreria se o seu verdadeiro amor fosse Michael Meducci? -

perguntou Gina.

- Totalmente - respondi, sem pensar.

Mas não era. Se fosse verdade - e eu não tinha motivo para duvidar, já que Madame Zara estivera certa sobre o negócio de ser mediadora. Era a única pessoa no mundo, com a exceção do padre Dominic, que já havia adivinhado -, então eu sabia perfeitamente quem era.

E não era Michael Meducci.

87

Capítulo 7

Não que Michael não tentasse.

Na manhã seguinte estava esperando por mim no estacionamento enquanto Gina, Soneca, Dunga, Mestre e eu saíamos do Rambler e começávamos a ir para as várias filas antes da aula. Michael perguntou se poderia carregar meus livros.

Dizendo a mim mesma que os Anjos da RLS poderiam aparecer a qualquer momento e tentar assassiná-lo de novo, consenti. Melhor ficar de olho nele, pensei, do que deixá-lo se meter em só Deus sabe o quê.

Mas não foi divertido. Atrás de n ós Dunga ficava fazendo uma imitação muito convincente de alguém vomitando.

E mais tarde, no almoço, que eu tradicionalmente passava com Adam e Cee Cee - ainda que neste dia em particular, como Gina estava conosco, seus fãs houvessem se juntado a nós: Sone ca, Dunga e meia dúzia de garotos que eu 89

não conhecia, cada um disputando desesperadamente a atenção dela -, Michael perguntou se podia ficar com a gente. De novo não tive opção além de concordar.

E então, quando, indo para o Rambler depois da escola, foi sugerido que usássemos as próximas quatro horas de luz do dia fazendo o dever de casa na praia, Michael devia estar por perto. De que outro modo apareceria na praia de Carmel carregando uma cadeira de praia, uma hora depois?

- Ah, meu Deus - disse Gina deitada em sua toalha. - Não olhe agora, mas seu verdadeiro amor se aproxima.

Olhei. E contive um gemido. E rolei para abrir espaço para ele.

- Você pirou? - perguntou Cee Cee, o que era uma pergunta interessante vinda dela, considerando que estava sentada à sombra de uma barraca (o que não era grande coisa, e perfeitamente compreensível, considerando a quantidade de vezes em que fora levada ao hospital devido à insolação).

Mas além disso estava usando um chapéu de chuva - cuja aba havia puxado bem para baixo -, calça comprida e uma camiseta de manga comprida. Gina, esticada ao sol ao lado dela como uma princesa núbia, tinha levantado uma sobrancelha em tom casual e perguntado:

- Quem você é? Gil igan?

- Sério, Suze - disse Cee Cee enquanto Michael se aprox imava. - É melhor você cortar isso pela raiz, e depressa.

- Não posso - grunhi, virando os livros na areia para abrir espaço para Michael e sua cadeira de praia.

90

- O que quer dizer com *não pode*? - perguntou Cee Cee. - Você não teve problema para mandar o Adam se catar nestes últimos dois meses. Não que eu não tenha apreciado isso - acrescentou ela com o olhar indo para as ondas onde todos os caras, inclusive Adam, estavam surfando.

- É uma longa história - disse eu.

- Espero que não esteja fazendo isso porque sente pena dele por causa do negócio com a irmã - disse Cee Cee mal-humorada. - Para não falar daqueles garotos mortos.

- Cale a boca, tá? Ele está vindo.

E então ele estava ali, largando suas coisas por todo canto, derramando refrigerante gelado nas costas de Gina e demorando um tempo incomensurável para deduzir como a cadeira de praia funcionava. Suportei isso do melhor modo possível, dizendo a mim mesma: você é a única que pode impedir que ele vire uma panqueca de *nerd*.

Mas vou contar, era meio difícil de crer, ali no sol, que qualquer coisa ruim -

como fantasmas vingativos - sequer existissem. Tudo estava tão... certo.

Pelo menos até que Adam largou sua prancha, dizendo que precisava dar um tempo - mas notei que na verdade aproveitava a oportunida de para cair na areia perto de nós e mostrar seus cinco ou seis pêlos no peito. - Então Michael ergueu os olhos do livro de cálculo - ele estava fazendo aulas de matemática avançada e ciências - e disse:

- Posso pegar isso emprestado?

Adam, o cara mais tranqüilo do mundo, deu de ombros: 91

- À vontade. O mar está meio *flat*, mas de repente você consegue pegar alguma onda. Só que a água está fria. É melhor pegar meu neoprene.

Então, enquanto Gina, Cee Cee e eu olhávamos com um leve interesse, Adam abriu o zíper de sua roupa de neoprene, tirou -a e, vestido só de sunga, entregou aquele negócio de borracha preta a Michael, que imediatamente tirou os óculos e a camisa.

Uma das mãos de Gina saltou e pegou meu pulso. Suas unhas se cravaram na minha pele.

- Ah, meu Deus - ofegou ela.

Até Cee Cee, notei com um olhar rápido, estava espiando totalmente hipnotizada Michael Meducci vestir a roupa de neoprene de Adam e fechar o zíper.

- Pode tomar conta disso? - perguntou ele apoiando um dos joelhos na areia ao meu lado.

Michael colocou os óculos nas minhas mãos. Tive a chance de olhar seus olhos, e pela primeira vez notei que eram de um azul muito fundo, muito brilhante.

- Claro - me ouvi murmurando.

Ele sorriu. Depois se levantou de novo, pegou a prancha de Adam e, com um educado cumprimento de cabeça para nós, garotas, entrou nas ondas.

- Ah, meu Deus - disse Gina de novo.

Adam, que tinha desmoronado na areia ao lado de Cee Cee, apoiou -se num dos cotovelos e perguntou:

- O que é?

Quando Michael tinha se juntado a S oneca, Dunga e os outros amigos deles na água, Gina virou o rosto lentamente para mim e perguntou:

- Você viu aquilo?

Assenti entorpecida.

- Mas aquilo... aquilo... - gaguejou Cee Cee. - Aquilo desafia toda a lógica.

Adam sentou-se.

- Do que vocês estão falando?

Mas só podíamos balançar a cabeça. Era impossível falar. Porque, por acaso, por baixo do bolso cheio de canetas, Michael Meducci possuía uns peitorais de arrasar.

- Ele deve malhar umas três horas por dia – sugeriu Cee Cee.

- Na certa umas cinco - murmurou Gina.

- Ele poderia *me levantar* fazendo supino - falei, e Cee Cee e Gina concordaram.

- Vocês estão falando de Michael Meducci? – perguntou Adam.

Nós o ignoramos. Como poderíamos não ignorar, se tínhamos visto um deus -

de pele macilenta, verdade, mas perfeito em todos os outros sentidos.

- Ele só precisa sair de trás daquele computador de vez em quando e pegar um pouquinho de cor - ofegou Gina.

- Não - falei. Não podia suportar a idéia daquele corpo perfeitamente esculpido danificado pelo câncer de pele. - Ele está ótimo como está.

- Só um pouquinho de cor - repetiu Gina. - Quero dizer, com filtro solar 15 ele ainda se bronzeia um pouco. Só precisa disso.

- Não - repeti.

- Suze está certa - disse Cee Cee. - Ele é perfeito como é.

- Ah, meu Deus - disse Adam, deixando-se cair de novo na areia, enojado. -

Michael Meducci. Não acredito que vocês estão falando assim do *Michael Meducci.*

Mas como poderíamos evitar? Ele era a perfeição. Certo, não era o melhor surfista. Isso seria pedir demais, percebemo s enquanto o víamos ser jogado da prancha de Adam por uma onda bem pequena, que Soneca e Dunga dominaram com facilidade.

Mas em todos os outros sentidos era um gato cem por cento genuíno.

Pelo menos até ser derrubado por uma onda de média para grande e não voltar à superfície.

A princípio não ficamos alarmadas. Surfar não era uma coisa que eu quisesse particularmente experimentar - apesar de adorar praia, não tenho a mínima atração pelo oceano. Na verdade é bem o oposto: a água me dá medo porque não dá para dizer o que mais está nadando em volta da gente naquela escuridão. Mas eu tinha visto Soneca e Dunga pegar ondas suficientes para saber que os surfistas costumam desaparecer por longo tempo, e aparecem a metros de distância, em geral com um riso enorme e um sinal de OK com o polegar para cima.

Mas a espera para Michael aparecer foi maior do que o normal. Vimos a prancha de Adam saltar de uma onda particularmente grande e vir sozinha até a praia. Ainda não havia sinal de Michael.

Foi então que o salva-vidas - o mesmo louro grandão que tentara resgatar Dunga (tínhamos parado perto de sua cadeira, como havia se tornado nosso costume) - empertigou-se e de repente levantou o binóculo ao rosto.

Mas eu não precisava de binóculo para ver o que vi em seguida. Michael finalmente rompeu a superfície depois de estar afundado por quase um minuto. Só que, nem bem apareceu, ele foi puxado para baixo de novo, e não por uma correnteza.

Não. Isso eu vi claramente: Michael foi puxado por uma corda de algas que, de algum modo, havia se enrolado em seu pescoço.

E então vi que não havia "de algum modo" naquilo. A alga estava sendo segura

ali por duas mãos.

Duas mãos pertencentes a alguém que estava na água abaixo dele.

Alguém que não tinha necessidade de vir à superfície para respirar. Porque esse alguém já estava morto.

Bom, não vou dizer que fiz o que fiz em seguida com algum tipo de pensamento consciente. Se estivesse pensando, teria ficado exatamente onde estava e esperado o melhor. Só posso dizer em defesa de meus atos que , depois de anos e anos lidando com fantasmas, agi puramente por instinto, sem pensar em nada.

95

E foi por isso que, enquanto o salva -vidas disparava pelas ondas na direção de Michael, com o pequeno flutuador laranja na mão, saltei e fui atrás.

Bom, talvez eu tenha visto o filme Tubarão vezes demais, mas sempre fiz questão de nunca entrar em água mais funda do que a minha cintura - em nenhum oceano. Por isso, quando me vi partindo para o lugar onde tinha visto Michael pela última vez e senti o banco de ar eia em que estivera correndo desaparecer sob os pés, tentei dizer a mi m mesma que a cambalhota que meu coração deu foi de adrenalina, e não de medo.

Tentei dizer isso a mim mesma, claro. Mas não acreditei. Quando percebi que teria de começar a nadar, pirei de vez. Nadei, certo - pelo menos isso eu sei fazer.

Mas o tempo todo estava pensando: ah, meu Deus, por favor, não deixe que nada nojento, tipo uma enguia, toque qualquer parte do meu corpo. Por favor não deixe uma água-viva me atingir. Por favor, não de ixe um tubarão vir nadando por baixo e me cortar ao meio.

Mas me dei conta de que eu tinha coisas muito piores do que enguias, águas -

vivas ou tubarões com que me preocupar.

Atrás de mim podia escutar vozes gritando longe. Gina, Cee Cee e Adam, deduzi com a parte do cérebro que não estava paralisada de medo. Gritando para eu sair da água. O que eu pensava que estava fazendo? O salva -vidas tinha a situação sob controle.

96

Mas o salva-vidas não podia ver as mãos que puxavam Michael para baixo, nem lutar contra elas.

Vi o salva-vidas - que, tenho certeza, não fazia idéia de que uma garota maluca havia mergulhado atrás dele - deixar a enorme onda que se aproximava de nós levantar suavemente seu corpo e empurrá -lo para perto de onde Michael havia desaparecido. Tentei imitar sua técnica e acabei engasgando com a boca cheia de água salgada. Meus olhos estavam ardendo e os dentes começando a bater.

Estava muito, muito frio na água sem uma roupa de borracha.

E então, a poucos metros de mim, Michael veio à superfície, ofegando e agarrando a corda de alga em volta do pescoço. O salva -vidas, em duas braçadas rápidas, chegou ao lado dele, jogando -lhe o flutuador laranja e dizendo para relaxar, que tudo ia ficar bem.

Mas nada ia ficar bem. Ao mesmo tempo em que o salva -vidas falava, vi uma cabeça surgir ao lado de Michael. Apesar de o cabelo molhado estar grudado no rosto, reconheci Josh, o líder dos Anjos da RLS - um grupinho fantasmagórico com uma decisão infernal de fazer maldades... e evidentemente coisas bem piores.

Eu não podia falar, claro - tinha certeza de que meus lábios estavam ficando azuis. Mas ainda podia dar socos. Puxei o braço e soltei um dos bons, carregado de todo o pânico por me sentir sem nada além de água sob os pés.

Josh não devia estar me reconhecendo do Jimmy's ou do shopping, ou não me reconhecia com o cabelo molhado. De qualquer modo, não estivera prestando atenção a mim.

97

Isto é, até que meu punho se ligou solidamente com sua cartilagem nasal.

O osso estalou satisfatoriamente e Josh soltou um gr ito cheio de dor, que só eu pude ouvir.

Ou pelo menos foi o que pensei. Tinha me esquecido dos outros anjos.

Pelo menos até que fui abruptamente puxada para baixo das ondas por dois pares de mãos que se enrolaram nos meus tornozelos.

Deixe-me esclarecer uma coisa aqui. Ainda que para o resto da humanidade os fantasmas não tenham matéria - a maioria de vocês anda através deles o tempo todo e nem sabe; talvez sinta um ponto frio, ou um arrepio estra nho, como Kel y e Debbie no mercadinho -, para um mediador eles são definitivamente feitos de carne e osso. Como foi ilustrado pelo meu soco na cara de Josh.

Mas como não têm matéria em termos humanos, os fantasmas precisam contar com métodos mais criativos para fazer mal às suas vítimas do que, digamos, enrolar as mãos no pescoço delas. Por esse motivo Josh estava usando algas. Ele podia segurar a corda de algas - com algum esforço, como a cerveja no mercadinho. E podia enrolar a alga no pescoço de Michael. Missão cumprida.

Eu, por outro lado, sendo mediadora, não e stava sujeita às leis que governam o contato entre humanos e fantasmas, e, assim, eles rapidamente fizeram uso de sua vantagem inesperada.

Certo, eu percebi naquela hora que tinha cometido um tremendo erro. Uma coisa é lutar contra os bandidos em te rra, onde, devo admitir, tenho bastante recursos, e - sinto que posso dizer sem cantar vantagem - sou bem ágil.

Mas uma coisa totalmente diferente é tentar lutar contra algo embaixo d'água.

Particularmente contra algo que não precisa respirar com tanta freqüência quanto eu. Os fantasmas respiram - alguns hábitos são difíceis de superar - mas não precisam, e algumas vezes, se estiverem mortos há tempo suficiente, percebem isso. Os Anjos da RLS não estavam mortos há muito tempo, mas tinham morrido embaixo d'água, de modo que podemos dizer que tiveram uma vantagem inicial sobre seus colegas espectrais.

Dadas essas circunstâncias, vi minha situação progredindo de dois modos possíveis: ou eu desistia, deixava os pulmões se encherem de água e afundava, ou ia pirar de vez, acertar qualquer coisa que se aproximasse de mim e fazer com que aqueles fantasmas lamentassem não terem ido para a luz.

Não creio que seja grande surpresa para ninguém - com a exceção de mim

mesma, talvez - que eu tenha escolhido a segunda opção.

Percebi - apesar de ter demorado um pouco; eu estava bem desorientada -

que as mãos envoltas nos meus tornozelos eram ligadas a corpos, os quais, presumivelmente, estavam ligados a cabeças. Não há nada tão desagradável, sei por experiência, como um pé na cara. E assim, prontamente, e com toda a força, chutei na direção em que eu supunha

que esses rostos estariam, e me senti gratificada ao sentir os macios ossos faciais cederem sob meus calcanhares.

Então dei uma braçada forte, já que os braços ainda es tavam livres, e rompi a superfície da água, engolindo um monte de ar - e verificando se Michael tinha se afastado em segurança. Vi que sim; o salva -vidas estava rebocando-o de volta à praia - antes de eu mergulhar de novo à procura dos agressores.

Achei-os facilmente. Ainda estavam usando roupa de baile, e os vestidos das garotas flutuavam em volta delas como algas. Agarrei um deles, puxei e vi, na água escura, o rosto espantado de Felicia Bruce. Antes que ela tivesse chance de reagir, enfiei um polegar em seu olho. Ela gritou, mas como estávamos embaixo d'água não ouvi nada. Só vi uma trilha de bolhas subindo para a superfície.

Então alguém me agarrou por trás. Reagi jogando a cabeça para trás com o máximo de força possível, e fiquei satisfeita ao sentir me u crânio fazer um contato muito duro com a testa do agressor. As mãos que estavam me segurando soltaram instantaneamente, e eu girei e vi Mark Pulsford nadando depressa para longe.

Grande jogador de futebol americano ele tinha sido, se não conseguia suport ar uma simples cabeçada.

Senti a necessidade urgente de respirar, por isso segui as últimas bolhas do grito de Felicia e cheguei à superfície no mesmo instante que os fantasmas.

Todos chegamos à tona: eu, Josh, Felicia, Mark e Carrie, de rosto muito branco.

- Ah, meu Deus - disse Carrie. Seus dentes, diferentemente dos meus, não estavam batendo. - É aquela garota. A garota do Jimmy's. Eu disse que ela consegue ver a gente.

Josh, cujo nariz quebrado tinha saltado de volta ao lugar, como num desenho animado, mesmo assim estava cauteloso comigo. Ainda que por acaso você esteja morto, ter o nariz quebrado dói de montão.

- Ei - disse ele enquanto eu boiava. - Essa guerra não é sua, certo? Fique fora dela.Tentei dizer: "Ah, é? Bem, escutem. Eu sou a mediadora, e vocês têm uma opção: podem prosseguir para a próxima vida com os dentes no lugar ou sem dentes. O que vai ser?"

Só que meus dentes estavam chacoalhando tanto que só saiu um punhado de barulhos esquisitos que pareceram: "Aeh? Xcu. Esmedora e..."

Já deu para sacar.

Como a técnica do padre Dominic - o diálogo - não parecia estar funcionando naquela situação específica, abandonei -a. Em vez disso estendi a mão e peguei a corda de alga com a qual eles tinham tentado estrangular Michael e enrolei o pescoço das duas garotas, que estavam boiando perto uma da outra e de mim.

Elas ficaram extremamente surpresas ao se verem laçadas como duas vacas.

E não posso dizer realmente o que eu estava pensando, mas provavelmente é seguro dizer que meu plano - ainda que bolado meio ao acaso - envolvia rebocar as duas de volta à praia onde pretendia enchê -las de porrada.

Enquanto as garotas agarravam o pescoço tentando escapar, os garotos partiram para mim. Não me importei. De repente estava furiosa. Eles tinham arruinado meu belo momento na praia e tentado afogar o cara com quem eu ia sair. Certo, eu não gostava particularmente de Michael, mas certamente não queria vê-lo afogado diante dos olhos - ainda mais agora que sabia como ele era um deus por baixo do suéter.

Segurando as garotas com uma das mãos, estendi a outra e consegui agarrar Josh pelos - o que poderia ser? - pêlos curtos da nuca.

Ainda que isso tenha se mostrado bastante eficaz - ele começou imediatamente a se sacudir com dor - eu tinha deixado duas coisas de l ado. Uma era Mark, que continuava nadando livre. A outra era o oceano, que ainda jogava ondas para cima de mim. Qualquer pessoa sensata estaria observando essas coisas, mas eu, na fúria, não estava.

E foi por isso que, um segundo depois, fui prontamente su gada para baixo.

Vou lhe contar, provavelmente há modos mais agradáveis de morrer do que com os pulmões cheios de água salgada. Isso queima, sabe? Puxa, afinal de contas, é sal.

E engasguei com um bocado dela, graças primeiro à onda que me deu um caldo. E depois engoli muito mais quando Mark agarrou meu tornozelo e me manteve no fundo.

Uma coisa tenho de admitir sobre o oceano: lá embaixo é bem calmo.

Verdade. Sem gaivotas gritando, ondas estourando, gritos dos surfistas. Não, embaixo do mar

é só você, a água e os fantasmas que estão tentando lhe matar.

Porque, claro, eu continuava segurando as pontas da corda de alga usada para rebocar as garotas. E não tinha soltado o cabelo de Josh.

Descobri que meio que gostava ali de baixo. Não era tão ruim, verdad e. Não fosse pelo frio, o sal e a percepção horrível de que, a qualquer momento, um tubarão de seis metros podia vir por baixo e arrancar minha perna, era, bem, quase agradável.

Acho que perdi a consciência por alguns segundos. Tipo, eu tinha de estar mesmo inconsciente para ficar segurando aqueles fantasmas estúpidos com tanta força e pensar que ser mantida sob toneladas e toneladas de água salgada era agradável.

A próxima coisa que eu soube foi que alguma coisa estava me puxando, e não era um dos fantasmas. Estava sendo puxada para a superfície, onde dava para ver

os últimos raios do sol cintilando sobre as ondas. Olhei para cima e fiquei surpresa ao ver um clarão de laranja e um monte de cabelos louros. Ora, pensei, maravilhada, é aquele lindo salva -vidas. O que está fazendo aqui?

E então fiquei bastante preocupada com ele, porque, claro, havia um bocado de fantasmas sedentos de sangue por perto, e era totalmente possível que um deles tentasse machucá-lo.

Mas quando olhei em volta descobri, para minha perp lexidade, que todos tinham desaparecido. Eu ainda estava

segurando a corda de alga e minha outra mão continuava agarrando o cabelo de alguém. Mas não havia nada ali. Só água do mar.

Covardes, pensei. Covardes sujos. Enfrentaram a mediadora e descobrir am que não agüentavam, não é? Bem, que isso sirva de lição! Ninguém mexe com uma mediadora.

E então eu fiz uma coisa que provavelmente será uma infâmia eterna para os mediadores.

Apaguei.

Capítulo 8

Certo, não sei se algum de vocês já perdeu a consciênci a antes, então deixe eu dizer rapidinho: Não faça isso. Verdade. Se puder evitar situações em que possa perder a consciência, por favor evite. Faça qualquer coisa mas não apague. Confie em mim. Não é divertido. Não é nem um pouco divertido.

A não ser, é claro, que haja a garantia de acordar com um boca -a-boca feito por um salva-vidas californiano gatésimo. Nesse caso eu digo: vai fundo.

Essa foi a minha experiência quando abri os olhos naquela tarde na praia de Carmel. Num segundo estava enchendo os pulmões de água salgada, e no outro estava com os lábios grudados em Brad Pitt. Ou pelo menos alguém muito parecido com ele.

Será que este é o meu verdadeiro amor?, perguntei a mim mesma, com o coração a mil.

105

Então os lábios se separaram dos meus e eu vi que não era meu amor verdadeiro, e sim o salva-vidas, com o cabelo louro e comprido caindo molhado em volta do rosto moreno. A pele em volta dos olhos se franziu preocupada (a devastação causada pelo sol; ele deveria ter usado Coppertone) enquanto perguntava:

- Moça? Moça, está ouvindo?

- Suze - escutei uma voz familiar dizendo. Seria Gina? Mas o que Gina estava fazendo na Califórnia? - O nome dela é Suze.

- Suze - disse o salva-vidas, dando uns tapinhas bem fortes nas minhas bochechas. - Pisque se estiver entendendo.

Este não podia ser meu amor verdadeiro, pensei. Parece achar que eu sou uma imbecil. Além do mais, por que fica me batendo?

- Ah, meu Deus. - A voz de Cee Cee estava mais aguda do que o usual. - Ela está paralisada?

Para provar que eu não estava p aralisada comecei a me sentar.

E imediatamente percebi que fora uma péssima decisão.

Acho que só vomitei uma vez. Dizer que eu botei os bofes para fora como o Vesúvio é um tremendo exagero da parte de Dunga. É verdade que um monte de água do mar saiu da minha boca quando tentei me sentar. Mas felizmente evitei vomitá-la em cima de mim e do salva-vidas, jogando a maior parte direitinho na areia ao lado.

Depois de vomitar me senti muito melhor.

106

- Suze! - Gina, que subitamente lembrei que tinha vindo à Ca lifórnia me visitar, estava de joelhos ao meu lado. - Você está legal? Fiquei tão preocupada! Você

estava ali deitada, imóvel...

Soneca foi muito menos simpático.

- Que diabo você estava pensando? Pamela Anderson morreu e deixou uma vaga em *S.O.S. Malibu*, ou alguma coisa assim?

Olhei todos os rostos ansiosos em volta. Verdade, não fazia idéia de que tantas pessoas se importavam. Mas ali estavam Gina, Cee Cee, Adam, Dunga, Soneca, alguns de seus amigos surfistas e turistas tirando fotos da garota que se afog ou de verdade, e Michael e...

Michael. Meu olhar saltou de volta para ele. Michael, que estava correndo tanto perigo e mal parecia notar. Michael que, parado e pingando acima de mim, parecia inconsciente do fato de que em volta de sua garganta havia um g rande inchaço vermelho onde a alga havia lanhado sua pele. Ela parecia dolorosamente inflamada.

- Estou bem - falei, e tentei ficar de pé.

- Não - disse o salva-vidas. - Uma ambulância está vindo. Fique aí até que os caras do resgate médico façam um exame.

- Hã... Não, obrigada.

Então me levantei e fui em direção à minha toalha, que continuava onde eu tinha deixado mais adiante na praia, perto da de Gina.

- Moça - disse o salva-vidas, correndo atrás de mim. - Você ficou inconsciente.

Quase se afogou. Tem de ser examinada pelo resgate médico. É o procedimento.

- Você deveria deixar que eles examinassem você, Suze - disse Cee Cee correndo ao meu lado. - Rick disse que acha que você e Michael podem ter sido vítimas de uma caravela, sabe? Uma água -viva gigante.

Pisquei.

- Rick? Quem é Rick?

- O salva-vidas - disse Cee Cee exasperada. Parece que, enquanto eu estava inconsciente, todo mundo havia se conhecido. - Por isso ele mandou pendurar a bandeira amarela.

Franzi os olhos e vi a bandeira amarela desfraldad a acima da cadeira do salva-vidas. Em geral ela era verde, a não ser quando havia correntezas extremamente fortes, mas agora era de um amarelo luminoso, avisando aos banhis tas para tomar cuidado na água.

- Puxa, olha só o pescoço do Michael - continuou Cee Cee. Olhei para o pescoço dele, obedientemente.

- Rick disse que quando chegou lá havia uma coisa enrolada no meu pescoço -

disse Michael. Percebi que ele não me encarava. - Ele disse que a princípio achou que fosse uma lula gigante. Mas não podia ser, cl aro. Nunca foi vista uma tão ao norte. Por isso achou que devia ser uma caravela.

Não falei nada. Tinha quase certeza de que Rick acreditava mesmo que Michael fora vítima de uma caravela. A mente humana é capaz de qualquer coisa para acreditar

em tudo, menos na verdade: que pode haver alguma outra coisa lá fora, algo inexplicável... algo que não é exatamente normal.

Algo *para* normal.

Assim, a corda de alga que fora enrolada no pescoço de Michael se to rnou o braço de uma lula gigante, e depois o tentácul o peçonhento de uma água-viva.

Certamente não poderia ser o que parecia: um pedaço de alga sendo usado com intenção mortal por um par de mãos invisíveis.

- E olha os seus tornozelos - disse Cee Cee.

Olhei. Em volta dos dois tornozelos havia marcas vermelha s, parecendo de

corda. Só que não eram marcas de corda. Eram os lugares onde Felicia e Carrie tinham me agarrado, tentando me arrastar para o fundo do oceano e para a morte certa.

Aquelas garotas estúpidas precisavam de uma manicure, e muito.

- Você teve sorte - disse Adam. - Eu já fui picado por uma caravela, e dói pra...

Sua voz ficou no ar quando ele viu Gina escutando atentamente. Gina, que tinha quatro irmãos, certamente já ouvira todo palavrão que há no mundo, mas Adam era cavalheiro demais para falar algum na frente dela.

- Caramba - terminou ele. - Mas vocês não parecem ter sido muito machucados. Bem, a não ser pelo negócio de quase se afogarem.

Estendi a mão para a toalha e fiz o máximo para tirar a areia que me cobria inteira. O que aquele salva-vidas tinha feito, afinal? Me arrastado pelo chão?

- Bem - falei. - Agora eu estou bem. Não me machuquei.

Soneca, que tinha me seguido como todo mundo, reagiu exasperado:

- Não está bem, Suze. Faça o que o salva -vidas mandou. Não me obrigue a ligar para mamãe e papai.

Olhei-o, surpresa. Não porque estivesse furiosa com a ameaça de me dedurar, mas porque ele tinha chamado minha mãe de *mamãe.* Soneca nunca fizera isso antes. A mãe dos meus meios -irmãos tinha morrido há anos e anos.

Bem, pensei. Ela é a melhor mãe do mundo.

- Ligue - falei. - Não me importo.

Vi Soneca e o salva-vidas trocarem olhares significativos. Corri para pegar minhas roupas e comecei a vesti -las por cima do biquíni molhado. Não estava tentando bancar a difícil. Sério, não estava. Só que não podia me dar ao luxo de uma viagem ao hospital, com as três horas que isso me faria perder. Nessas três horas tinha quase certeza de que os Anjos da RLS fariam outro ataque contra

Michael... e eu não poderia deixá -lo, em sã consciência, à mercê das tr amas deles.

- Não vou levar você para casa a não ser que você deixe o pessoal do resgate médico examinar você primeiro - disse Soneca, cruzando os braços diante do peito, um gesto que fez a borracha de sua roupa de mergulho chiar au divelmente.

Virei-me para Michael, que pareceu extremamente surpreso quando perguntei com educação:

- Michael, você se importaria de me levar para casa?

Agora ele não pareceu ter problema em me encarar. Seus olhos se arregalaram por trás dos óculos - evidentemente os havia encontrado largados na minha toalha

- e ele gaguejou:

- C...claro!

Isso fez o salva-vidas balançar a cabeça insatisfeito e ir embora. Todos os outros ficaram parados em volta, me olhando como se eu fosse demente. Gina foi a única que chegou perto enquant o eu pegava os livros e me preparava para acompanhar Michael até onde seu carro estava estacionado.

- Nós duas vamos ter uma boa conversa quando você chegar em casa - disse ela.Olhei-a com o que esperei que fosse uma expressão inocente. Os últimos raios do sol tinham feito sua aura de cabelos cor de cobre brilhar como u ma auréola.

- O que você quer dizer com isso?

- Você *sabe* o que eu quero dizer - disse ela, com um olhar expressivo.

E então ela se virou e voltou para onde Soneca estava me olhando preocupado.

A verdade é que eu *sabia* o que ela queria dizer. Gina estava falando de Michael.

O que eu estava fazendo? Brincando com um garoto como ele, que obviamente não era meu verdadeiro amor?

Mas o fato é que eu não podia contar a ela. Não podia contar que Mic hael estava sendo perseguido por quatro fantasmas com intenções assassinas, e que meu dever sagrado como mediadora era protegê -lo.

111

Se bem que, considerando o que aconteceu mais tarde naquela noite, provavelmente deveria ter contado.

- Precisamos conversar - falei assim que Michael ligou o carro. Era de novo a perua de sua mãe. Michael explicou que o dele ainda estava na oficina.

Agora que estava de novo com os óculos e as roupas, Michael nem de longe era o intimidante espécime masculino que pareceu ser sem eles. Como o Super-homem vestido de Clark Kent, ele tinha voltado a ser um *nerd* gaguejante.

Só não pude deixar de ver que, enquanto gaguejava, ele preenchia muito bem aquele suéter.

- Conversar? - Ele segurou o volante com força enquanto entrávamos no que, para Carmel, significava o tráfego da hora do *rush*: um único ônibus de turismo e um Volkswagen cheio de pranchas de surfe. - S... sobre o quê?

- Sobre o que aconteceu com você neste fim de semana.

Michael virou a cabeça rapidamente para me olhar, dep ois, de modo igualmente rápido, virou-se de novo para a estrada. - O... o que você q...quer dizer?

- Qual é, Michael! - Achei que não havia sentido em ser gentil. Era como um Band-Aid que precisava ser arrancado: ou você fazia isso com uma lentidão agonizante ou ia com tudo, bem depressa. - Eu sei sobre o acidente.

Finalmente o ônibus de turismo começou a andar. Michael pisou no acelerador.

- Bem - falou depois de um minuto, com um sorriso torto no rosto, apesar de manter o olhar na estrada. - Você não deve me culpar muito, senão não teria pedido carona.

112

- Culpar de quê?

- Quatro pessoas morreram naquele acidente. - Michael pegou uma lata de Coca pela metade no suporte de copos entre os bancos. - E eu ainda estou vivo. -

Ele tomou um gole rápido e pôs a lata de volta no lugar. - Faça o seu julgamento.

Não gostei do seu tom de voz. Não porque fosse de autopiedade. Porque não era. Parecia hostil. E notei que ele não estava mais gaguejando.

- Bem - falei com cuidado. Como disse, o padre Dominic é que é bom de diálogo. Eu sou mais o lado musculoso de nossa família mediadora. Sabia que estava me aventurando em águas profundas e turvas, se você perdoar a piada de mau gosto.

- Li hoje no jornal que seu teste do bafômetro deu negativo para álcool - falei cautelosamente.

- E daí? - explodiu Michael, me espantando um pouco. - O que isso prova?

Pisquei para ele.

- Bem, que pelo menos você não estava dirigindo bêbado.

Ele pareceu relaxar um pouco.

- Ah. - Depois me perguntou hesitante: - Você quer...

Olhei-o. Estávamos seguindo pelo litoral. E o sol, afundando na água, tinha pintado tudo em laranja brilhante ou em sombras profundas. A luz refletida nos óculos de Michael tornava impossível ler sua expressão.

113

- Você quer ver onde a coisa aconteceu? - perguntou ele de repente, como se quisesse pôr as palavras para fora antes de mudar de idéia.

- Ah, claro. Se você estiver com vontade de mostrar.

- Estou. - Ele virou o rosto para me olhar, mas de novo não pude ver seus olhos por trás das lentes. - Se você não se importar. É esquisito, mas... eu realmente acho que você pode entender.

Ha!, pensei presunçosa. Engula essa, padre Dom! Toda essa sua birra porque eu sempre bato primeiro e falo depois. Bem, olhe só para mim agora!

- Por que você fez aquilo? - perguntou Michael abruptamente, interrompendo meus parabéns a mim mesma.

Lancei um olhar espantado na sua direção.

- Fiz o quê? - Genuinamente não fazia a mínima idéia do que o cara estava falando.

- Entrou na água atrás de mim - disse ele na mesma voz baixa.

- Ah. - Pigarreei. - Aquilo. Bem, veja só, Michael...

- Não faz mal.

Quando o olhei de novo vi que ele estava sorrindo.

- Não se preocupe - disse Michael. - Não precisa me dizer. Eu sei. - Sua voz baixou uma oitava. Olhei-o alarmada. - Eu sei.

E então ele passou a mão por cima da Coca-cola aninhada no suporte de copos entre os bancos e pôs a mão direita em cima da minha esquerda.

Ah, meu Deus! Senti o estômago se revirar outra vez, como tinha acontecido na praia.

Porque subitamente tudo estava claro. Michael Meducci não tinha simplesmente uma quedinha por mim. Ah, era muito, muito pior do que isso: Michael Meducci acha que eu tenho uma quedinha por ele.

Michael Meducci acha que eu tenho mais do que simplesmente uma quedinha por ele. Michael Meducci acha que estou apa ixonada por ele.

Eu tinha apenas uma coisa para dizer, e como não podia dizer em voz alta, falei dentro da cabeça:

EEEECA!

Digo, ele pode ter ficado bonito na roupa de banho e coisa e tal, mas Michael Meducci ainda não era exatamente...

Bem, Jesse.

E é assim que minha vida amorosa vai ser de agora em diante, não é?, pensei com um suspiro.

115

Capítulo 9

Com cuidado, tentei tirar minha mão de baixo da de Michael. - Ah - disse ele, levantando a mão para poder segurar o volante. - Está chegando. Quero dizer, o lugar onde o acidente aconteceu.

Pavorosamente aliviada, olhei para a direita. Estávamos seguindo ao longo da Auto-estrada a uma boa velocidade. As areias da praia de Carmel tinham se transformado nos majestosos penhascos de Big Sur. Mais alguns quilômetros adiante pelo litoral chegaríamos aos bosques de sequóias e ao farol de Point Sur.

Big Sur era um porto-seguro para quem gostava de trilhas, de acampar e praticamente qualquer pessoa que gostasse de vistas magníficas e uma beleza natural de tirar o fôlego. Eu gosto das paisagens, mas a natureza me dá calafrios...

especialmente depois de um pequeno incidente com sumagre venenoso 117

que tinha ocorrido cerca de uma ou duas semanas depois de chegar à Califórnia.

E nem me fale de carrapatos.

Big Sur - ou pelo menos a estrada de mão dupla que serpenteia ao redor -

também tem algumas curvas bem fechadas. Michael seguiu mais devagar,

rodeando uma da qual não se podia ver nada do outro lado, quando um *trailer*, vindo na outra direção, surgiu trovejando do o utro lado do enorme penhasco. Não havia exatamente espaço para os dois veículos, e considerando que tudo que nos separava da queda direta no mar era uma grade de metal, a coisa foi meio perturbadora. Mas Michael deu marcha a ré - nós não estávamos indo muito depressa - e depois parou, deixando o *trailer* passar com apenas uns trinta centímetros entre os veículos.

- Nossa! - falei, olhando para o trailer enorme. - Isso é meio perigoso, não é?

Michael deu de ombros.

- As pessoas deveriam buzinar quando chegam àquela curva. Para avisar a quem está atrás da pedra. O cara obviamente não sabia porque era um turista. -

Michael pigarreou. - Foi isso que aconteceu... é... na noite de sábado.

Sentei-me mais ereta no banco.

- Foi aqui... - engoli em seco - ...que aconteceu?

- É. - Não havia qualquer mudança no tom de sua voz.

- Foi aqui.

E foi mesmo. Agora que sabia, pude ver claramente as marcas pretas de pneus que o carro de Josh tinha deixado

enquanto ele tentava não cair. Um grande trecho da grade de segurança j á fora substituída, o metal brilhante e novo exatamente onde as marcas de pneu terminavam. Perguntei em voz baixa:

- Podemos parar?

- Claro.

Havia um mirante depois da curva, a menos de cem metros de onde os veículos tinham deixado de bater por pouco. Mich ael estacionou ali e desligou o motor.

- Ponto de observação - disse ele, apontando para a placa de madeira diante de nós que dizia: *Ponto de observação. Proibido jogar lixo*. - Muitos jovens vêm aqui nas noites de sábado. - Michael pigarreou e me olhou de modo significativo. -

E param o carro.

Preciso dizer que até aquele momento eu não fazia idéia de que era capaz de me mover tão rápido como fiz ao sair daquele carro. Mas soltei o cinto de segurança e desci daquele banco antes que você possa dizer *ectoplasma*.

O sol tinha baixado quase completamente e o tempo já estava esfriando.

Abracei-me na ponta dos pés para olhar por cima da beira do penhasco, com o cabelo chicoteando o rosto ao vento do mar, que era muito mais forte e frio aqui em cima do que na praia. A pulsação rítmica do mar lá embaixo era alta, muito mais alta do que os motores dos carros passando na Auto -estrada 1.

Notei que não havia gaivotas. E nenhum tipo de pássaro.

Claro que esta deveria ter sido minha primeira pista. Mas, como sempre, deixei de ver.

Em vez disso, só consegui me concentrar em como o penhasco era íngreme.

Dezenas e dezenas de metros, caindo direto nas ondas que se chocavam contra as pedras gigantescas derrubadas durante vários terremotos. Não era exatamente o penhasco de onde você veria alguém mergulhando. Nem mesmo Elvis em sua época de Acapulco.

Curiosamente, abaixo do lugar onde o carro de Josh tinha saído da estrada, havia uma pequena praia. Não do tipo onde você vai tomar banho de sol, mas uma bela área de piquenique se você estivesse disposto a arriscar o pescoço descendo até lá.

Michael deve ter notado meu olhar, pois falou:

- É, foi onde eles caíram. Não na água. Bem, pelo menos não na hora. Então

chegou a maré alta e...

Estremeci e desviei o olhar.

- Há algum modo de descer até lá? - pensei em voz alta.

- Claro - disse ele, e apontou para uma parte aberta na grade de segurança. -

Ali. Há uma trilha. Praticamente só o pessoal que faz caminhada usa. Mas algumas vezes os turistas tentam. A praia lá embaixo é incrível. Vo cê nunca viu ondas tão grandes. Só que é perigosa demais para surfar. Tem muita correnteza.

Olhei para ele curiosamente ao crepúsculo roxo.

- Você já esteve lá? - perguntei. A surpresa na minha voz deve ter sido evidente.

- Suze - disse ele com um sorriso. - Eu moro aqui desde que nasci. Não há muitas praias que eu não conheça.

Assenti e puxei uma mecha de cabelo que tinha entrado na boca graças ao vento.

- E então, o que aconteceu exatamente naquela noite?

Ele franziu a vista para a estrada. Agora est ava escuro a ponto de os carros acenderem os faróis. De vez em quando, a luz de um deles varria o rosto de Michael enquanto ele falava. Era difícil, novamente, ver seus olhos por trás do reflexo da luz nas lentes dos óculos.

- Eu estava indo para casa, vindo de um seminário no Esalen...

- Esalen?

- É. O Instituto Esalen. Nunca ouviu falar? - Ele balançou a cabeça. - Meu Deus, eu achava que o Esalen era conhecido no mundo inteiro. - Minha expressão devia estar vazia, porque ele disse: - Bem, de qualquer modo, eu fui a uma palestra lá. "Colonização de outros mundos, e o que isso significa para os extraterrestres aqui na terra."

Tentei não explodir numa gargalhada. Afinal de contas, era uma garota que via

fantasmas e falava com eles. Quem era eu para dizer que não existia vida em outros planetas?

- Bom, eu estava voltando para casa, acho que era bem tarde, e eles vieram com tudo naquela curva, e nem buzinaram nem nada.

Assenti.

- E o que você fez?

- Bem, desviei para evitá-los, claro, e acabei batendo naquele penhasco ali.

Não dá para ver porque está escuro agora, mas meu pára-choque da frente arrancou um bom

pedaço do morro. E eles... bem, eles desviaram para o outro lado, e havia neblina, e a estrada devia estar meio escorregadia, e eles iam be m rápido, e...

Michael terminou, a voz sem tom, dando de ombros outra vez.

- E eles caíram.

Estremeci de novo. Não podia evitar. Eu tinha conhecido aqueles garotos, lembra? Eles não estavam exatamente nas melhores condições - na verdade estavam tentando me matar -, mas mesmo assim não conseguia deixar de sentir pena deles. Era uma queda longa, muito longa.

- Então o que você fez?

- Eu? - Ele pareceu estranhamente surpreso com a pergunta. - Bem, eu bati com a cabeça, você sabe, então apaguei. Só voltei a mim quando alguém parou e veio olhar. Foi quando perguntei o que tinha acontecido com o outro carro. E eles disseram: "Que outro carro?" E eu pensei que... você sabe... eles tinham ido embora, e tenho de admitir que fiquei bem irritado. Puxa, eles nem tinham se incomodado em chamar uma ambulância para mim, nem nada. Mas então nós vimos a grade...

Agora eu estava ficando realmente com frio. O sol tinha sumido por completo,

embora o céu no oeste ainda estivesse com riscas de violeta e vermelho. Senti um calafrio e falei:

- Vamos para o carro.

E fomos.

Ficamos ali sentados olhando o horizonte assumir um tom de azul cada vez mais profundo. Os faróis dos carros

que passavam ocasionalmente iluminavam o interior da perua. Dentro estava muito mais silencioso, sem o vento e o barulho das ondas lá embaixo. Outra onda de cansaço extremo passou por mim. Pelo brilho do relógio no painel dava para ver que logo estaria na hora do jantar. Meu padrasto Andy tinha uma regra muito rígida sobre o jantar. Você aparece na hora. E ponto fina l.

- Olhe - falei rompendo o silêncio. - O que aconteceu parece horrível. Mas não foi sua culpa.

Ele me olhou. Ao brilho verde dos instrumentos do painel dava para ver que seu sorriso era triste.

- Não foi? - perguntou ele.

- Não - falei séria. - Foi um acidente, sem dúvida. O problema é que... bem, nem todo mundo vê a coisa assim.

O sorriso desapareceu.

- Quem não vê assim? Os policiais? Eu dei meu depoimento. Eles pareceram satisfeitos. Tiraram uma amostra de sangue. O teste para álcool foi totalmente negativo. Para todas as drogas. Eles não podem...

- Não são os policiais - falei rapidamente. Como é que eu ia dizer isso? Pô, o cara era obviamente um daqueles fanáticos por ovnis, por isso era provável que não teria problema com fantasmas, mas nunca se sabe .

- O negócio - comecei com cuidado - é que eu notei que, desde o acidente deste

fim de semana, você andou meio propenso a... acidentes.

- É. - De repente a mão de Michael estava outra vez em cima da minha. - Se não fosse você eu até poderia estar morto. Você já salvou minha vida duas vezes.

123

- Hã hã - falei nervosa, puxando a mão e fingindo que estava com outro cabelo na boca e por isso precisava usar aquela mão em particular, você sabe, para tirá -

lo. - Ah, mas, sério, você meio que não... quero dizer. .. se perguntou o que estava acontecendo? Tipo por que tantas... coisas estavam acontecendo de repente?

Ele sorriu outra vez. Os dentes, à luz do velocímetro, pareciam verdes.

- Deve ser o destino.

- Certo - falei. *Por que eu*? - Não digo esse tipo de coisa. Estou falando de coisas ruins. Como no shopping. E na praia ainda há pouco.

- Ah. - Então ele encolheu aqueles ombros incrivelmente fortes. - Não.

- Certo - falei de novo. - Mas se você pensasse, não acha que uma explicação lógica poderia ser... espíritos raivosos?

Seu sorriso se desbotou um pouco.

- O que quer dizer?

Dei um suspiro.

- Olha, aquilo lá não foi uma água -viva, e você sabe. Você estava sendo puxado para baixo, Michael. Por alguma coisa.

Ele assentiu.

- Eu sei. Não... eu estou acostumado com c orrentezas, claro, mas aquilo foi...

- Não foi uma correnteza. E não foi uma água -viva. E eu só... bem, acho que você deveria ter cuidado.

- O que você está dizendo? - Michael me espiou curioso. - Parece até que está sugerindo que eu fui vítima de algum

124

tipo de... força demoníaca. - Ele riu. No silêncio do carro, o riso soou alto. -

Provocado pela morte daqueles garotos que quase me jogaram fora da estrada? É

isso?Olhei pela janela. Não dava para ver nada além das sombras roxas dos penhascos íngremes ao redor, mas mesmo assim continuei olhando.

- É. É exatamente isso.

- Suze. - Michael pegou a minha mão outra vez, e desta vez apertou. - Está tentando me dizer que acredita em fantasmas?

Olhei-o. Olhei-o direto nos olhos. E falei:

- Sim, Michael. Estou.

Ele riu de novo.

- Ah, qual é! Você acha sinceramente que *Josh Saunders* e seus amigos são capazes de se comunicar do além-túmulo?

Alguma coisa no modo como ele disse o nome de Josh me fez... não sei. Mas não gostei daquilo. Não gostei nem um pouco.

- Quero dizer... - Michael soltou minha mão, depois se inclinou para a frente e ligou o carro. - Encare os fatos. O sujeito era um atleta idiota. A coisa mais impressionante que já fez foi mergulhar de um penhasco com outro atleta idiota e as namoradas igualmente tapadas. Não é uma coisa necessariamente tão ruim eles terem ido embora. Eles só estavam ocupando espaço.

Meu queixo caiu. Senti isso. No entanto eu parecia não ser capaz de fazer nada a respeito.

125

- E quanto a algum deles ser capaz de invocar qualque r poder das trevas -

disse Michael, pondo aspas vocais nas palavras *poder das trevas* - para vingar suas mortes estúpidas e dignas de pena, bem, obrigado pelo aviso, mas acho que esse negócio tipo *Eu sei o que você fez no verão passado* já saiu de moda, não acha?

Encarei-o. Encarei de verdade. Não dava para acreditar. Esse é que era o sr.

Sensível. Acho que só gaguejava e ficava vermelho quando sua vida estava sendo ameaçada. Não parecia se incomodar muito com a dos outros.

A não ser, talvez, que fosse sair c om a pessoa na noite de sexta, o que foi ilustrado pelo comentário quando estávamos para voltar à estrada:

- Ei. - Ele piscou. - Ponha o cinto.

Capítulo 10

Deslizei para a minha cadeira no instante em que todo mundo ia pegando os garfos. Ha! Não estava atrasada! Pelo menos tecnicamente, já que ninguém tinha começado a comer.

- E onde você esteve, Suze? - perguntou mamãe, levantando um cesto de pãezinhos e passando diretamente para Gina. O que era bom. Caso contrário, pelo modo como meus meios-irmãos comiam, aquilo estaria vazio antes mesmo de chegar a ela.

- Fui passear de carro - falei, enquanto Max, o cachorro extremamente grande e extremamente babão dos meus meios-irmãos, baixava a cabeça no meu colo, seu posto tradicional na hora das refeições, e r evirava os suaves olhos castanhos para mim.

- Com quem? - perguntou mamãe naquele mesmo tom ameno, o que indicava que, se eu não respondesse com cuidado, poderia estar numa encrenca séria.

Antes que eu pudesse falar qualquer coisa Dunga disse:

- Michael Meducci - e fez alguns sons de vômito.

Andy levantou as sobrancelhas.

- O garoto que esteve aqui ontem à noite?

- Esse mesmo - falei, lançando um olhar raivoso que Dunga ignorou. Notei que Gina e Soneca tinham tomado o cuidado de se sentar um ao lado do outro e estavam estranhamente silenciosos. Imaginei o que veria embaixo da mesa se largasse o guardanapo e me abaixasse para pegar. Provavelmente, pensei, algo que não iria querer ver. Mantive o guardanapo no colo.

- Meducci - murmurou mamãe. - Por que esse nome me é familiar?

- Sem dúvida você está pensando nos Medi ci - disse Mestre -, uma família nobre italiana que produziu três papas e duas rainhas da França. Cosimo, o Velho, foi o primeiro a governar Florença, enquanto Lorenzo, o Magnífico, foi patrono das artes, com protegidos que incluíam Michelangelo e Botticel i.

Minha mãe o olhou com curiosidade.

- Na verdade não era isso que eu estava pensando - disse ela.

Eu sabia o que estava por vir. Mamãe tem uma memória fantástica. Precisa disso em sua área de trabalho. Mas eu sabia que era apenas questão de tempo antes de ela deduzir onde tinha ouvido o nome de Michael.

- Foi ele que esteve naquele acidente nesse fim de semana - falei, para apressar o inevitável. - Em que aqueles quatro estudantes da RLS morr eram.

Dunga largou o garfo, que fez um barulhão ao bater no prato.

- *Michael Meducci* - Ele balançou a cabeça. - De jeito nenhum. Foi o *Michael Meducci?* Você está de sacanagem.

- Brad. Cuidado com o palavreado, por favor - disse Andy incisivamente.

- Desculpe - disse Dunga, mas notei que seus olhos estavam muito brilhantes.

- Michael Meducci - repetiu ele. - Michael Meducci matou Mark Pulsford?

- Ele não matou ninguém - respondi com rispidez. Dava para ver que devia ter ficado de boca fechada. Agora a c oisa estaria no ouvido de todo mundo na escola.

- Foi um acidente.

- Verdade, Brad - disse Andy. - Tenho certeza de que o pobre garoto não quis matar ninguém.

- Bem, desculpe - respondeu Dunga. - Mas Mark Pulsford era um dos melhores zagueiros do estado. Sério. Tinha uma bolsa para a UCLA, e coisa e tal. O cara era muito maneiro de verdade.

- Ah, é? Então o que ele fazia andando com você? - Soneca, num raro momento de espirituosidade, riu para o irmão.

- Cala a boca - reagiu Dunga. - Por acaso a gente foi a uma festa junto.

- Certo - disse Soneca com um riso de desprezo.

- Foi mesmo - insistiu Dunga. - No mês passado, no Vale. Mark era o bicho. -

Ele pegou um pãozinho, enfiou quase inteiro na boca e depois falou ao redor da massa: - Até Michael Meducci chegar e matar o cara.

Notei que Gina estava me observando com uma das sobrancelhas - só uma -

levantada. Ignorei-a.

- O acidente não foi culpa de Michael - falei. - Pelo menos ele não foi acusado de nada.

Mamãe pousou seu garfo.

- A investigação do acidente ainda não terminou - disse ela.

- Com tantos acidentes que acontecem naquele trecho - disse meu padrasto,

enquanto colocava alguns talos de aspargo no prato de mamãe e depois passava a bandeja para Gina -, é de pensar que alguém devia fazer alguma coisa para melhorar as condições da estrada.

- A parte mais estreita da estrada no trecho de 160 quilômetros de litoral chamado Big Sur é tradicionalmente considerada traiçoeira, e até mesmo perigosa

- disse Mestre em tom casual. - Frequentemente encoberta pela névoa litorânea, essa estrada de montanha, sinuosa e estreita, tem pouca probabilidade de ser expandida, graças aos preservacionistas históricos. O próprio isolamento da área é o que atrai tanto os muitos poetas e artistas que construíram casas por lá, inclusive Robinson Jeffers, que achou muito atraente o esplendor das vastidões descampadas.

Olhei de relance para o meu meio -irmão mais novo. Às vezes sua memória fotográfica era irritante, mas na maior parte das vezes era tremendamente útil, em particular quando chegava a época das dissertações de fim de semestre.

- Obrigada - falei.

Mestre sorriu, revelando a boca cheia de comida presa no aparelho.

- De nada.

- A pior parte - disse Andy, continuando o discurso sobre as condições de segurança na Auto-estrada 1 - é que os jovens motoristas parecem irresistivelmente atraídos por aquele trecho da rodovia.

Dunga, enfiando arroz selvagem na boca como se fosse a primeira comida que via há semanas, deu um risinho e falou:

- Muito bem, papai.

Andy olhou para seu filho do meio.

- Sabe, Brad - disse em tom afável. - Nos Estados Unidos, e em boa parte da Europa, pelo que soube, é considerado socialmente aceitável baixar

ocasionalmente o garfo e passar algum tempo mastigando.

- É lá que está a ação - disse Dunga, pousando o garfo como o pai tinha sugerido, mas compensando isso ao falar de boca cheia.

- Que ação? - perguntou meu padrasto, curioso.

Soneca, que em geral não falava a não ser que fosse absolutamente obrigado, tinha ficado quase tagarela desde a chegada de Gina.

- Ele está falando do Ponto - disse Soneca.

Minha mãe ficou confusa.

- Qual ponto?

- O Ponto - corrigiu Soneca. - O Ponto de Observação. É onde todo mundo vai dar uns amassos na noite de sába do.

Pelo menos - Soneca riu sozinho - Brad e os amigos dele.

Longe de se ofender com a denúncia, Dunga balançou um talo de aspargo como se fosse um charuto enquanto explicava:

- O Ponto é o lugar!

- É lá que você leva Debbie Mancuso? – perguntou Mestre, interessado. E

depois se encolheu de dor quando uma de suas canelas foi brutalmente agredida por baixo da mesa. - Ai!

- Debbie Mancuso e eu não estamos namorando! - berrou Dunga.

- Brad - disse Andy. - Não chute seu irmão. David, não invoque o nome da srta. Mancuso à mesa de jantar. Nós já falamos disso. E Suze?

Levantei a cabeça, com as sobrancelhas erguidas.

- Não gosto da idéia de você sair de carro com um garoto que se envolveu num

acidente fatal, quer tenha sido culpa dele ou não. - Andy olhou para mamãe.

- Você concorda?

- Receio ter de concordar - disse mamãe. - Eu me sinto mal com relação a isso.

Os Meducci sem dúvida passaram por tempos difíceis ultimamente... - Quando meu padrasto a olhou de modo interrogativo, mamãe falou: - A filhinha deles foi aquela que quase se afogou há algumas semanas. Você lembra.

- Ah. - Andy assentiu. - Naquela festa na piscina. Não havia supervisão dos pais...

- E havia bastante álcool - disse minha mãe. – Parece que a coitadinha bebeu demais e caiu na água. Ninguém notou. Ou, se notou, ninguém fez nada. Até ser tarde demais. Ela está em coma desde então. Se sobreviver será com sérios danos cerebrais. Suze - mamãe pousou o garfo -, não acho boa idéia você sair com esse garoto.

Normalmente isso teria me animado bastante. Poxa, eu não estava exatamente ansiosa para sair com o cara.

Mas precisava. Quero dizer, se quisesse ter alguma esperança de impedi -lo de cair num caixão de *nerd*.

- Por quê? - Engoli cautelosamente um pedaço de salmão. - Não é culpa de Michael a irmã dele ser uma alcoólatra que não sabe nadar. E o que os pais dela estavam pensando, afinal, deixando uma menina da oitava série ir a uma festa daquelas?

- Isso não está em questão - disse mamãe com a boca ficando tensa - e você sabe. Você vai ligar para aquele rapaz e dizer que sua mãe a proíbe completamente de entrar num carro com ele. Se ele quiser vir aqui e passar um tempo com você assistindo a vídeos ou algo assim, tudo bem. Mas você não vai entrar num carro com ele.

Meus olhos se arregalaram. *Aqui*? Passar um tempo *aqui*! Sob o olhar atento de Jesse? Oh, Deus, era tudo o que eu precisava. A imagem que essas palavras

invocava me encheu de tamanho horror que a garfada de salmão que eu tinha parado diante dos lábios caiu no meu colo, onde foi instantaneamente aspirada por uma comprida língua canina.

Mamãe tocou minha mão.

133

- Suze - disse ela em voz baixa. - Estou falando sério. Não quero você entrando num carro com aquele garoto.

Olhei curiosa para mamãe. É verdade que no passado já fui obrigada a desobedecê-la, principalmente devido a circunstâncias fora do meu controle. Mas ela não sabia disso. Quero dizer, que eu a havia desobedecido. Na maior parte eu tinha conseguido manter as transgressões em segredo - a não ser pelas ocasiões em que fora trazida para casa pela polícia, incidentes tão raros que nem vale a pena mencionar.

Mas como esse não era o caso, não entendi bem por que ela achou necessário repetir a regra sobre Michael Meducci.

- Certo, mamãe. Eu tinha entendido da primeira vez.

- Para você saber que é uma coisa muito importante para mim.

Olhei-a. Não que ela parecesse... bem, culpada. Mas sem dúvida sabia de alguma coisa. Algo que não estava revelando.

Isso não era realmente de surpreender. Como jornalista de televisão mamãe costumava estar a par de informações que não eram necessariamente destinadas ao público. E ela não era uma dessas repórteres de que você ouve falar, que faria qualquer coisa para conseguir uma "grande" matéria. Se um policial contar alguma coisa a mamãe (e eles frequentemente fazem isso; mesmo tendo quarenta e tantos anos, mamãe ainda é bem gata, e praticamente todo mundo conta o que ela quiser se ela lamber os lábios o suficiente), o sujeito pode confiar que isso não será revelado no noticiário, caso ele peça. Para ver como ela é.

134

Imaginei o que, de fato, minha mãe sabia sobr e Michael Meducci e o acidente

que tinha matado os quatro Anjos.

Aparentemente o bastante para não querer que eu andasse com ele.

E não achei que ela estivesse sendo tão injusta com Michael. Não podia deixar de me lembrar do que ele tinha dito no carro, lo go antes de voltar à estrada. *Eles só estavam ocupando espaço*.

De repente, eu não culpava tanto aqueles garotos por tentarem afogá -lo.

- Certo, mamãe - repeti. - Eu entendo.

Aparentemente satisfeita, minha mãe voltou ao seu salmão, que Andy havia grelhado muito bem e servido com um delicado molho de endro.

- E como você vai dar a notícia a ele? - perguntou Gina, meia hora depois, enquanto me ajudava a encher a lava -louças após o jantar, tendo descartado a insistência de mamãe de que, como hóspede, não preci sava fazer isso.

- Não sei - falei hesitando. - Você sabe, fora todo o negócio tipo Clark Kent...

- Esquisito por fora, um sonho por dentro?

- É. Apesar disso, e é difícil de resistir, acredite, ele ainda tem uma coisa que me parece...

- Furtiva? - disse Gina, passando água na saladeira antes de me entregar para pôr na máquina.

- Talvez seja isso. Não sei.

- Foi muito furtivo o modo como ele apareceu aqui ontem à noite. Sem ligar antes. Se um cara tentasse fazer isso

comigo... - ela balançou os dedos no ar e depois os estalou - ele já era.

Dei de ombros. No leste era diferente, claro. Na cidade você simplesmente não passa na casa de alguém sem ligar antes. Na Califórnia, como eu tinha notado, os

"passantes" eram mais aceitáveis socialmente.

- Mas nem finja que se importa, Simon. Você não gosta daquele cara. Não sei exatamente qual é a sua, mas definitivamente não tem nada a ver com atração.

Pensei rapidamente em como todas tínhamos ficado surpresas quando Michael tirou a camisa.

- Poderia ter - falei com um suspiro.

- Por favor. - Gina me entregou um punhado de talheres. - Você e o *supernerd*? Não. Agora diga. O que está acontecendo entre você e esse cara?

Olhei para os talheres que estava enfiando na lava -louças.

- Não sei. - Não poderia dizer a verdade, claro. - É só que... tenho a sensação de que há mais alguma coisa sobre o acidente do que ele está contando. Mamãe parece saber de alguma coisa. Você notou?

- Notei - disse Gina, não exatamente séria, mas também não exatamente contente.

- Bem, então... simplesmente não consigo deixar de pensar no que aconteceu de verdade. Na noite do acidente. Porque... bem, aquilo à tarde não era uma água-viva, você sabe.

Gina apenas assentiu.

- Não achei que fosse. Acho que isso tudo tem alguma coisa a ver com o negócio de ser mediadora, não é?

- Mais ou menos - falei desconfortável.

- Certo. O que também pode explicar aquele pequeno incidente com o esmalte de unhas na outra noite?

Não pude dizer nada. Só fiquei enfiando os talheres nos compartimentos de plástico na porta da lavadora. Garfos, colheres, facas.

- Certo. - Gina fechou a torneira da pia e enxugou as mãos num pano de prato.

- O que quer que eu faça?

Pisquei para ela.

- Fazer? Você? Nada.

- Qual é. Eu conheço você, Simon. Você não perdeu o horário da escola 79

vezes no ano passado porque estava curtindo um café da manhã demorado no McDonald's. Sei perfeitamente bem que estava lutando contra os mortos -vivos, tornando este mundo um local mais seguro para as crianças e coisa e tal. Então o que quer que eu faça? Que lhe dê cobertura?

Mordi o lábio.

- Bem... - falei hesitando.

- Olhe, não se preocupe comigo. Jake disse que vai me levar para fazer umas entregas. O que tem um certo apelo, se a gente suportar ficar abaixada e suja num carro cheio de pizzas de pepperoni e abacaxi. Mas se você quiser eu posso ficar aqui com o Brad. Ele me convidou para uma sessão de vídeo de seu filme predileto.

Respirei fundo.

- Não é *Hel raiser III*...?

- O próprio.

137

A gratidão me varreu como uma daquelas ondas que me fizeram desmai ar.

- Você faria isso por mim?

- Por você, Simon, tudo. Então, o que vai ser?

- Certo. - Joguei longe o pano de prato que estava segurando. - Se você ficar aqui e fingir que estou lá em cima no quarto, com cólica, vou venerá -la para sempre.

Eles não fazem perguntas sobre cólicas. Diga que estou na banheira, e talvez, um pouco mais tarde, que fui para a cama cedo. Se alguém ligar você atende por mim?

- Como quiser, rainha Midol.

- Ah, Gina. - Segurei-a pelos ombros e lhe dei uma pequena sacudida. - Você é o máximo. Sacou? O máximo. Não se desperdice com meus meios -irmãos: você merece coisa muito melhor.

- Você simplesmente não vê - disse Gina, balançando pensativamente a cabeça. - Seus meios-irmãos são uns *gatos*. Bom, a não ser aquele ruivinho. E

olha... - Isso ela acrescentou enquanto eu ia ao telefone ligar para o padre Dominic. - ...eu espero uma compensação, você sabe.

Pisquei.

- Você sabe que minha mesada é só de vinte pratas por semana, mas pode ficar com ela...

Gina fez uma careta.

- Não quero o seu dinheiro. Mas uma explicação completa seria legal. Você nunca quis me contar. Só fica desviando da questão. Mas desta vez você me deve.

- Ela estreitou os olhos. - Puxa, eu vou assistir a uma sessão de *Hel raiser III* 138

por você. Você me deve de *montão*. E sim - acrescentou antes que eu pudesse abrir a boca - não vou contar a ninguém. Prometo não ligar para a *Enquirer* nem para o *Acredite se quiser*.

Falei com o pouco de dignidade que consegui juntar:

- Eu nunca duvidaria disso.

Em seguida peguei o telefone e l iguei.

139

Capítulo 11

- E o que, exatamente, devo procurar? - falei enquanto balançava a lanterna de um lado para o outro na trilha de areia.

- Não sei bem - respondeu o padre Dominic, alguns passos adiante. - Acho que saberá quando descobrir. Eu espero .

- Fantástico - murmurei.

Não era piada tentar descer uma encosta de montanha no escuro. Se soubesse que era isso que o padre Dom iria sugerir quando liguei, provavelmente teria adiado o telefonema. Provavelmente só teria ficado em casa e assistido ao *Hel raiser III*. Ou pelo menos tentaria terminar o dever de geometria. Puxa, eu já havia quase morrido naquela tarde. O teorema de Pitágoras nem parecia ameaçador, em comparação.

- Não se preocupe - escutei a voz de um cara atrás de mim, temperada com uma diversão tolerante. - Aqui não tem sumagre venenoso.

141

Virei a cabeça e lancei um olhar bem sarcástico para Jesse, mesmo duvidando que ele pudesse ver. A lua - se havia uma - estava escondida atrás de uma grossa parede de nuvens. Fios de névoa se esgueirava m pelo penhasco que estávamos descendo, juntando-se densos nas reentrâncias da trilha, redemoinhando sempre que eu pisava nela, como se estivesse se encolhendo diante da possibilidade de

me tocar. Tentei não pensar nos filmes que tinha visto, em que aconte ciam coisas terríveis com pessoas naquele tipo de névoa. Você sabe de que tipo de filme estou falando.

Ao mesmo tempo, tentava não pensar em todo o sumagre venenoso que poderia estar roçando em mim. Jesse estava brincando, claro, mas de seu modo característico tinha lido meu pensamento: eu tenho um problema sério com erupções que desfiguram a pele.

E nem venha me falar de cobras, coisa que tenho todo motivo para acreditar que podem estar enroladas ao longo de todo esse caminho horroroso, só esperando para tirar um naco da parte macia da minha canela, logo acima dos sapatos Timberland.

- É - ouvi o padre Dom falar. A névoa tinha vindo e o engoliu inteiro. Só dava para ver a tira amarela que sua lanterna fazia à minha frente. - É, dá para ver que a polícia já esteve aqui. Este deve ser o lugar onde a grade caiu. Dá para ver as marcas no mato quebrado.

Continuei cambaleando às cegas, usando o facho da lanterna em primeiro lugar para procurar cobras, mas também para garantir que não cairia da trilha e mergulharia as

várias dezenas de metros nas ondas turbulentas embaixo. Jesse já havia estendido a mão umas duas vezes, gentilmente, para me afastar da beira do caminho quando eu me desviava espiando algum galho suspeito.

Agora quase despenquei de vez, depois de dar uma trombada no padre Dom que tinha parado no meio da trilha e se agachado. Eu não o tinha visto, e ele e Jesse precisaram estender a mão e agarrar várias peças do meu vestuário para me deixar em pé outra vez. Foi um tanto embaraçoso.

- Desculpe - murmurei, sem graça pela falta de jeito. - Ah, o que o senhor está fazendo, padre D?

O padre Dominic sorriu, com aquele seu jeito tão paciente que irrita, e disse:

- Examinando alguma evidência do acidente. Você mencionou que sua mãe

parecia saber de alguma coisa a respeito, e eu tenho a impressão de que sei o que é. Puxei o zíper do meu casaco até em cima, para que meu pescoço não ficasse exposto ao ar frio do sereno. Podia ser primavera na Califórnia, mas não fazia mais de 4°C lá naquele penhasco. Felizmente eu tinha trazido luvas - principalmente por proteção, admito, de um possível con tato com sumagre venenoso -, mas elas estavam trabalhando dobrado, pois também impediam que meus dedos congelassem.

- O que quer dizer? - Eu não tinha pensado em trazer também um gorro, então minhas orelhas estavam como pi colés, e meu cabelo ficava balançando com o vento frio do mar e batendo nos meus olhos.

- Vejam isso. - O padre Dominic apontou sua lanterna para um trecho do solo, com cerca de dois metros de comprimento, onde a terra estava revirada e a grama amassada. - Acho que foi aqui que a grade veio parar. Mas você está notando alguma coisa estranha?

Tirei alguns fios de cabelo da boca e mantive o olhar atento para as cobras.

- Não.

- Esse pedaço particular parece ter caído inteiro. Um veículo teria de estar andando a uma velocidade considerável para romper uma cerca de metal tão forte, mas o fato de toda a seção ter cedido sugere que os parafusos que a mantinham no lugar devem ter se soltado.

- Ou foram afrouxados - sugeriu Jesse em voz baixa.

Pisquei para ele. Estando morto, Jesse não sentia tanto desconforto quanto eu.

O frio não o afetava, se bem que o vento estivesse sacudindo um bocado sua camisa, abrindo-a e me proporcionando vislumbres de seu peito que, provavelmente não preciso acrescentar, era tão sarado quanto o de Michael, só que não tão pálido.

- Afrouxados? - Pela segunda vez naquele dia meus dentes tinham começado a bater. - O que provocaria uma coisa assim? Ferrugem?

- Eu estava pensando em algo feito p elo homem - disse Jesse em voz baixa.

Olhei do padre para o fantasma, e de volta. O padre Dominic estava tão perplexo quanto eu. Jesse não fora exatamente convidado para essa pequena expedição, mas tinha

aparecido enquanto eu descia pela entrada de ve ículos até onde o padre D tinha dito que ia me pegar. A reação do padre Dominic às notícias que eu havia dado -

sobre o atentado contra a vida de Michael na praia e seus estranhos comentários no carro mais tarde - havia sido rápida e imediata. Declarou que precisávamos achar os Anjos da RLS, e depressa.

E o modo mais fácil de conseguir isso, claro, era visitar o local onde suas vidas haviam se perdido, um local que, como observou Jesse, um padre de sessenta anos e uma garota de dezesseis não deveriam visita r sozinhos à noite.

Não faço idéia de contra o que Jesse achou que estaria nos protegendo ao vir junto: ursos? Mas ali estava ele, e aparentemente tinha uma idéia muito melhor do que eu sobre o que estava acontecendo.

- O que quer dizer com feito pelo home m? - perguntei. - Do que você está falando?

- Só acho estranho toda uma seção dessa grade ceder desse jeito, enquanto o resto, como vimos quando inspecio namos há pouco, nem se amassou com o impacto.

O padre Dominic piscou.

- Você está sugerindo que alguém pode ter afrouxado os parafusos prevendo que um veículo ia bater ali. É isso, Jesse?

Jesse confirmou com a cabeça. Saquei onde ele queria chegar, mas só depois de cerca de um minuto.

- Espera aí - falei. - Você está dizendo que acha que Michael afrouxou de propósito esse trecho da grade com o objetivo de jogar Josh e os outros do

penhasco?

145

- Alguém certamente fez isso. Pode muito bem ter sido o seu Michael.

Fiquei indignada. Não com a sugestão de que Michael pudesse ter feito algo tão maligno, mas por Jesse tê-lo chamado de *meu* Michael.

- Espere um minuto aí... - comecei. Mas o padre Dominic, de modo muito pouco característico, me interrompeu.

- Tenho de concordar com Suzannah, Jesse. Certamente parece que a grade não cumpriu sua função. Na verdade, par ece ter ocorrido uma falha séria no projeto. Mas sugerir que alguém possa ter mexido nela de propósito...

- Suzannah - disse Jesse. - Você não falou que Michael parece não gostar das pessoas que morreram no acidente?

- Bem, ele me disse mesmo que eram um d esperdício de espaço. Mas honestamente, Jesse, para que o que você está sugerindo funcionasse, Michael teria de saber que Josh e o pessoal estariam vindo. Como ele poderia saber disso?

E teria de esperar por eles, e aí, quando começassem a fazer a curva, teria de pisar no acelerador de propósito...

- Bem - disse Jesse dando de ombros. - Sim.

- Impossível. - O padre Dominic se empertigou espanando a terra dos joelhos da calça. - Recuso-me até a considerar tal possibilidade. Aquele garoto, um assassino a sangue-frio? Você não sabe o que está dizendo, Jesse. Ora, ele tem as melhores notas da escola. É membro do Clube de Xadrez.

Dei um tapinha no ombro do padre Dominic.

- Odeio dar a notícia, padre D, mas os jogadores de xadrez podem matar pessoas, como todo mundo. - Então olhei

146

para a marca na terra, onde a grade de metal havia caído. - A verdadeira questão é por quê. Por que ele faria uma coisa dessas?

- Acho que, se andarmos logo, talvez possamos descobrir - disse Jesse.

Ele apontou. Olhamos. As nuvens no alto haviam se aberto o suficiente para permitir a visão de um pequeno trecho da praia na base do penhasco. O luar captou quatro formas fantasmagóricas num círculo em volta de uma fogueirinha digna de pena.

- Ah, meu Deus - falei enquanto as nuvens se fec havam de novo, obscurecendo rapidamente a visão. - É lá embaixo? Eu tenho certeza de que vou ser picada.

O padre Dominic já havia começado a descer rapidamente o resto da trilha.

Jesse, atrás de mim, perguntou curioso:

- Picada pelo quê, Suzannah?

- Por uma cobra, claro - falei, evitando uma raiz que parecia meio serpenteante à luz da lanterna.

- As cobras não saem à noite - disse Jesse, e dava para notar, por sua voz, que ele estava contendo a vontade de dar uma gargalhada.

Isso era novidade para mim.

- Não?

- Geralmente não. E particularmente não em noites frias e úmidas como esta.

Elas gostam do sol.

Bem, isso era um alívio. Mesmo assim eu não conseguia deixar de pensar em carrapatos. Será que os carrapatos saíam à noite?

Aquilo pareceu durar uma ete rnidade - e eu tinha certeza de que ia acordar cheia de farpas nos tornozelos - mas acabamos chegando ao fim da trilha, ainda que os últimos quinze metros, mais ou menos, fossem tão íngremes que eu praticamente

desci correndo, e não de propósito.

Na praia o som das ondas era muito, muito mais alto - o bastante para cobrir totalmente o som de nossa chegada. O cheiro de sal estava pesado no ar. Percebi, quando nossos pés afundaram na areia molhada - bem, menos os de Jesse - por que não tinha visto nenhuma gai vota naquela tarde: os animais, inclusive os pássaros, não gostam de fantasmas.

E havia um bocado de fantasmas naquela praia em particular.

Estavam cantando. Sem brincadeira. Estavam cantando em volta da fogueirinha minguada. E você não vai acreditar no qu e eles cantavam. "Ninety-nine Bottles of Beer on the Wal ." A cada vez que você canta, diminui uma garrafa.

Eles estavam em 57.

Vou lhe contar, se é assim que eu vou passar a eternidade quando morrer, espero que apareça algum mediador e me arranque do sofr imento. Sério mesmo.

- Tudo bem - falei, tirando as luvas e enfiando nos bolsos. - Jesse, você pega os caras, eu pego as garotas. Padre D, simplesmente garanta que nenhum deles corra para a água, certo? Eu já nadei uma vez hoje, e acredite, essa água está fria. Não irei atrás deles.

O padre Dominic segurou meu braço enquanto eu começava a ir para o grupo iluminado pela fogueira.

- Suzannah! - exclamou ele, parecendo genuinamente chocado. - Certamente você não... você não está sugerindo mesmo que nós...

- Padre D. - Olhei-o irritada. - Esta tarde aqueles idiotas ali tentaram me afogar. Perdão se acho que ir toda serelepe até eles e perguntar se gostariam de tomar um refrigerante conosco não é uma idéia muito boa. Vamos arrebentar uns traseiros sobrenaturais.

O padre Dominic apenas segurou meu braço com mais força.

- Suzannah, quantas vezes preciso lhe dizer? Nós somos mediadores. Nosso

trabalho é interceder pelas almas perturbadas, e não provocar mais dor e sofrimento com atos de violência contra elas.

- Vou lhe dizer uma coisa - falei. -Jesse e eu seguramos o pessoal enquanto o senhor faz a intercessão. Porque, acredite, é o único modo de eles ouvirem. Eles não são muito comunicativos.

- Suzannah - disse o padre Dom de novo.

Mas desta vez não terminou o q ue ia falar porque de repente Jesse interveio:

- Fiquem aqui, vocês dois, até eu dizer que é seguro ir em frente.

E começou a atravessar a praia na direção dos fantasmas. Bem. Acho que ele ficou enjoado ouvindo nós dois discutirmos. É, não se pode culpá -lo.

O padre Dominic olhou preocupado para Jesse.

- Minha nossa. Você não acha que ele vai fazer alguma coisa... drástica, acha, Suzannah?

Suspirei. Jesse nunca fazia nada drástico.

- Não. Provavelmente só vai tentar conversar com eles. Acho que é melhor assim. Quero dizer, ele é fantasma, eles são fantasmas... têm um monte de coisas em comum.

- Ah - concordou o padre Dominic. - É, entendo. Muito sensato. Muito sensato mesmo.

Eles continuavam cantando, e estavam em 17 garrafas quando viram Jesse.

Um dos garotos soltou um palavrão bem cabeludo, mas antes que qualquer um deles tivesse tempo de se desmaterializar, Jesse estava falando - e numa voz tão baixa que o padre D e eu não podíamos ouvir além do som das ondas. Só podíamos ficar olhando enquanto Jesse - luzindo um pouco, como costuma acontecer com os fantasmas - falava com eles e, lentamente, depois de um tempo, se abaixou na areia, ainda falando.

Olhando aquilo, o padre Dominic murmurou:

- Excelente idéia, mandar Jesse primeiro.

Dei de ombros.

- Acho que sim.

Acho que meu desapontamento por ter perdido o que provavelmente seria uma briga de primeira devia estar evidente, porque o padre Dominic parou de olhar o grupo em volta da fogueira e riu para mim.

- Com uma ajudazinha do Jesse a gente acaba transfor mando você numa mediadora - disse ele.

Como se fizesse alguma idéia de quantos fantasmas eu tinha mediado para fora da existência antes de conhecer qualquer um dos dois, pensei. Mas não falei em voz alta.

- E como sua amiguinha Gina está se ocupando e nquanto você está fora hoje?

- perguntou o padre Dominic.

- Ah, ela está cobrindo minha saída.

O padre Dominic levantou as sobrancelhas - e a voz - numa desaprovação surpreendida.

- Cobrindo sua saída? Seus pais não sabem que você está aqui?

- Ah, sim, padre D - falei sarcástica. - Eu contei à minha mãe que vinha a Big Sur lidar com os fantasmas de alguns adolescentes mortos. Por favor!

Ele ficou perturbado. Sendo padre, o cara não gosta de desonestidade, em particular quando envolve os pais, que a gente do tipo dele vive dizendo para honrarmos e obedecermos. Mas acho que, se Deus realmente quisesse que eu seguisse essa regra específica, não teria me feito mediadora. As duas coisas não combinam, sabe?

- Mas evidentemente você não teve problema em contar a Gi na - disse o padre Dominic.

- Não. Ela meio que... sabe. Quero dizer, uma vez nós duas fomos a uma vidente e... - parei. Ao falar de Madame Zara lembrei do que Gina tinha contado sobre a história de um único amor por toda a vida. Seria verdade? Poderia ser ?

Estremeci, mas desta vez não tinha nada a ver com o frio.

- Entendo - disse o padre Dominic. - Interessante. Você se sente confortável contando aos amigos sobre sua capacidade extraordinária, mas não à sua mãe.

Nós já havíamos discutido isso - na verdade recentemente -, portanto apenas revirei os olhos.

- *Amigos*, não. Amiga. Gina sabe. Mais ninguém. E ela não sabe *tudo*. Não sabe, por exemplo, sobre Jesse.

O padre Dominic olhou outra vez na direção da fogueira. Jesse parecia profundamente envolvido na conversa com Josh e os outros. Os rostos dos Anjos, alaranjados à luz da fogueira, estavam todos virados na direção de Jesse, os olhares grudados nele. Era estranho terem acendido aquele fogo. Não podiam senti-lo, assim como não podiam ficar bêbados com a cerveja que tinham tentado roubar, ou se afogar na água sob a qual tinham estado. Imaginei por que teriam se dado ao trabalho. Provavelmente fora necessário um bocado de força cinética para acendê-lo.

Todos os quatro luziam com o mesmo brilho sutil libera do por Jesse - não o suficiente para iluminar alguma coisa numa noite escura como aquela, mas o bastante para dizer que não eram exatamente... bem, humanos seria a palavra errada, porque é claro que eram humanos. Ou pelo menos tinham sido.

Acho que a palavra que estou procurando é *vivos*.

- Padre D - falei abruptamente. - O senhor acredita em videntes? Quero dizer, eles são de verdade? Como os mediadores?

- Tenho certeza de que alguns são.

- Bem - continuei rapidamente antes de mudar de idéia. - Uma vidente que Gina e eu fomos consultar uma vez sabia que eu era mediadora. Eu não contei nem nada. Ela simplesmente sabia. E falou uma coisa estranha. Pelo menos Gina disse que ela falou. Eu não lembro. Mas, segundo Gina, ela disse que eu só teria um amor verdadeiro.

152

O padre Dominic me olhou. Seria minha imaginação ou ele achou aquilo engraçado?

- Você estava planejando ter muitos?

- Bem, não exatamente - falei meio sem graça. Você também ficaria. Quero dizer, qual é! O cara era um padre. - Mas é meio estranho. Essa vidente, Madame Zara, disse que eu só teria um amor, mas que duraria tipo a vida inteira. - Engoli em seco. - Ou talvez tenha sido toda a eternidade. Esqueci.

- Ah. - O padre Dominic não pareceu mais achar en graçado. - Minha nossa.

- Foi isso que eu disse. Puxa... bem, ela provavelmente não sabia do que estava falando. Porque parece meio besteira, não é? - perguntei esperançosa.

Mas, para meu desapontamento, o padre D falou:

- Não, Suzannah. Não parece besteira. Pelo menos para mim.

Ele falou isso de um jeito... não sei. Alguma coisa no modo como ele falou me fez perguntar com curiosidade:

- O senhor já se apaixonou, padre D?

Ele começou a remexer nos bolsos do paletó.

- Hã...

Eu sabia o que ele estava procurando com tanta concentração: um maço de cigarros. Também sabia que ele não iria encontrar - tinha deixado de fumar há anos e só guardava um maço para emergências. E, por acaso eu sabia, estava em sua sala na escola.

Também sabia, pelo fato de ele ter começado a procurá -lo, que o padre D

estava estressado. Ele só sentia ânsia de

153

fumar quando as coisas não iam exatamente de acordo com os planos.

Ele tinha tido uma paixão. Dava totalmente para ver, pelo modo como evitava meu olhar.

Não fiquei realmente surpresa. O padre Dominic era velho, padre e c oisa e tal, mas ainda era um gato, de um jeito maduro, tipo Sean Connery.

- Houve uma jovem, acho - disse ele por fim, quando sua busca terminou. - Há muito tempo.

Ahá. Visualizei Audrey Hepburn, por algum motivo. Você sabe, naquele filme que vive passando, em que ela fazia uma freira. Talvez o padre Dom e seu verdadeiro amor tenham se encontrado numa escola de padres e freiras! Talvez o amor deles fosse proibido, como no filme!

- O senhor conheceu ela antes de... é... ser ordenado, ou sei lá como chamam isso? - perguntei, tentando parecer casual. - Ou depois?

- Antes, claro! - Ele pareceu chocado. - Pelo amor de Deus, Suzannah.

- Eu só estava pensando. - Mantive o olhar em Jesse perto da fogueira, para que o padre D não ficasse tão sem graça pensando que eu o estava encarando, ou sei lá o quê. - Quero dizer, a gente não precisa falar nisso, se o senhor não quiser.

- Só que eu não conseguia evitar. - Ela era...

- Eu tinha a sua idade - disse o padre Dominic, como se quisesse acabar com aquilo depressa. - Estava no segundo grau, como você. Ela era um pouco mais nova.

154

Tive dificuldade para visualizar o padre Dominic no segundo grau. Eu nem sabia

de que cor era seu cabelo antes de virar o branco atual.

- Foi... - continuou o padre D, com uma expressão distan te nos olhos azuis e luminosos. - Bem... nunca teria dado certo.

- Eu sei - falei. Porque subitamente sabia. Não sabia como sabia, mas alguma coisa no modo como ele disse que nunca teria dado certo me revelou, acho. - Ela era um fantasma, certo?

O padre Dominic respirou com tanta força que por um segundo achei que ele estava tendo um ataque cardíaco, ou algo do tipo.

Mas antes que eu tivesse chance de pular e começar uma manobra de ressuscitação, Jesse se levantou junto à fogueira e começou a vir em nossa direção.

- Ah, olha - disse o padre Dominic com um alívio óbvio. - Aí vem o Jesse.

Eu tinha superado a irritação que costumava sentir com Jesse quando ele aparecia de repente, em geral quando eu menos esperava - ou queria. Agora quase sempre ficava feliz em vê-lo.

Menos naquele momento específico. Naquele momento específico desejei que Jesse estivesse longe, bem longe. Porque tinha a sensação de que nunca conseguiria que o padre D se abrisse de novo sobre esse assunto.

- Certo - disse Jesse, quando tinha che gado suficientemente perto para fala r conosco. - Acho que agora vão

ouvir o senhor, padre, sem tentar fugir. Eles estão bem amedrontados.

- Eles não pareciam amedrontados quando tentaram me matar hoje à tarde -

murmurei.

Jesse me olhou com um ar de di versão nos olhos escuros - ainda que eu não saiba o que era tão engraçado em eu quase me afogar.

- Acho que, se você ouvir o que eles têm a dizer, vai entender por que se comportaram daquele jeito.

- Veremos - respondi fungando.

156

Capítulo 12

Acho que eu estava meio de mau humor porque Jesse tinha interrompido minha pequena conversa de coração aberto com o padre Dominic. Mas isso não era motivo para ele vir por trás de mim enquanto eu andava na direção do grupo e sussurrar no meu ouvido:

- Comporte-se.

Dei-lhe um olhar irritado.

- Eu sempre me comporto.

Sabe o que ele fez então? Soltou uma risada! E não foi de um modo gentil.

Não pude acreditar.

Quando cheguei suficientemente perto do grupo para enxergar a expressão no rosto deles, não vi nada me convenc endo de que não eram os mesmos fantasmas que tinham tentado me matar - duas vezes - em dois dias.

- Espere um minuto - disse Josh quando me reconheceu. Em seguida se levantou depressa e apontou para mim, de modo acusador: - Essa é a vaca que...

157

Jesse entrou rapidamente no círculo iluminado pela fogueira.

- Calma - disse ele. - Eu disse a vocês quem eram essas pessoas...

- Você disse que eles iam nos ajudar - gemeu Felicia, ainda sentada, com a saia do vestido de noite toda bufante ao redor. - Mas aquela garota chutou meu rosto hoje de tarde!

- Ah - falei -, como se vocês não tivessem tentado me afogar.

O padre Dominic entrou rapidamente entre mim e os fantasmas, e disse:

- Meus filhos, meus filhos, não se alarmem. Estamos aqui para ajudá-los, se pudermos.

Josh Saunders, estupefato, disse:

- O senhor pode nos ver?

- Posso - respondeu o padre Dominic, solene. - Suzannah e eu somos mediadores, como tenho certeza de que Jesse explicou. Podemos vê-los e queremos ajudá-los. Na verdade, é nossa responsabilidade ajudá-los. Só que, vocês devem entender, também é nossa responsabilidade garantir que não façam mal a ninguém. Por isso Suzannah tentou impedi -los hoje e, pelo que sei, ontem.

Isso fez com que Mark Pulsford dissesse um palavrão. Felicia Bruce lhe deu uma cotovelada e falou:

- Corta essa. O cara é padre.

Mark falou cheio de beligerância:

- Não é não.

- É sim - insistiu Felicia. - Não está vendo aquele negócio branco em volta do pescoço dele?

- Eu sou um sacerdote. - O padre Dominic se apressou em acabar com a discussão. - E estou dizendo a verdade. Podem me chamar de padre Dominic. E

esta é Suzannah Simon. Bom, nós sabemos que vocês quatro estão ressentidos com o sr. Meducci...

- Ressentidos? - Ainda de pé, Josh olhou irritado para o padre Dominic. -

Ressentidos? É por causa daquele idiota que nós estamos mortos.

Só que ele não disse *idiota*.

O padre Dominic levantou as sobrancelhas, mas Jesse falou calmamente:

- Por que você não conta ao padre o que me contou, Josh, para que ele e Suzannah possam começar a entender?

Com a gravata-borboleta pendendo frouxa no pescoço e os primeiros botões da camisa social abertos, Josh levantou a mão e passou os dedos, frustrado, pelo cabelo louro e curto. Sem dúvida tinha sido um cara bem bonito. Abençoado com boa aparência, inteligência e riqueza (seus pais tinham de ter dinheiro, para colocá-lo na Escola Robert Louis Stevenson, que era tão cara quanto elitizada), Josh Saunders estava com dificuldade para se ajustar ao único infortúnio que baixara sobre sua vida curta e f eliz. A morte precoce.

- Olha - disse ele. O som das ondas, e agora os estalos da fogueirinha que os quatro haviam feito, foram facilmente suplantados por sua voz profunda. Se tivesse vivido mais, Josh poderia ser qualquer coisa, pensei, desde atleta profissional até presidente. Transparecia esse tipo de confiança.

- Na noite de sábado nós fomos a um baile. A um baile, certo? E depois pensamos em dar uma volta de carro e parar...

Carrie interveio numa voz cantarolada:

- A gente sempre pára no Ponto nas noites de sábado.

- O ponto de observação - explicou Felicia.

- É tão lindo! - disse Carrie.

- Lindo mesmo - confirmou Felicia, com um olhar rápido para o padre Dominic.

Encarei-os. Quem estavam tentando enganar? Todos nós sabíamos o que eles faziam no ponto de observação.

E não era olhar a paisagem.

- É - disse Mark. - Além disso nenhum policial aparece para mandar a gente ir embora. Sabe?

Ah. Tamanha honestidade era revigorante.

- Certo. - Josh tinha enfiado as mãos nos bolsos da calça. Agora tirou-as e estendeu com as palmas viradas para nós. - Então fomos passear de carro. Tudo ia bem, certo? Igual a todas as noites de sábado. Só que não foi igual. Porque dessa última vez, quando viramos a curva, você sabe, a curva fechada lá em cima, alguma coisa acertou a gente.

- É - confirmou Carrie. - Sem farol aceso, sem aviso, nada. Só *bum*!

- Batemos direto na grade de proteção - disse Josh. - Não foi grande coisa. A gente não ia muito rápido. Pensei: merda, amassei o pára-choque. E comecei a dar marcha a ré. Mas então ele bateu na gente outra vez...

- Ah, mas sem dúvida... - começou o padre Dominic.

Mas Josh continuou como se o padre não tivesse falado:

- E na segunda vez em que bateu, a gente continuou indo.

- Como se a grade nem existisse - completou Felicia.

- Nós passamos direto. - Josh enfiou as mãos de novo no bolso. - E acordamos aqui embaixo. Mortos.

Depois disso houve silêncio. Pelo menos ninguém falou. Ainda havia o som das ondas, claro, e os estalos do fogo. A maresia, soprada pelo vento, estava cob rindo meu cabelo e formando pequenos cristais de gelo. Cheguei mais perto do fogo, agradecendo pelo calor...

E percebi rapidamente por que os Anjos da RLS tinham se dado ao trabalho de acendê-lo. Porque é o que teriam feito se ainda estivessem vivos. Tinha m acendido o fogo para se esquentar. E daí, se não sentiam mais o calor que ele produzia? Não importava. É o que as pessoas vivas fariam.

E tudo que eles queriam era estar vivos de novo.

- Perturbador - disse o padre Dominic. - Muito perturbador. Mas sem dúvida, meus filhos, vocês podem ver que foi apenas um acidente...

- Acidente? - Josh olhou furioso para o padre D. - Não houve nada acidental naquilo, padre. Aquele cara, aquele tal de Michael, veio para cima de nós de propósito.

- Mas isso é ridículo - disse o padre Dominic. - Perfeitamente ridículo. Por que, meu Deus, ele faria isso?

- Simples - respondeu Josh dando de ombros. - Ele sente inveja.

- Inveja? - O padre Dominic ficou pasmo. - Talvez você não saiba, meu jovem, mas Michael Meducci, que eu conheço desde a primeira série, é um estudante muito talentoso. Muito querido pelos colegas. Por que, em nome do céu, ele...

Não, não, sinto muito. Você está enganado, meu filho.

Eu não sabia direito em que universo o padre Dom vivia - aquele em que os colegas de turma gostavam de Michael Meducci - mas sem dúvida não era este.

Pelo que eu sabia, ninguém na Academia da Missão gostava de Michael Meducci -

ou ao menos o conhecia, fora do Clube de Xadrez. Mas afinal de contas eu só estava ali há alguns meses, então poderia estar errada.

- Ele pode ser talentoso - disse Josh - mas mesmo assim é um *nerd*.

O padre Dominic piscou para ele.

- *Nerd*?

- O senhor ouviu. - Josh balançou a cabeça. - Olha, padre, encare os fatos. O

seu garoto, Meducci, não é nada. Nada. Nós... - ele apontou para si mesmo, depois para os amigos - por outro lado, éramos tudo. As pessoas mais populares

de nossa escola. Nada acontecia na RLS sem o nosso selo de aprovação. Uma festa não era festa até nós chegarmos. Um baile não era um baile enquan to Josh, Carrie, Mark e Felicia, os "Anjos" da RLS, não estivessem lá. Certo? Está captando a idéia?

O padre Dominic parecia confuso.

- Hã... não exatamente.

Josh revirou os olhos.

- Esse cara existe de verdade? - perguntou a mim e a Jesse.

Jesse falou sem sorrir:

- E como.

- Certo - disse Josh. - Então deixe-me colocar do seguinte modo. Esse tal de Meducci pode ter notas acima da média. E daí? Isso não é nada. Minha média é nove. Tenho o recorde de salto de altura da escola. Pertenço à Sociedade Nacio nal de Honra. Sou pivô do time de basquete. Fui presidente do conselho estudantil durante três anos seguidos e, para completar, nesta primavera fiz um teste e ganhei o papel principal na produção de *Romeu e Julieta* da sociedade teatral da escola. Ah, e sabe de uma coisa? Fui aceito em Harvard. Decisão antecipada.

Josh parou para respirar. O padre Dominic abriu a boca para dizer alguma coisa, mas o garoto continuou disparando:

- Quantas noites de sábado o senhor acha que Michael Meducci passou sentado sozinho no quarto jogando *video-game*? Hein? Bem, deixe-me dizer de outro modo: o senhor sabe quantas eu passei acariciando um *joystick*? Nenhuma.

Quer saber por quê? Porque nunca houve uma noite de sábado em que eu não tivesse alguma coisa para fazer, uma festa para ir ou uma garota com quem sair. E

não era qualquer garota, e sim as mais gatas, as mais populares da escola. A

Carrie, aqui - ele sinalizou para Carrie Whitman, sentada na areia com seu vestido azul-gelo - trabalha como

163

modelo nas horas vagas em São Francisco. Já fez comerciais. Foi rainha do baile das boas-vindas.

- Dois anos seguidos - observou Carrie em sua voz esganiçada.

Josh assentiu.

- Dois anos seguidos. Está começando a entender, padre? Michael Meducci namora uma modelo? Acho que não. O melhor amigo de Michael Meducci é como o meu, o Mark ali, capitão do time de futebol? Michael Meducci tem bolsa atlética integral para a UCLA?

Mark, obviamente não sendo o gênio do grupo, disse com sentimento:

- Dá-lhe, Ursos!

- E eu? - perguntou Felicia.

- É - disse Josh. - E a namorada de Mark, Felicia? Chefe de torcida, capitã da equipe de dança e, ah, sim, ganhadora de uma Bolsa de Mérito Nacional por causa das notas altas. De modo que, tendo tudo isso em mente, vamos fazer a pergunta de novo, certo? Por que um cara como Michael Meducci ia querer que pessoas como nós estivessem mortas? Simples: ele tem inveja.

O silêncio que tomou conta depois dessa declaração foi quase tão penetrante quanto o cheiro de maresia no vento. Ninguém disse uma palavra. Os Anjos pareciam orgulhosos demais para falar, e o padre Dom parecia atordoado pelas revelações. Os sentimentos de Jesse com relação ao assunto não eram claros; ele parecia meio entediado. Acho que, para um cara nascido há mais de cento e cinqüenta

164

anos, as palavras Bolsa de Mérito Nacional não significavam grande coisa.

Arranquei a língua de onde estava grudada, no céu da boca. Estava com muita sede por causa da descida, e certamente nem um pouco ansiosa para subir de novo até o carro do padre Dom. Mas me se nti compelida, apesar do desconforto, a falar:

- Ou poderia ser por causa da irmã dele.

165

Capítulo 13

Todo mundo - desde o padre Dom até Carrie Whit man - olhou para mim à luz da fogueira.

- Perdão? - disse Josh. Só que seu tom de voz era mais impacient e do que educado.

- A irmã de Michael - falei. - A que está em coma.

Não me pergunte o que me fez pensar nisso. Talvez fosse a referência de Josh a festas - que nenhuma festa começava até ele e os outros Anjos chegarem. Isso me fez pensar na última festa d e que ouvi falar - aquela em que a irmã de Michael tinha caído na piscina e quase se afogado. Deve ter sido uma tremenda festa. Será que a polícia acabou com ela depois da chegada da ambulância?

As sobrancelhas brancas e espetadas do padre Dominic se ergue ram.

- Está falando de Lila Meducci? Sim, claro. Como eu poderia ter me esquecido?

Foi trágico, muito trágico, o que aconteceu com ela.

167

Jesse falou pela primeira vez em alguns minutos.

- O que aconteceu com ela? - perguntou, levantando o queixo do joelho onde estivera se apoiando, com o pé junto à pedra onde havia se sentado.

- Um acidente - disse o padre Dom, balançando a cabeça. - Um acidente terrível. Ela tropeçou e caiu numa piscina e quase se afogou. Os pais estão perdendo a

esperança de que a men ina recupere a consciência.

Grunhi:

- Esta é uma versão da história, pelo menos.

Os pais de Michael obviamente a haviam limpado ao contar ao diretor da escola da filha. Continuei:

- O senhor deixou de fora a parte em que ela estava numa festa no Vale quando isso aconteceu. E que estava completa mente bêbada quando caiu na água. - Estreitei os olhos para os quatro fantasmas sentados do lado oposto da fogueira. - Assim como todo mundo, naquela festa, já que ninguém notou o que tinha acontecido com ela até a ga rota ficar lá embaixo por tempo suficiente para coagular o cérebro. - Olhei para Jesse. - Eu mencionei o fato de que ela tem apenas quatorze anos?

Ainda sentado na pedra, com as mãos em volta do joelho dobrado, Jesse olhou para os Anjos.

- Imagino que nenhum de vocês saiba algo sobre isso.

Mark pareceu enojado.

- Como é que algum de nós ia saber sobre a irmã de um *nerd* enchendo a cara numa festa?

- Talvez porque por acaso um de vocês, ou todos, estivesse na festa, não é? -

sugeri em voz doce.

O padre Dominic ficou espantado.

- É verdade? - Ele olhou para os Anjos. - Algum de vocês sabe qualquer coisa sobre isso?

- Claro que não - disse Josh. Rápido demais, achei. O "Fala sério!" de Felicia também não foi convincente.

Mas foi Carrie quem entregou.

- Mesmo que a gente soubesse - perguntou com indignação sincera -, o que importaria? Só porque uma idiota pretensiosa encheu a cara numa das nossas festas até ficar em coma, isso *nos* torna responsáveis?

Encarei-a. Lembrei-me de que Felicia era a Bolsista do Méri to Nacional. Carrie Whitman tinha sido apenas a rainha do baile das boas -vindas. Duas vezes.

- Que tal, só para começar - falei -, por disponibilizar álcool para uma menina da oitava série?

- Como é que a gente ia saber a idade dela? - perguntou Felicia, de modo pouco agradável. - Quero dizer, a garota tinha tanta maquiagem na cara que dava para jurar que ela tinha quarenta anos.

- É - disse Carrie. - E aquela festa específica era só a convite. Eu nunca dei um convite para ninguém da oitava série.

- Se quiserem responsabilizar alguém - disse Felicia -, que tal o idiota que a levou?

- É - insistiu Carrie, furiosa.

- Não acho que Suzannah esteja responsabilizando vocês pelo que aconteceu à irmã de Michael. - A voz de Jesse, depois do esganiçado das garotas, pa recia um trovão distante. Ela silenciou os outros com eficiência. - Michael, acho, é que matou vocês por isso.

O padre Dominic fez um ruído baixinho como se as palavras de Jesse tivessem penetrado, como um punho, em seu estômago.

- Ah, não - disse ele. - Não, sem dúvida você não pode achar...

- Faz mais sentido do que o argumento desse aí - disse Jesse assentindo brevemente para Josh -, de que Michael fez isso por ciúme porque não consegue...

o quê? Ah, sim. Encontros nas noites de sábado.

Josh ficou desconfortável.

- Bem - disse ele repuxando as lapelas do paletó. - Eu não sabia que o gambá que eles pescaram na piscina de Carrie era a irmã de Meducci.

- Isso é demais - disse o padre Dominic. - Simplesmente demais. Eu estou...

estou *pasmo*!

Olhei-o, surpreso com o que ouvi na sua voz. Era - se eu não estava enganada

- dor. O padre Dominic estava sofrendo pelo que tinha ouvido.

- Uma menina está em coma - disse ele com o olhar azul muito brilhante cravando-se em Josh - e você a xinga?

Josh teve a gentileza de parecer envergonhado.

- Bem, é só uma figura de linguagem.

- E vocês duas. - O padre apontou para Felicia e Carrie. - Violam a lei servindo álcool a menores e ousam sugerir que é culpa da própria menina se acabou sendo prejudicada?

- Mas ninguém mais se machucou - disse Felicia. - E todo mundo também estava bebendo.

- É - concordou Carrie. - Todo mundo estava bebendo.

- Não importa. - Agora a voz do padre Dominic estava trêmula de emoção. - Se todo mundo pulasse da ponte Gol den Gate isso faria a coisa parecer certa?

Uau, pensei. O padre D obviamente precisava de um novo curso de disciplina escolar, se achava que esse exemplo ainda tinha algum efeito.

E então meus olhos se arregalaram quando vi que agora ele estava apontando para mim. Eu? O que eu tinha feito?

Logo descobri.

- E você - disse o padre Dom. - Você ainda insiste que o que aconteceu com esses jovens não foi acidente, e sim assassinato deliberado!

Meu queixo caiu.

- Padre D - consegui dizer quando o recoloquei no lugar. - Com licença, mas é bastante óbvio...

- Não é. - O padre Dominic baixou o braço. - Para mim não é óbvio. Então o garoto tinha motivação. Isso não o torna assassino.

Olhei para Jesse procurando ajuda, mas por sua expressão espantada ficou claro que ele estava tão pasmo quanto eu pela explosão do padre.

- Mas a grade de proteção... - tentei. - Os parafusos frouxos...

- Sim, sim - disse o padre Dominic, de um modo bastante teimoso para ele. -

Mas você está deixando de lado o ponto mais importante, Suzannah. Suponha que Michael tenha esperado por eles. Talvez pretendesse atingi-los quando 171

fez a curva. Mas como saberia, no escuro, que era o carro certo? Diga, Suzannah.

Qualquer um poderia estar fazendo a curva. Como Michael saberia que era o carro certo? Como?

Nisso ele me pegou. E sabia. Fiquei ali, com o vento do mar chicoteando o cabelo no rosto, e olhei para Jesse. Ele me olhou de volta e deu de ombros, tão sem resposta quanto eu. O padre Dom estava certo. Não fazia sentido.

Pelo menos até que Josh disse:

- A Macarena.

Todos olhamos para ele.

- Perdão? - disse o padre Dominic. Mesmo com raiva, ele era absolutamente educado.

- Claro! - Felicia ficou de pé, tropeçando na bainha do vestido longo. - Claro!

Jesse e eu trocamos outro olhar confuso.

- A o quê? - perguntei a Josh.

- A Macarena. - Josh estava sorrindo. Sorrindo ele não parecia nem um pouco o cara que tinha tentado me afogar à tarde. Sorrindo parecia o que era: um rapaz de dezoito anos, inteligente e atlético, no auge da vida.

Só que sua vida tinha acabado.

- Eu estava dirigindo o carro do meu irmão - explicou, ainda rindo. - Ele está na faculdade. Disse que eu podia usá -lo enquanto ele estivesse fora. É maior do que o meu carro. Só que o cara botou uma buzina idiota, que toca a Macarena.

- Tremendo mico - informou Carrie.

- E na noite em que nós fomos mortos – continuou Josh -, eu buzinei quando estávamos fazendo a curva, e Michael estava esperando atrás dela.

- A gente tem de buzinar quando faz aquelas curvas fechadas - disse Felicia, cheia de empolgação.

- E a buzina tocou a Macarena. - O sorriso de Josh desapareceu como se fosse apagado pelo vento. - E foi aí que ele acertou na gente.

- Nenhuma outra buzina de carro na península toca a Macarena - disse Felicia, agora sem empolgação. - A Macarena só ficou na moda umas duas semanas.

Depois ficou totalmente brega. Agora só tocam em casamentos e coisas do tipo.

- Foi assim que ele soube. - A voz de Josh não estava mais cheia de indignação. Agora parecia meramente triste. Seu olhar estava fixo no mar, um mar escuro demais para se distinguir do céu nublado. - Foi assim que ele soube que éramos nós.

Freneticamente pensei no que Michael tinha me contado, há algumas horas, na

perua de sua mãe. *Eles vieram com tudo naquela curva. Nem buzinaram. Nada.*

Só que Josh estava dizendo que buzinaram. Que não somente buzinaram, mas que buzinaram de um modo específico, um modo que distinguia a buzina do carro de Josh...

- Ah - disse o padre Dominic, parecendo não se sentir bem. - Minha nossa.

Concordei totalmente com ele. Só que...

- Isso ainda não prova nada - falei.

- Está brincando? - Josh me olhou como se eu é que fosse maluca, como se ele não estivesse usando smoking na praia. - Claro que prova.

- Não, ela está certa. - Jesse saiu da pedra e parou perto de Josh. - Michael foi muito inteligente. Não há como provar, pelo menos num tribunal, que ele tenha cometido um crime aqui.

O queixo de Josh caiu.

- O que você quer dizer? Ele matou a gente! Eu estou aqui, dizendo! Nós buzinamos e ele bateu na gente de propósito e nos empurrou p ara o penhasco.

- É - disse Jesse. - Mas o seu testemunho não vai se sustentar num tribunal, meu amigo.

Josh estava à beira das lágrimas.

- Por quê?

- Porque é o testemunho de um morto - disse Jesse em tom tranqüilo.

Ferido, Josh apontou o dedo na minha di reção.

- Ela não está morta. Ela pode contar.

- Não pode - respondeu Jesse. - O que ela vai dizer? Que sabe a verdade sobre o que aconteceu naquela noite porque os fantasmas das vítimas contaram? Acha

que um júri vai acreditar nisso?

Josh o encarou furioso. Em seguida, com o olhar baixando até os pés, murmurou:

- Então está ótimo. Voltamos ao ponto de partida. Vamos resolver a coisa por nossas próprias mãos, certo, pessoal?

- Ah, não vão - falei. - De jeito nenhum. Dois erros não fazem um acerto. E

três muito menos.

Carrie olhou de Josh para mim e em seguida para ele outra vez.

- Do que ela está falando?

- Vocês não vão vingar sua morte matando Michael Meducci. Sinto muito. Mas isso simplesmente não vai acontecer.

Pela primeira vez em toda a noite, Mark se levantou. Olhou para mim, depois para Jesse e em seguida para o padre Dom. Depois disse:

- Isso é *besteira*, cara - e começou a ir para a praia.

- Então o *nerd* vai ficar livre? - Josh me olhou ameaçadoramente, com o maxilar trincado. - Ela mata quatro pessoas e fica livre?

- Ninguém disse isso. - Jesse, à luz da fogueira, parecia mais sério do que eu jamais tinha visto. - Mas o que acontece com o garoto não é da conta de vocês.

- Ah, é? - Josh voltou ao risinho de desprezo. - Então é da conta de quem?

Jesse assentiu para o padre Dominic e para mim.

- Deles - falou em voz baixa.

- Deles? - A voz de Felicia se elevou num tom de nojo. - Por que elesl

- Porque eles são os mediadores. - Ao brilho laranja da fogueira, os olhos de

Jesse pareciam pretos. - É isso que eles fazem.

175

Capítulo 14

O único problema é que os mediadores não sabiam exatamente como cuidar da situação.

- Olhe - sussurrei enquanto o padre Dominic largava uma vela branca na caixa que eu estava segurando e pegava uma roxa. - Deixe-me dar um telefonema anônimo para a polícia. Vou dizer que estava de carro em Big Sur naquela noite e vi tudo, e que não foi acidente.

O padre Dominic atarraxou a vela onde a branca estivera.

- E você acha que a polícia acredita em todo telefonema anônimo que recebe?

- Ele não se incomodou em sussurrar, porque não havia ninguém para ouvir. O

único motivo para eu ter baixado a voz era que a basílica, com todas as suas folhas de ouro e o vitral majestoso, me deixava nervosa.

- Bom, pelo menos eles vão suspeitar. - Segui o padre Dominic, que desceu da escada de mão, dobrou-a e foi até

177

a próxima Estação da Cruz. - Quero dizer, talvez eles comecem a investigar um pouco mais, chamem Michael para ser interrogado, ou algo assim. Juro que ele vai se dobrar, se fizerem as perguntas certas.

O padre Dominic levantou a bainha da batina preta enquanto subia de novo na escada.

- E quais seriam as perguntas certas? - perguntou, trocando outra vela branca por uma das roxas da caixa que eu estava segurando.

- Não sei. - Meus braços estavam ficando cansados. A caixa era bem pesada.

Normalmente as noviças é que trocariam as velas. Mas o padre Dominic não

pôde ficar parado desde nossa pequena excursão na véspera e ofereceu seus serviços ao monsenhor. Nossos serviços, devo dizer, já que me arrastou da aula de religião para ajudar. Não que eu me importasse. Sendo agnóstica devota, não estava captando grande coisa da aula de religião - algo que a irmã Ernestine esperava consertar antes de minha formatura.

- Acho que a polícia pode se sair muito bem sem nossa ajuda - disse o padre Dom enquanto torcia a vela de modo decidido, já que ela não parecia se encaixar direito no castiçal. - Se o que sua mãe disse é verdade, a polícia já suspeita de Michael, de modo que não deverá demorar muito até chamá-lo para interrogatório.

- Mas e se mamãe estivesse apenas reagindo exagerada mente? - Notei uma turista ali perto, usando um lenço de madras e um Izod, admirando os vitrais, e baixei mais ainda

a voz. - Puxa, ela é mãe. As mães fazem isso. E se a polícia não estiver suspeitando de nada?

- Suzannah. - Com a vela no lugar, o padre Dominic desceu a escada e me olhou com uma expressão que parecia uma mistura de exasperação e afeto. Notei que havia sombras roxas sob os olhos dele. Ambos ficamos bem exau stos depois da longa caminhada até a praia e a subida de volta, para não mencionar o desgaste emocional que tínhamos experimentado lá embaixo.

Mesmo assim o padre Dominic parecia ter acordado com mais vigor do que seria de esperar para um cara de sessenta e poucos anos. Eu mal conseguia andar, de tanto que as canelas doíam, e não conseguia parar de bocejar, já que nosso pequeno tête-à-tête com os Anjos tinha durado até bem depois da meia -

noite. A não ser pelas olheiras, o padre Dom estava quase saltando, bo rbulhando de energia.

- Suzannah - disse ele de novo, desta vez menos exasperado e mais afetuoso.

- Prometa que não vai fazer nada parecido. Não vai dar nenhum telefonema anônimo para a polícia.

Ajeitei a caixa de velas nos braços. Certamente havia parecid o uma boa idéia quando pensei nela por volta das quatro da madrugada. Tinha ficado acordada quase a noite inteira imaginando que diabo iríamos fazer quanto aos Anjos da RLS

e Michael Meducci.

- Mas...

- E sob nenhuma circunstância - o padre Dominic, aparentemente notando meu problema com a caixa, levan tou-a

facilmente dos meus braços e a colocou no último degrau da escada - você vai tentar falar com Michael sobre nada disso.

Esse, claro, era o plano B. Se o negócio da denúncia anônima à polícia não desse certo, eu tinha planejado encurralar Michael e jogar uma conversa macia -

ou cair de pau, o que quer que parecesse mais eficaz - para arrancar uma confissão.

- Você vai deixar que eu cuide disso - falou o padre Dominic suficientemente alto para que a turista usando o lenço de madras, que estava para tirar uma foto do altar, baixasse rapidamente a máquina e se afastasse. - Eu pretendo falar com o rapaz, e posso garantir que, se ele for mesmo culpado desse crime hediondo... -

eu respirei para falar, mas o padre Dominic levantou um dedo em alerta. - Você me ouviu - disse ele em voz um pouco mais baixa, mas só porque tinha notado que uma das noviças havia entrado na igreja trazendo mais tecidos pretos para cobrir as muitas estátuas da Virgem Maria na basílica . Elas ficariam cobertas até a Páscoa, pelo que percebi. Religião. Isso é que é coisa esquisita, vou lhe contar.

- Se Michael for culpado do que esses jovens dizem, vou convencê-lo a confessar. - O padre Dominic parecia estar falando sério. Tanto que eu ne m tinha feito nada, mas não sei por quê, olhando sua expressão séria, senti vontade de confessar. Uma vez peguei cinco dólares da carteira de mamãe para comprar um pacote gigante de Skittles. Talvez devesse confessar isso.

180

- Bom - disse o padre puxando a manga da batina preta e olhando seu Timex.

Os padres não ganham o suficiente para comprar relógios maneiros. - Estou esperando o sr. Meducci a qualquer momento, portanto você precisa sair. Acho que será melhor que ele não nos veja juntos.

- Por quê? Ele não faz idéia de que nós passamos a maior parte da noite de ontem conversando com suas vítimas.

O padre Dominic pôs a mão no centro das minhas costas e empurrou.

- Vá embora, Suzannah - disse numa voz meio paternal.

Fui, mas não muito longe. Assim que o padre D virou as costas, enfiei-me num banco da igreja e fiquei abaixada, esperando. Não sabia bem o quê. Bom, certo, sabia: estava esperando Michael. Queria ver se o padre D realmente seria capaz de fazê-lo confessar.

Não precisei esperar muito. Uns cinco minutos depois escutei a voz de Michael dizer, não muito longe de onde eu estava escondida:

- Padre Dominic? A irmã Ernestine disse que o senhor queria falar comigo.

- Ah, Michael. - A voz do padre Dominic não revelava nada do horror que eu sabia que ele estava sentindo com a perspectiva de um dos seus estudantes ser um possível assassino. Parecia relaxado e até mesmo jovial.

Ouvi a caixa de velas chacoalhar.

- Aqui - disse o padre. - Segure isso, por favor.

Percebi que ele tinha acabado de entregar a Mich ael a caixa que eu estivera segurando.

181

- Hã... Claro, padre Dominic - disse Michael.

Escutei o barulho da escada sendo dobrada outra vez. O padre Dom estava

pegando-a e indo para a próxima Estação da Cruz. Mas eu ainda podia ouvi -lo...

fracamente.

- Andei preocupado com você, Michael. Soube que sua irmã não está dando muitos sinais de melhora.

- Não, padre. - A voz de Michael saiu tão baixa que eu mal podia ouvir.

- Sinto muito. Lila é uma menina muito doce. Sei que você deve amá-la demais.

- Sim, padre.

- Sabe, Michael, quando coisas ruins acontecem com pessoas que amamos...

bem, algumas vezes nós viramos as costas para Deus.

Argh, nossa, pensei no meu banco. Não devia ir por aí. Não com *Michael*.

- Algumas vezes ficamos tão ressentidos com essa coisa terrível que aconteceu a alguém que não merece, que não somente viramos as costas para Deus, mas até podemos começar a pensar em... bom, em coisas que normalmente não pensaríamos se a tragédia não tivesse acontecido. Como, por exemplo, em vingança.

Certo, pensei. Está ficando melhor, padre D.

- Srta. Simon.

Espantada, olhei em volta. A noviça que tinha vindo cobrir as estátuas estava me olhando do fim do banco.

- Ah. - Tirei os joelhos do genuflexório e me sentei. Vi que o padre Dominic e Michael estavam de costas para mim. Longe demais para nos ouvir.

- Oi - falei à noviça. - Eu só estava... é... procurando um brinco.

A noviça pareceu não acreditar.

- Você não tem aula de religião com a irmã Ernestine agora?

- Sim, irmã. Tenho.

- Bem, então não era melhor estar na sala?

Lentamente fiquei de pé. Não teria importado, mesmo que eu não fosse apanhada. Padre Dominic e Michael tinham se afastado demais para eu ouvir alguma coisa.

Andei até o fim do banco, com o pouco de dignidade que consegui juntar, e parei ao chegar à noviça, antes de ir em frente.

- Desculpe, irmã. - Então, lutando para romper o silên cio incômodo durante o qual a noviça me encarou numa desaprovação muda, acrescentei: - Gostei da sua... é...

Mas como não conseguia me lembrar de como chamam aq uela roupa que elas usam, o elogio ficou meio fraco, mesmo que eu tenha quase salvado no fim, sinalizando para ela e dizendo:

- A senhora sabe, a sua coisa. Cai muito bem no seu corpo.

Mas acho que é a coisa errada para dizer a alguém que está estudando pa ra ser freira, já que a noviça ficou com o rosto muito vermelho e disse:

- Não me obrigue a fazer uma advertência, srta. Simon.

O que achei meio grosseiro, considerando que estivera tentando ser gentil.

Mas deixa para lá. Saí da igreja e voltei

à sala de aula. Peguei o caminho mais longo, pelo pátio ensolarado, para aplacar os nervos em frangalhos ouvindo o som da fonte borbulhante.

Mas logo meus nervos se esfrangalharam outra vez quando vi mais uma noviça parada perto da estátua do padre Serra, fazend o uma pequena palestra para um grupo de turistas sobre as boas obras do missionário. Para não ser vista fora da

sala de aula sem um passe (por que não pensei em pedir um ao padre D? Com o negócio das velas acabei esquecendo) enfiei -me no banheiro feminino, onde fui recebida por uma nuvem de fumaça cinza.

O que só podia significar uma coisa, claro.

- Gina - falei curvando-me e olhando por baixo das portas para deduzir em que cabine ela estava. - Pirou de vez?

A voz de Gina veio flutuando de uma das cabines n o final, perto da janela, que minha amiga havia aberto estrategicamente.

- Acho que não - respondeu Gina abrindo a porta da cabine e se apoiando nela enquanto soltava uma baforada.

- Pensei que você tivesse parado de fumar.

- Parei. - Gina se juntou a mim perto da janela, em cujo parapeito eu havia me sentado. Tendo sido construída por volta de 1600, ou sei lá quando, a Missão era feita de um adobe grosso de verdade, de modo que todas as janelas ficavam recuadas uns sessenta centímetros na pedra. Com isso os parapeitos funcionavam como bancos que, apesar de meio altos, eram pelo menos frescos e confortáveis.

- Atualmente só fumo em emergências - explicou Gina. - Tipo em aulas de religião. Você sabe que eu me oponho filosoficamente às religiões organiz adas. E

você?

Levantei as sobrancelhas.

- Não sei. O budismo sempre me pareceu maneiro. O lance da reencarnação é bem atraente.

- Isso é o hinduísmo, sua boçal. E eu estava falando sobre fumar.

- Ah. Certo. Não. Nunca peguei o jeito. Por quê? - Ri para ela. - Soneca não contou a você sobre quando me pegou tentando fumar?

Ela franziu a testa de um jeito bonitinho.

- Não. E eu gostaria que você não o chamasse assim.

Fiz uma careta.

- Jake, então. Ele ficou bem irritado. É melhor não ser apanhada fumando, se não ele larga você que nem uma batata quente.

- Duvido muito - disse Gina com um sorriso misterioso.

Estava provavelmente certa. Imaginei como seria ser como Gina e ver cada garoto que conhece se apaixonando loucamente por você. Os únicos garotos que se apaixonavam loucamente por mim eram como Michael Me ducci. E ele nem estava tecnicamente apaixonado por mim. Estava apaixonado pela idéia de eu estar apaixonada por ele. Algo em que, a propósito, eu ainda não conseguia pensar sem estremecer.

Soltei um suspiro arrasado e olhei pela janela. Cerca de um quil ômetro e meio de paisagem inclinada, repleta de

ciprestes, estendia-se até o mar muito azul que brilhava ao sol da tarde.

- Não sei como você agüenta. - Gina exalou uma nuvem de fumaça cinza.

Tinha voltado a falar da aula de religião, dava para ver pelo tom de voz. - Puxa, isso tudo deve parecer realmente uma besteira para você, considerando o negócio de ser mediadora.

Dei de ombros. Eu tinha chegado tarde demais na noite anterior para ter a

"conversa" com Gina. Ela estava dormindo profundamente quando me esgueirei de volta em casa. O que foi ótimo, porque eu me sentia exausta.

Mas não o suficiente para cair no sono.

- Não sei. Bom, não tenho a mínima idéia de para onde os fantasmas vão depois que eu mando os ditos-cujos se catarem. Eles simplesmente... vão. Talvez para o

céu. Talvez para a próxima vida. Duvido que vá descobrir antes de morrer também.

Gina apontou a próxima nuvem de fumaça para a janela.

- Você faz parecer que é uma viagem. Tipo: quando a gente morre, só está mudando para outro endereço.

- Bem. - Pessoalmente acho que é assim que a coisa funciona. Só não peça para eu dizer qual é o endereço. Porque não sei.

- E então. - Tendo acabado o cigarro, Gina o apagou no adobe embaixo de nós, depois jogou a guimba habilmente por cima da porta da cabine mais próxima, dentro do vaso. Ouvi o "plop" e depois o chiado. - O que aconteceu ontem à noite?

Contei. Sobre os Anjos da RLS e como eles achavam que Michael os tinha matado. Contei sobre a irmã de Mi chael e o acidente na Estrada Pacific Coast.

Contei que Josh e seus amigos estavam querendo vingar a morte e que o padre Dominic e eu tínhamos discutido com eles, noite adentro, até finalmente convencê -

los a levar Michael à justiça convencional - você sabe, utilizando as instâncias legais adequadas e não um contrato de assassinato paranormal.

Só não contei uma coisa. Sobre Jesse. Por algum motivo, simplesmente não conseguia me obrigar a falar dele. Talvez por causa do que tinha dito a vidente.

Talvez porque sentia medo de que Madame Zara estivesse certa, que eu realmente era uma gigantesca fracassada que só ia me apaixonar por uma pessoa em toda a vida, e essa pessoa era um cara que:

(a) não me amava, e

(b) não era exatamente alguém que eu poderia apresenta r à minha mãe, já que nem estava vivo.

Ou talvez fosse simplesmente porque... bem, porque Jesse era um segredo que eu queria guardar para mim, como uma garota estúpida apaixonada por Carson Daly ou alguém assim. Talvez algum dia eu passe a ficar embaixo da janela do quarto com um grande cartaz dizendo *Jesse, quer ir ao baile de formatura comigo?* como aquelas garotas que ficam do lado de fora dos estúdios da MTV, mas esperava sinceramente que alguém me desse um tiro antes de chegar a esse ponto.

Quando terminei, Gina suspirou e disse:

- Bem, é sempre assim. Os bonitinhos sempre acabam sendo os assassinos psicóticos

Estava falando de Michael.

- É. Mas ele nem é tão bonitinho assim. A não ser sem roupa.

- Você sabe o que eu quero dizer. - Gina balançou a cabeça. - O que você vai fazer se ele não confessar ao padre Dominic?

- Não sei. - Essa era uma das coisas que haviam colaborado para a minha insônia. - Acho que vamos ter de arranjar alguma prova.

- Ah, é? E onde? Na loja de provas? - Gina bocejou, olhou o relógio e depois pulou do parapeito. - Faltam dois minutos para o almoço. O que você acha que vai ser hoje? Salsicha de novo?

- Sempre é.

A Academia da Missão não era exatamente conhecida pela excelência de sua lanchonete. Isso porque não existia lanchone te. Nós almoçávamos do lado de fora, num *trailer*. Era esquisito, mesmo para duas garotas do Brooklyn que tinham visto de tudo - como foi ilustrado pela total falta de surpresa de Gina com relação ao que eu tinha acabado de contar.

- O que eu quero saber - disse ela enquanto saíamos do banheiro feminino e íamos para o caminho externo que logo estaria cheio de gente - é por que você nunca me contou nada disso antes. Você sabe, o negócio de mediadora. Até

parece que eu não sabia!

188

Você não sabe, pensei. Pelo menos a pior parte.

- Eu tinha medo de você contar à sua mãe - foi o que falei em voz alta. - E que ela contasse à minha mãe. E que minha mãe me enfiasse num manicômio. Para o meu próprio bem, claro.

- Claro. - Gina olhou bem para mim. - Você é uma idiota. E sabe disso, não sabe? Eu nunca teria contado à minha mãe. Nunca conto nada à minha mãe, se puder evitar. E certamente não teria contado a ela, nem a ninguém, sobre o negócio de ser mediadora.

Dei de ombros, desconfortável.

- Eu sei. Acho... bem, na época eu vivia muito tensa com tudo. Acho que relaxei um pouco nos últimos tempos.

- Dizem que a Califórnia faz isso com as pessoas.

E então o relógio da Missão tocou o meio -dia. Todas as portas das salas de aula em volta de nós se abriram e uma enchente de pessoas começou a vir em nossa direção.

Demorou apenas uns trinta segundos para Michael me descobrir e vir direto falar comigo.

- Ei - disse ele, sem parecer nem um pouco alguém que tivesse acabado de confessar um homicídio quádruplo. - Estive procurando você. O que vai fazer depois da aula hoje?

- Nada - falei rapidamente, antes que Gina pudesse abrir a boca.

- Bem, a companhia de seguros finalmente arranjou um carro alugado para mim, e eu estava pensando, sabe, se você queria voltar à praia, ou algo assi m...

189

Voltar à praia? Esse cara tinha amnésia ou o quê? Era de pensar que, depois do que aconteceu com ele na última vez em que foi à praia, seria o único lugar onde não quereria ir.

Mesmo assim, embora sem saber, ele estaria em perfeita segurança lá. Graças ao Jesse. Ele estava de olho nos Anjos enquanto o padre Dom e eu tentávamos levar seu suposto assassino à polícia.

Foi enquanto pensava numa resposta para esse convite que vi o padre Dominic vindo na nossa direção. Logo antes de ser puxado para a sa la dos professores pelo sr. Walden que gesticulava entusias mado, ele balançou a cabeça. Mi chael estava de costas, por isso não viu. Mas a mensagem do padre Dom para mim foi clara: Michael não tinha confessado.

O que só podia significar uma coisa: estava na hora de trazer os profissionais.

Eu.

- Claro - falei, olhando de volta para Michael. - Talvez você possa me ajudar com o dever de geometria. Acho que nunca vou conseguir sacar nada desse estúpido teorema de Pitágoras. Juro que vou levar bomba depois daque le último teste.

- O teorema de Pitágoras não é difícil - disse Michael, parecendo achar divertida a minha frustração. - A soma dos quadrados dos catetos do triângulo retângulo é igual ao quadrado da hipotenusa.

Fiz "Hein?" de um jeito desamparado.

- Olha, eu tirei dez em geometria - disse Michael. - Posso ensinar a você.

Olhei para Michael com o que esperava que ele confundisse com adoração.

- Ah, você faria isso?

- Claro.

- Podemos começar hoje? Depois da aula? - Eu deveria ganhar um Oscar.

Verdade. Tinha dominado totalmente aquela coisa de fêmea indefesa. - Na sua casa?

Michael só pareceu um pouquinho perplexo.

- Hã... Claro. - Depois, quando se recuperou da surpresa, acrescentou maroto:

- Mas meus pais não vão estar em casa. Meu pai vai estar trabalhando, e mamãe passa a maior parte do tempo no hospital. Com minha irmã. Você sabe. Espero que isso não seja problema.

Fiz tudo, menos tremelicar os cílios para ele.

- Ah, não - falei. - Tudo bem.

Michael ficou satisfeito - mas ao mesmo tempo um pouco desc onfortável.

- Hã - disse ele enquanto as hordas de alunos passavam por nós. - Olha, com relação ao almoço, eu não posso ficar com você. Tenho de fazer umas coisas. Mas encontro você aqui depois da última aula. Certo?

Falei um "Certo" numa imitação total de Kel y Prescott em seu jeito mais colegial. Deve ter funcionado, porque Michael se afastou meio tonto, mas satisfeito.

Foi então que Gina agarrou meu braço, me puxou para uma porta e sibilou: 191

- O que há com você, está drogada? Você vai à casa do cara? *Sozinha?*

Tentei afastá-la.

- Calma, Gi. - O apelido que Soneca tinha posto nela pegava, por mais que eu odiasse admitir que qualquer coisa bolada por meu meio-irmão pudesse ter algum mérito. - Isso é o que eu faço.

- Sair com possíveis assassinos? - Gina pareceu cética. - Não creio, Suze. Você conversou sobre isso com o padre Dominic?

- Gi. Eu sou uma garota crescida. Posso cuidar de mim mesma.

Ela estreitou os olhos.

- Não conversou, não foi? O que você está fazendo? Dando uma de *free-lancer?* E não me chame de Gi.

- Olha - expliquei no que esperava que fosse uma voz tranqüilizadora. - As chances são de que Michael não vá falar uma palavra sobre isso comigo. Mas ele é um *nerd*, certo? Um *nerd* de computador. E o que os *nerds* de computador fazem quando estão planejando alguma coisa?

Gina continuou parecendo irritada.

- Não sei. E não me importo. Estou dizendo...

- Escrevem coisas - falei calmamente. - No computador. Certo? Eles mantêm um diário, ou contam vantagem para os outros nas salas de bate-papo, ou fazem plantas dos prédios que eles querem explodir, ou sei lá o quê. Assim, mesmo que eu não consiga fazer com que ele admita alguma coisa, se puder ficar algum tempo sozinha com o computador de Michael, aposto que consigo...

- Gi! - Soneca veio até nós. - E aí, vai almoçar agora?

Os lábios de Gina estavam comprimidos de irritação comigo, mas Soneca não pareceu notar. Nem Dunga, que apareceu um segundo depois.

- Ei - disse ele sem fôlego. - Por que vocês estão parados aí? Vamos comer.

Então me notou e deu um risinho de desprezo.

- Suze, onde está sua sombra?

Respondi fungando:

- Michael está impossibilitado de se juntar a nós para o almoço, uma vez que foi retido de modo inevitável.

- É - disse Dunga, e depois fez uma observação grosseira sobre Michael estar retido pela incapacidade de colocar algumas partes de seu corpo de volta nas calças. Isso, aparentemente, era uma alusão à falta de coordenação de Michael, e não uma sugestão de que fosse mais bem -dotado do que um rapaz mediano de

dezesseis anos.

Optei por ignorar a observação, assim como Gina, mas acho que isso foi porque ela nem ouviu.

- Espero que você saiba o que está fazendo - foi tudo o que ela disse, e ficou claro que não estava falando a nenhum dos meus meios -irmãos, o que os deixou tremendamente intrigados. Por que qualquer garota iria se incomodar em falar comigo quando podia falar com eles?

- Gi - falei com alguma surpresa. - O que você acha que eu sou? Uma amadora?

- Não. Uma idiota.

193

Ri. Achei realmente que ela estava apenas sendo engraçada . Só muito depois percebi que não havia nada de engraçado naquilo.

Porque, por acaso, Gina estava cem por cento certa.

194

Capítulo 15

Esse é o negócio com os assassinos. Se você já co nheceu algum, tenho certeza de que vai concordar comigo:

Eles não conseguem deixar de contar vantagem sobre o que fizeram.

Sério. São totalmente vaidosos. E isso, em geral, é o que acaba com eles.

Veja a coisa pelo ponto de vista deles: quero dizer, ali estão os caras, cometeram um crime terrível e se deram bem. Você sabe, u ma coisa tão engenhosa que ninguém sequer pensaria em acusá -los de a terem feito.

E não podem contar a ninguém. A absolutamente ninguém.

É isso que quase sempre acaba com eles. Não contar a ninguém, não revelar a ninguém seu segredo brilhante. Bem, esse ne gócio é praticamente de matar.

Não me entenda mal. Eles não querem ser apanhados. Só querem que alguém aprecie a inteligência daquilo que fizeram. É, foi um crime hediondo - algumas vezes até impensável. Mas olha. Olha. Eles fizeram isso sem serem apa nhados.

Enganaram a polícia. Enganaram todo mundo. Eles precisam contar a alguém.

Precisam. Caso contrário, de que adianta?

Essa é apenas uma observação pessoal, claro. Eu conheci alguns assassinos em minha área de atuação, e esta é a única coisa que todos parecem ter em comum. Só os que ficam de boca fechada conseguem não ser apanhados. Para todo o resto? Cana.

Assim achei que Michael - que já acreditava que eu estava apaixonada por ele

- poderia decidir contar vantagem comigo sobre o que tinha feito. Ele já havia começado, um pouquinho, quando falou que Josh e pessoas do tipo eram apenas um "desperdício de espaço". Parecia provável que, com algum estímulo, eu conseguiria fazer com que ele fosse mais específico... talvez a ponto de uma confissão que eu poderia entregar à polícia.

O que você está dizendo? Culpada? Se eu não vou me sentir culpada por dedurar um cara que, afinal de contas, só estava tentando se vingar dos garotos que tinham deixado a irmã se machucar tanto?

É. Certo. Escute, eu não curto essa d e culpa. No meu livro há dois tipos de pessoas. As boas e as más. Para mim, neste caso específico, não havia uma única pessoa boa a ser encontrada. Todo mundo tinha feito alguma coisa censurável,

desde Lila Meducci aparecendo naquela festa e se embebe dando até os Anjos da RLS por terem armado a bebedeira. Talvez alguns tenham cometido crimes um pouquinho mais hediondos do que outros - Michael matando quatro pessoas me vem à cabeça - mas, francamente, para mim... ninguém ali prestava.

De modo que, respondendo à sua pergunta, não, não sentia culpa com relação ao que ia fazer. Pelo modo como via, quanto mais cedo Michael recebesse o que merecia, mais cedo eu poderia voltar ao que era realmente importante na vida:

me esparramar na praia com minha melhor ami ga, absorvendo uns raios de sol.

Foi quando estava no banheiro feminino logo depois da última aula, colocando delineador diante do espelho sobre as pias (descobri que é mais fácil arrancar confissões de potenciais criminosos quando estou nos trinques) que recebi a primeira indicação de que a tarde não seria exatamente como planejei.

A porta se abriu e Kel y Prescott entrou, seguida por sua sombra, Debbie Mancuso. Parece que não estavam ali para se aliviar nem para se emperequetar, já que só ficaram paradas me olhando com hostilidade.

Espiei o reflexo delas no espelho e disse: - Se for para discutir a verba para o passeio da turma à região vinícola, podem esquecer. Eu já conversei com o sr.

Walden e ele disse que é a coisa mais ridícula que já ouviu falar. Ao parque Six Flags Great Adventure, talvez, mas não ao Vale do Napa. As vinícolas exigem comprovação de idade, vocês sabem.

O lábio superior de Kel y se enrolou.

- Não é sobre isso - falou numa voz enojada.

- É - disse Debbie. - É sobre suas amizades.

- Minhas amizades? - Eu tinha apanhado uma escova na mochila e comecei a passar nos cabelos, fingindo despreocupação. E não estava preocupada. Não de verdade. Podia cuidar de qualquer coisa vinda de Kel y Prescott e Debbie Mancuso.

Só não me sentia exatamente a fim de lidar com isso, além de todo o resto que tinha acontecido ultimamente. - Está falando de Michael Meducci?

Kel y revirou os olhos.

- Fala sério! Não imagino nem por que você ia querer ser vista com aquilo. Mas por acaso estamos falando dessa tal de Gina.

- É - disse Debbie, com os olhos se estreitando até virarem fendas.

Gina? Ah, Gina. Gina que tinha roubado os namoradinhos de Kel y e Debbie.

De repente tudo ficou claro.

- Quando ela vai voltar para Nova York? - perguntou Kel y.

- É - disse Debbie. - E onde ela está dormindo? No seu quarto, certo?

Kel y deu-lhe uma cotovelada, e Debbie disse:

- Ei, não finja que não quer saber, Kel.

Kel y lançou um olhar irritado para a amiga, e depois me perguntou:

- Houve alguma... bem, alguma troca de camas?

Troca de camas?

- Não que eu saiba - falei. Pensei em curtir com a cara delas, mas o negócio é que realmente sentia pena. Sei que se algum fantasma *femme fatale* aparecesse e roubasse Jesse eu ficaria bem irritada. Não que ele já tivesse sido meu, para começar.

- Nada de troca de camas - falei. - Pezinhos debaixo da mesa de jantar, talvez, mas nada de troca de camas, que eu saiba.

Debbie e Kel y trocaram olhares. Dava para ver que estavam aliviadas.

- E ela vai embora quando? - perguntou Kel y.

Quando falei "domingo" as duas garotas soltaram um pequeno suspiro. Debbie disse:

- Bom.

Agora que sabia que não teria de suportá -la por muito tempo, Kel y estava disposta a ser gentil com relação a Gina.

- Não que eu não goste dela - falou.

- É - concordou Debbie. - Só que ela é... você sabe.

- Sei - falei de um modo que esperava que fosse reconfortante.

- É só porque ela é nova. - Agora Kel y estava ficando na defensiva. - Só por isso eles gostam dela. Porque ela é diferente.

- Claro - falei, guardando a escova.

- Tipo, então ela é de Nova York? Grande coisa. - Kel y estava realmente indo fundo. - Quero dizer, eu já estive em Nova York. Não foi tão fantástico. Era um lugar bem sujo, e havia pombos nojentos e mendigos em toda parte.

- É - concordou Debbie. - E sabe o que eu ouvi falar? Que em Nova York não existem *tacos* de peixe.

Quase senti pena de Debbie.

- Bom - falei colocando a mochila nas costas. - Foi um prazer. Mas tenho de ir, senhoritas.

Deixei-as ali, enfiando o mindinho em pequenos potes de brilho l abial e depois se inclinando no espelho para aplicar.

Michael me esperava exatamente onde tinha dito que estaria. Dava para ver que o delineador ia cumprindo a sua função, porque ele ficou muito agitado e disse:

- Oi, ah, você, é... quer que eu leve sua mo chila?

Falei toda fresca:

- Ah, seria ótimo. - E deixei que ele pegasse.

Com duas mochilas penduradas nos ombros, a minha e a dele, Michael parecia meio esquisito, mas afinal de contas ele era sempre esquisito - pelo menos vestido

- então não foi uma grande surpresa. Começamos a andar pela passarela coberta, fresca e sombreada - agora vazia, já que quase todo mundo tinha ido embora - e

saímos ao sol quente do estacionamento. O mar, logo adiante, piscava para nós. O

céu estava sem nuvens.

- Meu carro está ali - disse Michael apontando para um seda verde -esmeralda.

- Bem, não é o meu carro. É o que a locadora me emprestou. Mas não é ruim.

Tem um certo charme.

Sorri e Michael tropeçou num pedaço de concreto solto. Teria caído de cara se não tivesse se salvado no último

minuto. Dava para ver que meu batom estava tendo um efeito tão bom quanto o delineador.

- Só deixa eu... é... achar as chaves - disse ele revirando os bolsos.

Falei para demorar o quanto quisesse. Então tirei os óculos Donna Karan e virei o rosto para o sol, encostada no cap ô do carro alugado. Qual é a melhor maneira de puxar o assunto?, pensei. Talvez devesse sugerir que a gente parasse no hospital para visitar sua irmã. Não, eu queria chegar o mais cedo possível à casa dele, para começar a ler os e-mails. Será que conseguiria acessar os e -mails?

Provavelmente não. Mas poderia ligar para Cee Cee. Ela saberia como. Será que dá para falar ao telefone e acessar o e -mail de alguém ao mesmo tempo? Ah, meu Deus, por que mamãe não me deixa ter um cel ular? Eu era praticamente a única da turma que não tinha - sem contar Dunga, claro.

Foi enquanto eu estava pensando nisso que uma sombra caiu no meu rosto, e de repente não senti mais o calor do sol. Abri os olhos e me peguei olhando para Soneca.

- O que você acha que está fazendo? - perguntou ele do mesmo modo sonâmbulo em que fazia tudo.

Pude sentir as bochechas ficando vermelhas. E não por causa do sol.

- Vou pegar uma carona com Michael - falei humildemente. Dava para ver com o canto do olho que Michael, junto à porta do motorista, tinha finalmente achado as chaves, e se imobilizou com elas na mão, com a porta aberta.

201

- Não vai não - disse Soneca.

Não pude acreditar. Não pude acreditar que ele estava fazendo isso comigo.

- Sone... - comecei, mas parei bem a tempo. - *Jake* - falei baixinho. - Corta essa.- Não. Corta essa você. Você se lembra do que mamãe falou.

Mamãe. Ele tinha chamado minha mãe de *mamãe*. O que estava acontecendo aqui?

Baixei os óculos escuros e olhei para além de Jake. Gina, Dunga e Mestre estavam do lado mais distante do estacionamento, encostados na lateral do Rambler e olhando na minha direção.

Gina. Ela havia me dedurado. Havia me dedurado para o Soneca. Não pude acreditar.

- Sone... quero dizer, Jake. Agradeço sua preocupação. Verdade. Mas posso cuidar de mim mesma...

- Não. - E, para minha surpresa, ele pegou meu braço com a mão e começou a me puxar. Soneca era surpreendentemente forte, para alguém que dava a impressão de estar tão cansado o tempo todo. - Você vem para casa com a gente.

Desculpe, cara. - Isto foi dito para Michael. - Ela deve ir para casa comigo hoje.

Mas Michael não pareceu achar essa resposta satisfatória. Tirou nossas duas mochilas e, jogando as chaves do carro de volta no bolso da calça, deu um passo na direção de Soneca.

- Não acho - disse Michael numa voz dura que eu nunca o tinha ouvido usar -

que a moça queira ir com você.

202

A moça? Que moça? Então percebi, com um susto, que ele estava falando de mim. Eu era a moça.

- Não me importa o que ela quer - disse Soneca. Sua voz não estava dura.

Estava simplesmente confiante. - Ela não vai entrar num carro com você, e ponto final.-Acho que não. - Michael deu outro passo na direção de Soneca. E foi então que vi seus dois punhos fechados.

Punhos! Michael ia lutar com Soneca! Por minha causa!

Isso era tremendamente empolgante. Nunca dois garotos tinham lutado por minha causa. Mas o fato de um deles ser meu meio -irmão e ter praticamente tanto apelo romântico para mim quanto Max, o cachorro da família, abafou um pouc o meu entusiasmo.

E Michael também não era grande coisa, pensando bem, já que era potencialmente assassino e coisa e tal.

Ah, por que eu tinha de ter dois fracassados daqueles querendo brigar por minha causa? Por que Matt Damon e Ben Affleck não brigavam p or mim? Isso sim seria excelente.

- Olha, meu amigo - disse Soneca notando os punhos de Michael. - Você não vai querer mexer comigo, certo? Eu só vou pegar minha irmã aqui - ele me arrastou para longe do capô do carro - e ir embora. Sacou?

Irmã? Meia-irmã! Meia-irmã! Meu Deus, por que ninguém saca isso?

- Suze - disse Michael. Ele não havia afastado o olhar de Soneca. - Só entre no carro, certo?

Bem, isso tinha demorado demais, pensei. Eu não somente estava totalmente envergonhada como também sentia

203

muito calor. Naquela tarde o sol não estava moleza. De repente não me restava

nenhuma energia de caça-fantasma. Além disso acho que não queria ver todo mundo se machucar por uma coisa tão completamente idiota.

- Olha - falei a Michael. - É melhor eu ir com ele. Deixa para outro dia, certo?

Finalmente Michael afastou o olhar de Soneca. Quando seus olhos pousaram em mim, foi com uma expressão estranha. Como se não estivesse me vendo de verdade.

- Ótimo - disse ele.

Então entrou no carro sem dizer mais nada e li gou o motor.

Meu Deus, pensei. Vamos deixar de ser infantis, certo?

- Ligo para você quando chegar em casa - gritei para Michael, mas duvido de que ele tenha ouvido por trás das janelas fechadas. Seria difícil arrancar uma confissão dele pelo telefone, mas não impossível, pensei.

Os pneus de Michael cantaram no asfalto quente enquanto ele se afastava.

- Que otário imbecil - murmurou Soneca enquanto me arrastava pelo estacionamento. Só que não disse *otário*. Nem *imbecil*. - E você quer sair com esse cara?

- Nós somos apenas amigos - falei carrancuda.

- É. Certo.

- Você está completamente ferrada - disse Dunga enquanto eu me aproximava do Rambler com Soneca.

Essa era umas das frases que ele mais gostava de me dizer. Na verdade dizia sempre que tinha a mínima cha nce.

- Tecnicamente não, Brad - observou Mestre, pensativo. - Veja bem, ela não entrou no carro com ele. E isso é que estava proibida de fazer. Entrar num carro com Michael Meducci.

- Calem a boca, todos vocês - disse Soneca indo para o banco do motorista. - E

entrem logo.

Notei que Gina entrou automaticamente no banco dianteiro. Parece que não acreditou que, quando Soneca mandou todo mundo calar a boca, também estivesse falando dela, porque disse:

- Que tal a gente parar em algum lugar para tomar um sorvete?

Eu sabia que Gina estava tentando fazer com que eu não ficasse furiosa com ela. Como se um sorvete com calda de chocolate fosse ajudar. Na verdade, pensando bem, acho que ajudaria.

- Para mim está ótimo - disse Soneca.

Dunga, à minha direita - como sempre eu tinha acabado sentada no calombo no meio do banco de trás - murmurou:

- Não sei o que você vê naquele panaca do Meducci.

- Ah, isso é fácil - disse Mestre. - As fêmeas de todas as espécies tendem a selecionar o parceiro masculino mais capaz de s er o provedor para ela e a prole que pode resultar do acasalamento. Sendo bem mais inteligente do que a maioria dos colegas de turma, Michael Meducci cumpre amplamente esse papel, além de ter o que é considerado um físico notável pelos padrões ocidentais d e beleza, se for

verdade o que ouvi Gina e Suze dizerem. Já que tem probabilidade de passar aos filhos esses componentes genéticos favoráveis, ele é irresistível para as fêmeas reprodutoras de toda parte. Pelo menos as que têm discernimento, como Suze .

Houve silêncio no carro... o tipo de silêncio que geralmente acompanhava os discursos de Mestre.

Então Gina disse com reverência:

- Realmente deveriam adiantar você de série, David.

- Ah, eles quiseram - respondeu Mestre, animado -, mas ainda que meu intelecto possa ser desenvolvido para um garoto da minha idade, o crescimento foi um tanto retardado. Achei pouco aconselhável me enfiar numa população de machos muito maiores do que eu, que podiam se sentir ameaçados por minha inteligência superior.

- Em outras palavras - Soneca traduziu para Gina -, nós não queríamos que ele levasse porrada dos garotos maiores.

Em seguida ligou o carro e disparamos para fora do estacionamento na alta velocidade que - apesar do apelido particular que dei a ele - Soneca costuma dirigir.

Eu estava tentando deduzir como deixar claro que não tinha tanta vontade de procriar com Michael Meducci mas de levá -lo a confessar que havia matado os Anjos da RLS, quando Gina disse:

- Meu Deus, Jake, você sabe dirigir mesmo?

O que foi meio engraçado já que Gina, cujos pais sensatamente não deixam chegar perto do carro deles, nunca dirigiu antes. Mas então levantei a cabeça e vi o que ela

queria dizer. Estávamos nos aproximando do portão da frente da escola - que ficava na base de uma colina e se abria para um cruzamento movimentado - a uma velocidade maior do que o normal até mesmo para Soneca.

- É, Jake - disse Dunga ao meu lado, no banco de trás. - Diminui aí, seu maníaco.

Eu sabia que Dunga só estava tentando bancar o bonzinho na frente de Gina, mas ele tinha razão. Soneca estava indo depressa demais.

- Isso não é uma corrida - falei, e Mestre começou a dizer alguma coisa sobre as endorfinas de Jake, que elas estavam atuando devido à briga comigo e à quase luta com Michael, e que isso explicaria seu súbito caso de pé de chumbo...

Pelo menos até que Jake falou, num tom nem um pouco sonolento:

- Não consigo diminuir. O freio... o freio não está funcionando.

Isso pareceu interessante. Inclinei -me para a frente. Acho que pensei que Jake estava querendo nos assustar.

Então vi a velocidade com que nos aproximávamos do cruzamento na frente da escola. Não era piada. Estávamos para mergulhar em quatro pistas de tráfego pesado.

- Pulem fora! - gritou Jake para nós.

A princípio eu não soube o que ele queria dizer. Então vi Gina lutando para soltar o cinto, e soube.

Mas era tarde demais. Já estávamos descendo a ladeira que passava pelo portão e ia até a estrada. Se pulássemos

agora estaríamos tão mortos quanto no minuto em que mergulhássemos naque las quatro pistas. Pelo menos se ficássemos no carro teríamos a proteção questionável das paredes de metal do Rambler...

Jake apertou com força a buzina, xingando alto. Gina cobriu os olhos. Mestre me abraçou enterrando o rosto no meu colo e Dunga, para mi nha grande surpresa, começou a gritar como uma menina, muito perto do meu ouvido.

Então estávamos voando morro abaixo, passando a toda velocidade por uma mulher muito surpresa numa perua Volvo e depois por um casal japonês aparvalhado num Mercedes, e ambos conseguiram apertar o freio a tempo de não se chocar contra nós.

Mas não tivemos tanta sorte com o tráfego nas outras duas pistas. Enquanto voávamos atravessando a estrada, um *trailer* gigantesco, com as palavras *Tom Cat* num brasão na grade frontal, veio p ara cima de nós, com a buzina berrando. As palavras *Tom Cat* chegaram mais e mais perto, até que de repente não pude vê -

las mais porque estavam acima do teto do carro.

Foi nesse ponto que fechei os olhos, por isso não tive certeza se o impacto que senti foi só na minha mente porque eu o estivera esperando com tanta força ou porque tínhamos realmente batido. Mas o choque bastou para fazer com que meu pescoço virasse para trás como acontecia nas montanhas -russas quando o carrinho fazia subitamente uma volta de noventa graus.

208

Mas quando abri os olhos de novo comecei a suspeitar de que o choque não tinha sido na minha cabeça, já que tudo estava rodando, como acontece quando você anda num daqueles brinquedos que imitam xícaras de chá. Só que não estávamos num brinquedo. Ainda estávamos no Rambler, que girava pela estrada como um pião.

Até que de repente, com outro som esmagador, um estalo de vidros e mais um choque enorme, ele parou.

E quando a fumaça e o pó se assentaram, vimos que estávamos meio dentro e meio fora do escritório de informações turísticas de Carmel, com um letreiro que dizia *Bem-vindo a Carmel!* apertado contra o pára-brisa.

209

Capítulo 16

- Mataram meu carro. Era tudo que Soneca parecia capaz de dizer. Ficou dizendo isso desde que havíamos n os arrastado para fora dos destroços do que tinha sido o Rambler.

- Meu carro. Mataram meu carro.

Não importava que o carro não fosse realmente de Soneca. Era o carro da família ou, pelo menos, o carro dos filhos.

E não importava que Soneca não parecesse c apaz de dizer quem eram os seres misteriosos que ele suspeitava de terem assassinado seu carro.

Só ficou repetindo isso. E o negócio é que, quanto mais ele falava, mais o horror da coisa ia aumentando.

Porque, claro, não era o carro que alguém tinha tentad o matar. Ah, não. As supostas vítimas eram as pessoas dentro do carro.

211

Ou, para ser mais exata, uma pessoa. Eu.

Realmente não acho que esteja sendo vaidosa. Acho honestamente que a mangueira do freio do Rambler foi cortada por minha causa. É, ela foi cortada, de modo que todo o fluido tinha escorrido. O carro, que era mais velho do que minha mãe - ainda que não tão velho quanto o padre D - tinha só uma linha de freio, o que o tornava vulnerável a esse tipo de ataque.

Agora deixe-me ver quem eu acho que gostaria de me ver perecendo num incêndio feroz... Ah, espera aí, já sei. Que tal Josh Saunders, Carrie Whitman, Mark Pulsford e Felicia Bruce?

Dê um prêmio a essa garota aqui.

Claro que eu não podia contar a ninguém sobre as suspeitas. Não podia contar à polícia que apareceu e fez o relatório do acidente. Nem aos caras da emergência que não puderam acreditar que, além de alguns arranhões, nenhum de nós estava seriamente machucado. Nem aos caras que vieram rebocar o que restava do Rambler. Nem a Michael que, tendo saído do estacionamento minutos antes de nós, tinha ouvido o barulho e voltado, e foi um dos primeiros a nos ajudar a sair do carro.

E certamente não a minha mãe e meu padrasto, que apareceram no hospital com os lábios apertados e o rosto pálido, e ficavam dizendo coisas do tipo: "É

incrível nenhum de vocês ter se machucado" e "De agora em diante vocês só vão andar no Land Rover".

212

O que fez Dunga, pelo menos, se animar. O Land Rover era mais espaçoso do que o Rambler. Acho que ele imaginou que não teria mais tanta dificuldade de ficar na horizontal com Debbie Mancuso no Land Rover.

- Simplesmente não entendo - disse mamãe muito mais tarde, depois dos raios-

X, dos testes nos olhos, das cutucadas e de o pessoal do hospital finalmente deixar que fôssemos para casa. Ficamos sentados no salão do Península Pizza, onde Soneca trabalhava, que por acaso também parecia ser um dos únicos lugares em Carmel onde era possível conseguir mesa para seis - sete, se contar Gina - sem reserva. Para um estranho devíamos estar parecendo uma grande família feliz (bem, a não ser Gina, que meio se destacava, ainda que não tanto quanto você possa pensar) comemorando alguma coisa, tipo uma vitória no futebol.

Só nós sabíamos que estávamos comemorando o fato de ainda estarm os vivos.

- Puxa, deve ser um milagre - continuou mamãe. - Os médicos acham. Quero dizer, o fato de nenhum de vocês ter se machucado.

Mestre mostrou a ela o cotovelo que tinha arranhado num pedaço de vidro enquanto saía do carro depois de ele ter parado.

- Este ferimento pode ser muito perigoso - falou, numa vozinha de menino machucado - se por acaso se infeccionar.

- Ah, meu doce. - Mamãe acariciou o cabelo dele. - Eu sei. Você foi muito corajoso quando eles deram os pontos.

213

O resto de nós revirou os olhos. Mestre vinha fazendo a ceninha por causa do ferimento a noite toda. Mas isso deixava ele e mamãe felizes. Ela havia tentado comigo aquele negócio de acariciar o cabelo, e eu quase quebrei meu braço tentando me livrar.

- Não foi milagre - disse Andy, balançando a cabeça - e sim pura sorte vocês não terem sido mortos.

- Pura sorte, nada - reagiu Soneca. - Minha capacidade superlativa de dirigir foi o que nos salvou.

Odiei admitir, mas Soneca estava certo. (E onde foi que ele aprendeu uma palavra como *superlativa?* Será que vinha estudando para as provas pelas minhas costas?) A não ser pela parte em que atravessamos a vitrine, ele havia dirigido aquele tanque - sem freio - como um piloto de Fórmula 1. Acho que sei

por que Gina não queria largar o braço de le e ficava olhando-o com adoração.

Devido ao respeito recém-descoberto por Soneca, nem olhei o que ele e Gina estavam fazendo no banco de trás do Land Rover a caminho de casa.

Mas Dunga olhou. E o que quer que tenha visto o colocou no pior humor que já presenciei.

Mas suas batidas de pés e o som de Marilyn Manson no último volume no quarto só serviram para irritar seu pai, que passou de uma gratidão humilde por ter deixado de perder por pouco seus "garotos... e você, Suze. Ah, e Gina também", a uma fúria apoplética ao ouvir o que ele chamava de "aquele abominável veneno mental".

Sozinha em meu quarto - Gina tinha desaparecido para algum paradeiro desconhecido na casa; bem, certo, eu sabia onde ela estava, só não queria pensar nisso -, eu não me incomodava com o nível de ruído no corredor do lado de fora da minha porta. Percebi que isso impediria que alguém ouvisse a conversa muito desagradável que eu estava para ter.

- Jesse! - gritei acendendo as luzes do quarto e procurando -o. Mas ele e Spike continuaram desaparecidos. - Jesse, onde você está? Preciso de você.

Os fantasmas não são cachorros. Não vêm quando a gente chama. Pelo menos nunca faziam isso. Não para mim. Só ultimamente (e isso era uma coisa que eu não tinha exatamente conversado com o padre D om. Era meio esquisito pensar a respeito, se você quiser saber) os fantasmas que eu conhecia vinham aparecendo à menor sugestão deles na minha mente. Sério. Parecia que eu só precisava pensar no meu pai, por exemplo, e puf!, ali estava ele.

Não é necessário dizer que isso era bem embaraçoso quando por acaso eu estava pensando nele no chuveiro, lavando o cabelo, ou sei lá o quê.

Eu imaginava se isso teria algo a ver com o aumento de meus poderes de mediadora devido à idade. Mas, se fosse isso, daria para pen sar que o padre Dom era um mediador muito melhor do que eu.

Mas não era. Diferente, mas não melhor. Certamente não mais forte. Ele não

conseguia invocar um espírito com um simples pensamento.

215

Pelo menos eu achava que não.

De qualquer modo, ainda que o s fantasmas não venham quando a gente chama, ultimamente Jesse sempre aparecia. Surgiu diante de mim com um tremor no ar, depois ficou me olhando como se eu tivesse acabado de sair do set de *Hel raiser III* com figurino completo. Mas será que devo dizer que não estava tão desgrenhada quanto me sentia?

- *Nombre de Dios,* Suzannah - disse ele, empalidecendo visivelmente (bem, pelo menos para um cara que já estava morto). - O que aconteceu com você?

Olhei para mim mesma. Certo, então minha blusa estava rasgada e suja, e minhas meias 7/8 tinham perdido a aderência. Pelo menos o cabelo estava com aquele importantíssimo ar de varrido pelo vento.

- Como se você não soubesse - falei azeda, sentando-me na cama e tirando os sapatos. - Achei que você disse que ia ficar de babá deles o dia inteiro, até que o padre D e eu tivéssemos chance de trabalhar com o Michael.

- Babá? - Jesse franziu as sobrancelhas escuras, revelando que não era familiarizado com a palavra. - Eu fiquei com os Anjos o dia inteiro, se é isso que quer dizer.

- Ah, certo. O que você está dizendo? Que foi com eles na visitinha ao estacionamento da escola para cortar a mangueira do freio do Rambler?

Jesse sentou-se ao meu lado na cama.

- Suzannah. - Seu olhar escuro estava grudado no meu rosto. - Aconteceu alguma coisa hoje?

216

- É melhor acreditar. - Contei o que havia acontecido, ainda que minha explicação sobre exatamente o que fora feito ao carro tenha sido meio superficial, dada minha completa ignorância de tudo que fosse mecânico e a falta

de conhecimento de Jesse sobre o funcionamento de um automóvel. Quando ele era vivo, claro, os únicos meios de transporte eram o cavalo ou a carroça.

Quando terminei ele balançou a cabeça.

- Mas, Suzannah, não podem ter sido Josh e os outros. Como disse, eu fiquei com eles o dia inteiro. Só os deixei agora porque você me chamou. Eles não poderiam ter feito o que você descreveu. Eu teria visto e impedido.

Apertei os olhos.

- Mas se não foram Josh e aquele pessoal, quem poderia ter sido? Puxa, mais ninguém me queria ver morta. Pelo menos não agora.

Jesse continuou me encarando.

- Você tem certeza de que era a vítima pretendida, Suzannah?

- Bem, claro que era eu. - Sei que parece esquisito, mas quase me senti ofendida pela idéia de que poderia haver alguém no planeta qu e merecesse o assassinato mais do que eu. Devo dizer que sinto orgulho do número de inimigos que adquiri. No negócio de mediadora sempre considerei um sinal de que as coisas iam bem se houvesse um punhado de pessoas querendo me ver morta.

- Quero dizer, quem poderia ser, além de mim? - Ri. - O quê, você acha que alguém está a fim de acabar com o *Mestre*!

Mas Jesse não riu.

- Pense, Suzannah. Não havia mais ninguém naquele carro que alguém poderia querer ver bastante machucado ou mesmo morto?

Estreitei os olhos para ele.

- Você sabe de alguma coisa - falei em tom categórico.

- Não. - Jesse balançou a cabeça. - Mas...

- Mas o quê? Meu Deus, odeio quando você vem com esse tipo de aviso cifrado.

Diga logo!

- Não. - Ele balançou a cabeça rapidamente. - Pense, Suzannah.

Suspirei. Não havia como discutir com Jesse quando ele ficava desse jeito. Na verdade não dava para culpá-lo, acho, por querer bancar o sr. Miyagi para o meu Karatê Kid. Ele não tinha muitas outras coisas para fazer.

Soltei o ar com força suficiente para fazer minhas madeixas voarem.

- Certo - falei. - Pessoas que talvez não estivessem muito felizes com alguém, além de mim, naquele carro. Deixe -me ver. - Empertiguei-me. - Debbie e Kel y não estão muito satisfeitas com Gina. Elas tiveram um pequen o interlúdio maldoso no banheiro feminino logo antes daquilo acontecer. Quero dizer, o negócio do carro.

Então franzi a testa.

- Mas não acho que aquelas duas cortariam a mangueira do freio para tirá-la do caminho. Para começar, duvido de que saibam o que é uma mangueira de freio, ou onde encontrá-la. E em segundo lugar, poderiam se dar mal entrando 218

embaixo de um carro. Sabe, quebrar uma unha, sujar o cabelo com óleo ou sei lá o quê. Debbie provavelmente não se importaria, mas Kel y? Esqueça. Além diss o elas saberiam que poderiam acabar matando Dunga e Soneca, e não iriam querer isso.- Claro que não - disse Jesse.

Foi a falta de expressão com que ele pronunciou as palavras que me deu a dica.- Dunga? - Lancei-lhe um olhar incrédulo. - Quem quereria ver Dunga morto?

Ou Soneca? Quero dizer, aqueles caras são tão... idiotas.

- Algum deles não fez alguma coisa que poderia deixar alguém com raiva? -

perguntou Jesse no mesmo tom inexpressivo.

- Bem, claro. Não tanto o Soneca, mas Dunga? Ele vive fazendo coisas imbecis tipo dar chave de cabeça nas pessoas e jogar os livros delas para todo canto... -

Minha voz ficou no ar.

Depois balancei a cabeça.

- Não. Isso é impossível.

Jesse me olhou.

- É?

- Não, você não entende. - Levantei-me e comecei a andar pelo quarto . Em algum ponto de nossa conversa Spike tinha atravessado a janela. Agora sentara - se no chão aos pés de Jesse, lambendo-se vigorosamente com sua língua que parecia lixa.

- Quero dizer, ele estava lá - expliquei. - Michael estava lá, logo depois do que aconteceu. Ele nos ajudou a sair do carro. Ele... - Minha última visão de Michael naquela tarde tinha sido no momento em que a porta da ambulância se fechou comigo, Gina, Soneca e Dunga dentro. O rosto de Michael estava pálido - mais do que o normal - e preocupado.

Não.

- Isso simplesmente... - Fui até o sofá-cama de Gina e girei para encarar Jesse outra vez. - Michael nunca faria uma coisa assim.

Jesse riu. Mas não havia humor no riso.

- Não? Eu posso pensar em quatro pessoas que devem ter uma opinião muito diferente sobre o assunto.

- Mas por que ele faria isso? - balancei a cabeça de novo, com ênfase suficiente para fazer as pontas dos cabelos voarem. - Quero dizer, Dunga é um bundão, verdade, mas a ponto de alguém sentir vontade de matá -lo? Para não falar de várias pessoas inocentes com ele? Inclusive eu? - Levantei o olhar indignado da visão de Spike mastigando o próprio pé, tentando tirar sujeira de entre as unhas. - Michael não ia querer me ver morta. Eu sou a melhor chance que ele tem de uma acompanhante no baile de formatura!

Jesse não falou nada. E no silêncio me lembrei de uma coisa. E o que lembrei me

tirou o fôlego.

- Ah, meu Deus - falei, e, segurando o peito, deixei -me cair no sofá-cama.

A expressão neutra de Jesse se transformou em preocupaçã o.

- O que foi, Suzannah? - perguntou ele preocupado. - Você está doente?

Confirmei com a cabeça.

- Ah, sim - Falei olhando para a parede, sem ver nada. - Acho que vou vomitar.

Jesse... ele perguntou se eu queria uma carona. Logo antes de aquilo acont ecer.

Insistiu em que eu fosse. Na verdade, quando Soneca disse que eu tinha de ir com ele, caso contrário contaria a mamãe, achei que os dois iam ter uma briga de socos.

- Claro - disse Jesse num tom que, para ele, era muito seco. - A... como foi que você disse? Ah, sim. A acompanhante para o baile de formatura estava para ser exterminada.

- Ah, meu Deus! - Levantei-me e comecei a andar de novo. - Ah, meu Deus, por quê? Por que *Dunga*? Quero dizer, ele é um panaca e coisa e tal, mas por que Michael iria querer *matá-lo*?

Jesse respondeu em voz baixa:

- Talvez pelo mesmo motivo pelo qual matou Josh e os outros.

Parei de andar. Virei lentamente a cabeça para ele. Mas não o vi, não o vi de verdade. Estava me lembrando de uma coisa que Dunga tinha dito - parecia que há semanas, mas tinha sido há apenas uma ou duas noites. Estávamos conversando sobre o acidente que havia matado os Anjos da RLS e Dunga falou alguma coisa sobre Mark Pulsford. "A gente foi a uma festa junto. No mês passado, no Vale."

A mesma festa no Vale, imaginei com o sangue ficando subitamente frio, em que

Lila Meducci tinha caído na piscina?

221

Um segundo depois, sem dizer outra palavra a Jesse, abri a porta do quarto, dei os três passos pelo corredor até o quarto de Dunga e bati na porta com tod a a força.

- Calma aí! - gritou Dunga lá de dentro. - Eu já abaixei!

- Não é por causa da música - respondi. - É outra coisa. Posso entrar?

Ouvi o som de halteres sendo recolocados nos suportes. Então Dunga grunhiu:

- Pode.

Pus a mão na maçaneta e virei -a.

Eu gostaria de fazer uma observação aqui. Eu já estive no quarto de Mestre.

Na verdade muitas vezes, porque ele é sempre o meio -irmão que eu procuro quando tenho um problema de dever de casa que não sei resolver, apesar de ele estar três séries atrás de mim. E já estive no quarto de Soneca, porque em geral ele precisa de umas sacudidas para acordar de manhã a tempo de nos levar para a escola.

Mas nunca, jamais, tinha estado no quarto de Dunga. Para dizer a verdade, sempre rezei para nunca ter motivo para a travessar aquela soleira específica.

Mas agora tinha um motivo. Respirei fundo e entrei.

Estava escuro. Isso por causa da decisão de Dunga de pintar três de suas paredes de roxo e uma de branco, as cores do time de luta -livre da Academia da Missão. Ele havia escolhido um roxo tão escuro que era quase preto. A escuridão daquelas três paredes só era aliviada por um pôster ocasional de Michael Jordan insistindo para o espectador: "Just Do It."

222

O piso do quarto de Dunga era um grosso tapete de meias e cuec as sujas. O

odor era pungente - uma mistura de suor e talco de beb ê. Não era necessariamente desagradável, mas não era um odor que eu particularmente gostaria de que permeasse meu guarda -roupa. Mas Dunga não parecia se importar.

- E aí? - Ele estava esticado de costas num banco almofadado. Acima do peito havia um haltere nos suportes. Eu não gostaria de ter de adivinhar quanto ele estava levantando, mas deixe -me garantir que, com repetições suficientes, Dunga não teria problema em carregar Debbie Mancuso pela janela no caso de um incêndio. O que é tudo que uma garota realmente precisa de um namorado, se você quer saber.

- Dun... - Respirei fundo outra vez. Por que o talco de bebê? Espera. Não me conte. Não quero saber. - Brad. Você esteve naquela festa no Vale em que Lila Meducci caiu na piscina?

Dunga tinha estendido as mãos e apanhado o haltere. Agora levantou -o dando-me um vislumbre de suas axilas excessivamente cabeludas. Tentei não sair correndo ao vê-las.

- Do que você está falando? - grunhiu ele.

- Lila Meducci.

Dunga havia baixado o haltere até estar logo acima do peito. Seus bíceps tinham se inchado até o tamanho de melões. Deixe -me observar que, normalmente, a visão de bíceps masculinos daquele tamanho teria feito meus joelhos

enfraquecerem. Mas aqueles eram de Dunga, por isso só pude engolir em seco e esperar que as fatias de pizza de pepperoni que eu tinha jantado ficassem onde estavam.

- A irmã menor de Michael - expliquei. - Ela quase se afogou numa festa no Vale no mês passado. Eu estava ima ginando se era a mesma festa onde você falou que esteve, quando encontrou Mark Pulsford.

O haltere subiu.

- Pode ter sido. Não sei. Por que você quer saber?

- Brad. É importante, quero dizer, se você tivesse estado lá, acho que você saberia. Deve ter aparecido uma ambulância.

- Acho que sim - disse ele entre os movimentos de supino. - Quero dizer, eu estava muito bêbado.

- Você acha que aquela garota quase se afogou na sua frente? - Nas melhores circunstâncias eu não tinha muita paciência para Dunga. Nesse caso em particular minha tolerância por sua estupidez havia descido ao ponto mínimo.

Dunga deixou o haltere cair de volta no suporte, fazendo barulho. Em seguida se sentou e me olhou irritado.

- Olha - disse ele. - Se eu falar que estive lá, o que você vai fazer? Correr para contar a mamãe e papai, certo? Então por que eu contaria? Puxa, sério, Suze. Por que eu contaria?

Fora a grande surpresa de ver Dunga também chamar minha mãe de mamãe, eu estava preparada para a pergunta.

- Não vou contar. Juro que não vou contar, Brad. Só que preciso saber.

Ele continuou suspeitando.

- Por quê? Para poder contar àquela sua amiga albina esquisita, e ela colocar no jornal da escola? "Brad Ackerman ficou ali parado como um panaca enquanto a garota quase morria." É isso?

- Juro que não é.

Ele encolheu os ombros fortes.

- Ótimo. Sabe de uma coisa? Eu nem me importo. Não é como se minha vida já não fosse uma droga. Quero dizer, eu não tenho esperança de chegar a 1,68

antes das secionais, e agora está bastante claro que a sua amiga Gina gosta mais

de Jack do que de mim. - Ele me encarou. - Não é?

Mudei o peso do corpo de um pé para o outro, desconfortável.

- Não sei. Acho que ela gosta dos dois.

- É - disse Dunga com sarcasmo. - Por isso ela está aqui comigo, agora, em vez de trancada com Jake, fazendo sei lá o quê.

- Tenho certeza de que eles só estão conversando.

- Certo. - Dunga balançou a cabeça. Eu estava meio atordoada. Nunca o tinha visto parecendo tão... humano. Nem sabia que ele tinha objetivos. O que era esse negócio de 1,68? E ele realmente gostava tanto de Gina a ponto de achar que sua vida era uma droga só por não achar que ela gostava dele também?

Esquisito. Negócio esquisito de verdade.

- Quer saber sobre aquela festa no Vale? - perguntou ele. - Eu estava lá.

Certo? Está feliz agora? Eu estava lá. Como

falei, estava muito bêbado. Não vi quando ela caiu. Só notei quando alguém começou a puxar a garota para fora. - De novo ele balançou a cabeça. - Aquilo foi feio, sabe? Quero dizer, ela nem deveria estar lá. Ninguém convidou. Se você não agüenta bebida, não tem de beber, está sabendo? Mas essas garotas fazem praticamente qualquer coisa para ficar perto da gente.

Franzi as sobrancelhas.

- "Da gente"?

Ele me olhou como se eu fosse imbecil.

- Você sabe. Os atletas. O pessoal popular. A irmã de Meducci - eu não sabia que era ela até que sua mãe falou no outro dia, no jantar - era uma dessas garotas. Sempre por perto, tentando fazer com que algum de nós a convidasse para sair. Para poder ser popular também, saca?

Eu sacava. Subitamente sacava bem demais.

Foi por isso que saí do quarto de Dunga sem dizer mais nenhuma palavra. O

que havia para falar? Eu sabia o que fazer. Acho que soubera o tempo todo. Só não queria admitir.

Mas agora sabia. Como Michael Meducci, eu ac hava que não tinha outra opção.

E, como Michael Meducci, precisava ser impedida. Só que não achava isso.

Pelo menos naquela hora.

Exatamente como Michael.

226

Capítulo 17

Gina estava no meu quarto quando voltei da visita a Dunga. Mas Jesse e Spike tinham ido embora. O que para mim era ótimo.

- Ei - disse Gina erguendo o olhar da unha do pé que estava pintando. - Aonde você foi?

Passei por ela e comecei a tirar as roupas com que tinha ido à escola.

- Ao quarto de Dunga. Olha, cubra a minha saída, certo? - Vesti uma calça jeans e comecei a amarrar as botas Timberland. - Vou dar uma volta. Só diga que estou na banheira. Vai ajudar se você deixar a água correr. Diga que é cólica outra vez.- Eles vão começar a achar que você tem endometriose, ou sei lá o quê. - Gina ficou olhando enquanto eu enfiava pela cabeça uma blusa preta de gola rulê. -

Aonde você vai de verdade?

227

- Sair. - Peguei o casaco que tinha usado na outra noite na praia. Desta fez enfiei um gorro no bolso, com as luvas.

- Ah, claro. Sair. - Gina balançou a cabeça, parecendo preocupada. - Suze, você está bem?

- Claro que estou. Por quê?

- Você está com uma espécie de... bem, um olhar maluco.

- Estou legal. Eu descobri, só isso.

- Descobriu o quê? - Gina pôs a tampa no vidro de esmalte e se leva ntou. -

Suze, do que você está falando?

- O que aconteceu hoje. - Subi no banco da janela. - Com a mangueira de freio. Foi Michael.

- Michael Meducci? - Gina me olhou como se eu estivesse pirada. - Suze, tem certeza?

- Tanto quanto de que estou aqui faland o com você.

- Mas por quê? Por que ele faria isso? Eu achava que ele estava apaixonado por você.

- Por mim, talvez - falei dando de ombros enquanto abria a janela ainda mais. -

Mas o cara tem um tremendo ressentimento contra Brad.

- Brad? O que Brad fez contra Michael Meducci?

- Ficou parado e deixou a irmãzinha dele morrer. Bem, quase. Estou saindo, certo, Gina? Explico tudo quando voltar.

Em seguida passei pela janela e desci no telhado da varanda. Lá fora estava escuro, frio e silencioso, a não ser pelo barulho dos grilos e o som distante das ondas batendo na praia. Ou seria o tráfego pela via -expressa? Não dava para saber. Depois de prestar atenção por um minuto para ter certeza de que não havia ninguém lá embaixo para me

ouvir, desci pelo telhado inclinado até a calha, onde me agachei, pronta para pular, sabendo que as agulhas de pinheiro no chão iriam suavizar a queda.

- Suze! - Uma sombra bloqueou a luz que saía da janela do meu quarto.

Olhei por cima do ombro. Gina estava inclinada para fora, me olhando ansiosa.

- A gente não deveria... - Notei, em alguma parte distante da mente, que ela parecia apavorada. - Quero dizer, a gente não deveria chamar a polícia? Se esse negócio do Michael for verdade...

Encarei-a como se ela tivesse sugerido que eu... bem, pulasse da ponte Golden Gate.

- A *polícia*? De jeito nenhum. Isto é entre mim e Michael.

- Suze... - Gina balançou a cabeça e seus cachos parecidos com molas se sacudiram. - Isso é sério. Quero dizer, esse cara é um assassino. Eu acho mesmo que a gente deveria chamar os profissionais...

- Eu sou uma profissional - falei ofendida. - Sou mediadora, lembra?

Gina não pareceu reconfortada com essa informação.

- Mas... bem, o que você vai fazer, Suze?

Dei um sorriso tranqüilizador.

- Ah. Isso é fácil. Vou mostrar a ele o que acontece quando alguém tenta matar alguém de quem eu gosto.

E então pulei do teto para a escuridão.

Não consegui me obrigar a pegar o Land Rover. Ah, claro, eu estava perfeitamente disposta a cometer o que era

praticamente um assassinato, mas dirigir sem carteira? De jeito nenhum! Em vez disso peguei uma das muitas bicicletas de dez marchas que Andy havia colocado junto à parede da garagem. Alguns segundos depois estava voando morro

abaixo, com lágrimas escorrendo pelo rosto. Não porq ue estivesse chorando nem nada, mas porque o vento estava frio demais enquanto eu voava para o Vale.

Liguei para Michael de um telefone público perto do supermercado. Uma mulher mais velha - acho que a mãe dele - atendeu. Perguntei se podia falar com Michael. Ela disse "Sim, claro" daquele jeito agradável que as mães usam quando os filhos recebem o primeiro telefonema de alguém do sexo oposto. E eu conheço muito bem. Minha mãe usa a mesma voz sempre que um garoto me liga e ela atende. Não se pode culpá-la. Isso é muito raro de acontecer.

A sra. Meducci deve ter dito a Michael que era uma garota, porque a voz dele soou muito mais profunda do que o normal quando disse al ô.

- Michael? - falei, só para ter certeza de que era ele, e não seu pai.

- Suze? - respondeu ele na voz normal. - Meu Deus, Suze, estou tão feliz que é você! Recebeu meu recado? Devo ter ligado umas dez vezes. Acompanhei a ambulância até o hospital, mas não me deixaram entrar na emergência para ver você. Disseram que só se você fosse internada. E não foi, certo?

- Não. Estou ótima.

- Graças a Deus. Ah, Suze, você não faz idéia de como fiquei apavorado quando ouvi a batida e percebi que era você...

- É - interrompi. - Foi de dar medo. Escuta, Michael, eu estou com outro tipo de dificuldade, e queria saber se você pode me ajudar.

- Você sabe que eu faria qualquer coisa por você, Suze.

É. Tipo tentar matar meus meios -irmãos e minha melhor amiga.

- Eu estou a pé - falei. - No supermercado. É uma história meio longa.

Imaginei se você poderia...

- Já estou indo - disse Michael. - Chego em três minutos. E desligou.

Chegou em dois. Mal tive tempo de colocar a bicicleta entre dois latões de lixo atrás da loja antes de vê-lo chegar com seu seda verde alugado, espiando pelas vitrines iluminadas do supermercado como se esperasse me ver lá dentro montando aquele estúpido cavalo mecânico, ou sei lá o quê. Aproximei -me do carro vinda do estacionamento e me inclinei para bater na janela do carona.

Michael girou bruscamente, espantado com o som. Ao ver que era eu, seu rosto - mais pálido do que nunca à luz fluorescente - relaxou. Ele se esticou e abriu a porta.

- Entre - disse animado. - Cara, você não sabe como fico feliz em ver que você está inteira.

- É? - Entrei no banco do carona e bati a porta. - Bem, eu também. Quero dizer, me sinto feliz por estar inteira Ha ha.

231

- Ha ha. - O riso de Michael, em vez de sarcástico como o meu, foi nervoso. Ou pelo menos optei por achar isso. - Bem - disse ele enquanto ficamos parados diante do supermercado, com o motor ligado. - Quer que eu leve você... é... para casa?

- Não. - Virei a cabeça para olhá-lo.

Você pode estar imaginando o que eu estava pensando num momento daqueles. Quero dizer, o que se passa na cabeça de uma pessoa quando sabe que está para fazer uma coisa que pode resultar na morte de outra?

Bem, vou contar. Não muita coisa. Eu estava pensando que o carro alugado de Michael tinha um cheiro curioso. Estava imaginando se a última pessoa que o havia usado tinha derramado alguma colônia dentro, ou sei lá o quê.

Então percebi que o cheiro de colônia vinha do próprio Michael. Aparentemente ele havia borrifado um pouco de Carolina Herrera For Men antes de vir me pegar.

Que lisonjeiro!

- Tenho uma idéia - falei, como se só tivesse pensado nisso na hora. - Vamos ao

Ponto.

As mãos de Michael caíram do volante. Ele se apressou em ajeitá -las, colocando-as na posição dez para as duas, como bom motorista que era.

- O quê?

- Ao Ponto. - Achei que talvez eu não estivesse sendo suficientemente sedutora, ou sei lá o quê. Por isso estendi a mão e a pus em seu braço. Ele estava usando uma jaqueta de veludo. Embaixo dos meus dedos o veludo era muito 232

macio, e embaixo do veludo os bíceps de Michael estavam rígidos e redondos como os de Dunga.

- Você sabe - falei. - Por causa da vista. Está uma noite linda.

Michael não perdeu mais tempo. Engrenou o carro e começou a sair do estacionamento antes que eu tivesse tempo de tirar a mão.

- Fantástico - disse ele com a voz talvez um pouco insegura, por isso pigarreou e continuou com um pouquinho mais de dignidade: - Quero dizer, é uma idéia legal.

Alguns segundos depois seguíamos pela Estrada Pacific Coast. Eram apenas umas dez horas, mas não havia muitos outros carros na estrada. Afinal de contas era uma noite de meio de semana. Imagin ei se a mãe de Michael, antes de ele ter saído de casa, tinha dito para ele voltar num determinado horário. Imaginei que, quando o filho não aparecesse na hora marcada, ela iria se preocupar. Quanto tempo esperaria antes de ligar para a polícia? Para a eme rgência dos hospitais?

- Então ninguém se machucou de verdade, não foi? - perguntou Michael. - No acidente.

- Não. Ninguém se machucou.

- Isso é bom.

- É? - Fingi estar olhando pela janela do carona. Mas na verdade estava olhando o reflexo de Michael.

- O que você quer dizer? - perguntou ele rapidamente.

Dei de ombros.

- Não sei. É só que... bem, você sabe. Brad.

233

- Ah. - Ele deu um risinho. Mas não havia nenhum humor verdadeiro. - É. Brad.

- Quero dizer, eu tento me dar bem com ele. Mas é tão difícil. Porque algumas vezes o Brad consegue ser um tremendo babaca.

- Dá para imaginar - disse Michael. Em tom bastante afável, pensei.

Virei-me no banco de modo a estar quase de frente para ele.

- Tipo, sabe o que ele disse esta noite? - perguntei. Sem esperar resposta, fui em frente: - Disse que estava naquela festa. Aquela em que sua irmã caiu. Você sabe. Na piscina.

Não creio que tenha sido minha imaginação. Michael apertou o volante com mais força.

- Verdade?

- É. E você devia ter ouvido o que ele falou sobre isso.

De perfil para mim, o rosto de Michael estava sério.

- O quê?

Brinquei com o cinto de segurança preso em volta do meu corpo.

- Não. Eu não deveria contar.

- Não, verdade - disse Michael. - Eu gostaria de saber.

- Mas é maldoso demais.

- Diga o que ele falou. - A voz de Michael estava muito calma.

- Bem. Certo. Ele basicamente disse... e não foi tão sucinto assim, porque, como você sabe, ele é praticamente incapaz de formar frases completas. Mas basicamente falou

que sua irmã teve o que merecia p orque, para começar, não deveria ter ido àquela festa. Disse que ela não foi convidada. Que só pessoas populares deveriam estar lá. Dá para acreditar?

Michael ultrapassou cuidadosamente uma picape.

- Dá - respondeu em voz baixa. - Na verdade dá.

- Quero dizer, pessoas populares. Ele realmente disse isso. Pessoas populares.

- Balancei a cabeça. - E o que define popular? É o que eu gostaria de saber. Quer dizer, por que sua irmã não era popular? Porque não era atleta? Não era chefe de torcida? Não tinha as roupas certas? O quê?

- Todas essas coisas - disse Michael na mesma voz baixa.

- Como se alguma dessas coisas *importasse*. Como se ser inteligente, compassiva e gentil com os outros não contasse para nada. Não, só o que importa é se você é amiga das pessoas c ertas.

- Infelizmente isso é o que geralmente acontece.

- Bem, eu acho besteira. E falei isso. Ao Brad. Falei tipo: "Então todos vocês ficaram ali parados enquanto a garota quase morria porque ninguém a convidou?"

Ele negou isso, claro. Mas você sabe que é verdade.

- É - disse Michael. Agora estávamos indo por Big Sur, com a estrada se estreitando ao mesmo tempo em que ficava mais escura. - Sei. Se minha irmã fosse... bem, Kel y Prescott, por exemplo, alguém iria tirá -la imediatamente, em vez de ficar rindo enquanto ela se afogava.

Era difícil ver a expressão dele, já que não havia lua. A única luz era o brilho do

painel de instrumentos.

235

Michael parecia doentio, e não somente porque a luz era esverdeada.

- Foi isso que aconteceu? - perguntei a ele. - As pessoas fizeram isso? Riram enquanto ela se afogava?

Ele assentiu.

- Foi o que um dos caras da emergência disse à polícia. Todo mundo achou que ela estava fingindo. - Ele soltou um riso sem humor. - Minha irmã... só queria isso, sabe? Ser popular. Ser como eles. E eles ficaram ali parados. Só ficaram rindo enquanto ela se afogava.

- Bem - falei. - Ouvi dizer que todo mundo estava bastante bêbado. - Inclusive sua irmã, pensei, mas não falei alto.

- Isso não é desculpa. Mas, claro, ninguém fez nada a respeito. A garota que deu a festa... os pais dela receberam uma multa. Só isso. Minha irmã pode nunca mais acordar, e eles só receberam uma multa.

Vi que tínhamos chegado à curva do ponto de observação. Michael buzinou antes de virar. Não havia ninguém do outro lado. Ele entrou facilmente no estacionamento mas não desligou a ignição. Em vez disso ficou parado, olhando para o negrume que era o mar e o céu.

Fui eu que estendi a mão e desliguei o motor. A luz do painel se apagou um segundo depois, mergulhando-nos na escuridão absoluta.

- Então - falei. O silêncio no carro era ensurdecedor. Não havia veículos na estrada atrás de nós. Se eu abrisse a janela, sabia que os sons do vento e das ondas entrariam num jorro. Em vez disso continuei parada.

236

Lentamente a escuridão em volta do carro ficou menos completa. À medida que meus olhos se acostumavam, pude até mesmo ver o horizonte onde o céu preto se encontrava com o mar mais preto ainda.

Michael virou a cabeça.

- Foi Carrie Whitman - disse ele. - A garota que deu a festa.

Assenti, sem afastar o olhar do horizonte.

- Eu sei.

- Carrie Whitman - repetiu ele. - Carrie Whitman estava naquele carro. O que voou pelo penhasco na noite de sábado.

- Quer dizer - falei em voz baixa -, o carro que você empurrou pelo penhasco na noite de sábado.

A cabeça de Michael não se moveu. Olhei para ele mas não pude ver sua expressão.

No entanto pude ouvir a resignação na voz.

- Você sabe. - Era uma declaração, e não uma pergunta. - Eu achei que talvez soubesse.

- Quer dizer, depois de hoje? - Soltei o cinto de segurança. - Quando você quase me matou?

- Sinto muito. - Ele baixou a cabeça e finalmente pude ver seus olhos. Estavam cheios de lágrimas. - Suze, não sei como é que eu...

- Não houve nenhum seminário sobre vida extraterrestre naquele instituto, houve? - Encarei-o. - Quero dizer, no sábado passado. Você veio até aqui e afrouxou os parafusos da grade de proteção. Depois ficou sentado esperando 237

por eles. Você sabia que eles viriam para cá depois do baile. Sabia que eles viriam, e esperou. E quando ouviu aquela buzina estúpida, bateu neles. Empurrou o carro pela lateral do penhasco. E fez isso a sangue -frio.

Então Michael fez uma coisa surpreendente. Estendeu a mão e tocou meu cabelo no ponto em que ele se enrolava saindo do gorro de tricô que eu estava usando.

- Eu sabia que você iria entender - disse ele. - Desde o momento em que vi você,

soube que, de todo mundo, seria a única a entender.

Senti vontade de vomitar. De verdade. Ele não sacou. Não sacou absolutamente nada. Quero di zer, será que o cara nem pensou na mãe? Em sua pobre mãe que tinha ficado tão empolgada porque uma garota ligou para ele? Na mãe que já estava com uma filha no hospital? Não tinha pensado em como a mãe iria se sentir quando ficasse claro que seu único filh o era um assassino? Não tinha pensado nem um pouco nisso?

Talvez tivesse. Talvez tivesse pensado que ela ficaria satisfeita. Porque tinha vingado o que aconteceu com a irmã. Bem, quase. Ainda havia algumas pontas soltas na forma de Brad... e de todos os ou tros que tinham estado na festa, acho.

Quero dizer, por que parar no Brad? Imaginei como ele havia conseguido a lista de convidados, e se pretendia matar todos ou apenas alguns poucos escolhidos.

- Mas como você soube? - perguntou ele no que eu acho que pr etendia ser sua voz mais suave. Mas que só me deu mais vontade ainda de vomitar. - Sobre a grade de proteção. E sobre a buzina do carro deles. Isso não saiu nos jornais.

- Como soube? - Afastei a cabeça do alcance de Michael. - Eles me contaram.

Michael pareceu meio magoado por eu afastar a cabeça.

- Eles contaram? Quem?

- Carrie. E Josh, Felicia e Mark. O pessoal que você matou.

Sua expressão magoada ficou diferent e. Passou de confusa a espantada, depois a cínica, tudo em questão de segundos.

- Ah - disse ele com um risinho. - Certo. Os fantasmas. Você tentou me alertar sobre eles antes, não foi? Na verdade, aqui mesmo.

Só fiquei olhando para ele.

- Ria o quanto quiser. Mas o fato, Michael, é que eles já estão querendo matar você há um tempo. E depois do que você fez hoje com o Rambler, estou

pensando seriamente em deixar.

Michael parou de rir.

- Suze. Fora sua estranha fixação com o mundo espiritual, eu lhe disse: hoje foi um acidente. Você não deveria estar naquele carro. Deveria ir para casa comigo. Era o Brad. Era o Brad que eu queria morto, e não você.

- E quanto ao David? Meu irmão mais novo? Ele tem doze anos, Michael. E

estava naquele carro. Você queria o David morto também? E Jake? Jake provavelmente estava entregando pizzas na noite em que sua irmã se machucou.

Será que ele deveria morrer pelo que aconteceu com ela? Ou minha amiga Gina?

Acha que ela merece morrer também, mesmo nunca tendo ido a uma festa no Vale?

O rosto de Michael estava branco de encontro aos pedaços do céu que dava para ver pela janela atrás de sua cabeça.

- Eu não queria machucar ninguém - falou em voz inexpressiva. - Quero dizer, ninguém a não ser o culpado.

- Bom, você não fez um bom trabalho. Na verdade fez um péssimo trabalho.

Fez uma tremenda besteira. E sabe por quê?

Vi suas pálpebras se estreitarem por trás dos óculos.

- Acho que estou começando a saber.

- Porque tentou matar algumas pessoas de quem, por acaso, eu gosto. - Engoli em seco. Alguma coisa dura, que doía, estava crescendo na minha garganta. - E é por isso, Michael, que a coisa vai parar. Aqui. Agora.

Ele continuou a me encarar com as pálpebras apertadas.

- Ah - falou na mesma voz inexpressiva. - Vai parar mesmo. Acredite em mim.

Eu sabia onde ele queria chegar. Quase ri. Se não fosse o calombo doloroso n a garganta, teria rido.

- Michael. Nem tente. Você não sabe com quem está mexendo.

- Não - disse ele em voz baixa. - Acho que não sei, não é? Eu pensei que você era diferente. Pensei que, dentre todo mundo na escola, você poderia ver as coisas pelo meu ponto de vista. Mas agora dá para notar que é apenas como todos os outros.

- Você não faz idéia do quanto eu gostaria de ser.

- Sinto muito, Suze - disse Michael soltando seu cinto de segurança. - Eu realmente achei que nós poderíamos

ser... amigos, pelo menos. Mas estou tendo a nítida impressão de que você não aprova o que andei fazendo. Ainda que ninguém, ninguém, vá sentir falta daquelas pessoas. Elas realmente eram um desperdício de espaço, Suze. Não tinham nada de importante para contribuir. Quero di zer, olhe só o Brad. Seria uma tragédia tão grande se ele simplesmente deixasse de existir?

- Seria, para o pai dele - falei.

Michael deu de ombros.

- Acho que seria. Mesmo assim creio que o mundo seria um lugar melhor sem todos os Josh Saunders e Brad Ackermans. - Ele sorriu para mim. Mas não havia nada de caloroso naquele sorriso. - Mas você discorda, dá para ver. Parece até que está pensando em tentar me impedir. E realmente não posso admitir isso.

- Então o que você vai fazer? - Dei-lhe um olhar muito sarcástico. - Me matar?

Então ele estalou os nós dos dedos. Será que posso dizer que achei isso bem arrepiante? Bem, fora o fato de que estalar os nós dos dedos na frente de alguém é arrepiante, esse gesto foi especialmente perturbador porque atraiu minha atenção para o fato de que as mãos de Michael eram bem grandes, e estavam ligadas àqueles braços que, pelo que eu me lembrava da tarde na praia, eram notavelmente musculosos e cheios de cartilagens grossas. Eu não sou

exatamente uma flor delicada, mas mãos ligadas a um par de braços daqueles podiam causar sérios danos a uma garota como eu.

241

- Acho que você não me deixou muita escolha, não é? - disse Michael.

Ah, claro. Por que não culpar a vítima?

Não sei se falei as palavras em voz alta ou se simplesmen te pensei. Só soube que elas eram "Esta seria uma boa hora para Josh e seus amigos aparecerem". E

um segundo depois Josh Saunders, Carrie Whitman, Mark Pulsford e Felicia Bruce apareceram, parados no cascalho ao lado da porta do carona.

Ficaram ali piscando por um segundo, como se não soubessem o que tinha acontecido. Depois olharam para além de mim, para o garoto atrás do volante.

E foi então que o inferno se abriu ao meio.

242

Capítulo 18

Era isso que eu pretendia que acontecesse o tempo todo?

Não sei. Certamente houvera um momento no quarto de Dunga em que fui tomada por uma espécie de fúria Foi a fúria, e não os pedais da bicicleta, que me levou para o Vale, e foi a fúria que me fez colocar uma moeda naquele telefone público e ligar para Michael.

Mas parte dessa fúria se dissipou quando falei com a mãe de Michael. Sim, ele era um assassino. Sim, ele tinha tentando me matar e matar várias pessoas de quem eu gostava.

Mas tinha uma mãe. Uma mãe que o amava a ponto de se empolgar porque uma garota estava telefonando para ele, talvez pela primeira vez na vida.

Mesmo assim entrei naquele carro. Falei para ele ir ao Ponto, mesmo sabendo o que o esperava. E fiz com que ele admitisse. Tudo. Em voz alta.

243

E então os chamei. Não havia dúvida disso. Chamei os An jos da RLS. E quando eles apareceram, tudo que fiz foi sair calmamente do carro.

Isso mesmo. Saí do caminho. E deixei que eles fizessem o que estavam querendo há tanto tempo... desde a noite em que tinham morrido.

Olha, não sinto orgulho disso. E não posso dizer que fiquei ali parada, olhando, com prazer. Quando o cinto de segurança que Michael havia tirado se enrolou subitamente em sua garganta e o banco ajustável do carro começou a se inclinar inexoravelmente em direção ao volante, esmagando suas pernas, não me senti bem.Mas os Anjos pareciam estar se sentindo.

E provavelmente deviam se sentir. Dava para ver que seus poderes telecinéticos haviam melhorado muito. Agora não estavam mexendo com algas marinhas ou enfeites de carnaval. A força de seu poder com binado era suficiente para acender as luzes e os limpadores de pára -brisa do carro alugado. Pelas janelas levantadas pude ouvir o rádio se ligar. Britney Spears estava gemendo sua última dor de cotovelo enquanto Michael Meducci agarrava o cinto de seguranç a em volta do pescoço. O carro tinha começado a balançar e estava fantasmagoricamente iluminado por dentro, quase como se as luzes do painel fossem lâmpadas halógenas.

E o tempo todo os Anjos da RLS estavam ali parados em silêncio, com as mãos estendidas para o carro e o olhar fixo em Michael. Puxa, a té para fantasmas eles pareciam

244

assustadores, brilhando daquele modo irreal; as meninas de vestido longo e pulseiras com flores, os garotos de smoking. Estremeci olhando -os, e não era só por causa da brisa fria que vinha do oceano.

Odeio dizer, mas foi Britney que quebrou o feitiço para mim. Bom, dá para gostar dela, mas morrer ouvindo aquilo? Não sei. Pareceu meio pesado demais.

E havia a pobre sra. Meducci. Ela já havia perdido uma filha - bem, mais ou menos. Será que eu podia simplesmente ficar ali parada vendo -a perder o filho?

Minutos - talvez até segundos - antes, a resposta a essa pergunta poderia ter sido sim. Mas quando chegou a hora não pude. Não pude, apesar do que Michael tinha feito. Eu simplesmente tinha muitos anos de mediação nas costas. Anos demais e mortes demais. Não podia ficar ali parada deixando que mais uma acontecesse diante dos meus olhos.

O rosto de Michael estava contorcido e roxo, com os óculos tortos, quando finalmente gritei: - Parem!

Instantaneamente o carro parou de balançar. Os limpadores de pára -brisa se imobilizaram. A voz de Britney foi cortada no meio de uma nota e o banco de Michael começou a deslizar lentamente para trás. O cinto se afrouxou em volta de seu pescoço o bastante para ele ofegar. Michael desmoronou de encontro ao encosto, parecendo confuso e apavorado, com o peito arfando.

Josh olhou para mim como se alguém o tivesse acordado de um transe.

- O quê? - perguntou ele, parecendo incomodado.

- Desculpem - falei. - Mas não posso deixar vocês fazerem isso.

Josh e os outros se entreolharam. Mark foi o primeiro a falar. Deu um risinho e disse:

- Ah, certo.

Então o rádio foi ligado de novo, e de repente o carro estava balançando nos amortecedores.

Reagi rápida e decisivamente dando um soco na barriga de Mark Pulsford. Isso foi o suficiente para afastar a concentração dos Anjos e permitir que Michael pudesse abrir a porta e se jogar para fora do carro antes que mais alguém pudesse começar a estrangulá-lo. Ficou caído no cascalho, gemendo.

Mark, por outro lado, se recuperou bem depressa de meu ataque.

- Vaca - disse ele, parecendo ligeiramente ofendido. - Qual é a sua?

- É. - Josh estava claramente lívido. Seus olhos azuis pareciam pedaços de gelo brilhando para mim. - Primeiro diz que a gente não pode matá -lo. Depois diz que pode. Depois diz que não pode. Bem, sabe de uma coisa? Estamos cansados dessa droga de mediação. Vamos matar esse cara e ponto final.

Foi então que o carro começou a balançar a ponto de parecer que ia capotar em cima de Michael.

- Não! - gritei. - Olha, eu estava errada, certo? Quero dizer, ele tentou me matar também, e admito que fiquei meio pirada. Mas acreditem, esse não é o modo...

- Fale por você - disse Josh.

E um segundo depois eu estava voando para trás, jogada longe por um choque de energia tão forte que me convenci de que o carro de Michael havia explodido.

Só quando caí violentamente na terra, no lado mais distante do estacionamento, percebi que não tinha sido o carro explodindo. Tinha sido meramente a força combinada do poder psíquico dos Anjos, lançada casualmente na minha direção. Eu fora jogada longe com tanta facilidade quanto uma formiga numa mesa de piquenique.

Acho que foi aí que eu soube que estava numa encrenca de verdade. Per cebi que tinha liberado um monstro. Ou quatro, melhor dizendo.

Estava lutando para ficar de pé outra vez quando Jesse se materializou ao meu lado, parecendo quase tão furioso quanto Josh.

- *Nombre de Dios* - ouvi-o ofegar enquanto absorvia a visão à sua frente.

Depois me olhou. - O que está acontecendo aqui? - perguntou, estendendo uma das mãos para me ajudar a ficar de pé. - Eu dei as costas um segundo e eles sumiram. Foi você que os chamou?

Encolhendo-me - e não de dor - segurei sua mão e deixei que ele me levantasse.

- Chamei - admiti, limpando a sujeira da roupa. - Mas não... bem, não queria que isso acontecesse.

Jesse olhou para Michael, que estava andando de quatro pelo estacionamento, tentando se afastar do próprio carro que girava.

247

- *Nombre de Dios,* Suzannah - disse Jesse outra vez, incrédulo. - O que você esperava que acontecesse? Você traz o garoto logo aqui? E agora pede para eles não o matarem?

- Balançando a cabeça, Jesse começou a andar na direção dos Anjos.

- Você não entende - protestei, correndo atrás dele. - Ele tentou me matar. E

tentou matar Mestre, Gina, Dun ga e...

- E então você faz isso? Suzannah, você já não sabe que não é uma assassina?

- Os olhos escuros de Jesse se cravaram em mim. - Por favor, não tente agir como se fosse. A única pessoa que vai acabar se machucando com isso é você.

Fiquei tão abalada com a censura em sua voz que lágrimas me encheram os olhos. Sério. Lágrimas de verdade. De fúria. Foi o que disse a mim mesma. Estava chorando porque fiquei furiosa com ele. Não por que ele havia magoado meus sentimentos. De jeito nenhum.

Mas Jesse não notou minha fúria. Tinha me dado as costas e então foi até os Anjos. Um segundo depois o carro parou de se sacudir, os limpadores de pára -

brisa e o rádio se desligaram e as luzes se apa garam. Os Anjos eram fortes, verdade. Mas Jesse estava morto há muito mais tempo.

- Voltem à praia - disse ele.

Josh riu alto.

- Está brincando comigo, não é?

- Não estou brincando.

- De jeito nenhum - reagiu Mark Pulsford.

- É. - Carrie apontou para mim. - Puxa, ela chamou a gente. Ela disse que podia.

Jesse não virou a cabeça na direção em que Carrie apontou. Estava bastante claro que se sentia enojado comigo.

- Agora ela diz que não pode - informou Jesse. - Vocês farão o que ela diz.

- Você não sacou? - Os olhos de Josh estavam relampejando outra vez, brilhando com a energia psíquica da qual estava tão cheio. - Ele matou a gente.

Ele matou a gente.

- E vai ser punido por isso - disse Jesse em tom calmo.

- Mas não por vocês.

- Então por quem?

- Pela lei - respondeu Jesse.

- Besteira! - explodiu Josh. - Isso é besteira, cara! A gente está esperando o dia inteiro pela lei! O velho disse que era isso que ia acontecer, mas não estou vendo esse garoto ser levado pelos caras de uniforme azul. Você está? Não acho que isso vá acontecer. Então deixe a gente dar uma lição do nosso modo.

Jesse balançou a cabeça. Era um gesto perigoso diante dos quatro jovens fantasmas furiosos e descontrolados que o enfrentavam. Mas mesmo assim fez isso.Dei um passo mais para perto de Jesse ao ver os Anjos da RLS brilhando de fúria. Fiquei na ponta dos pés para ele me ouvir quando sussurrei:

- Eu pego as garotas. Você pega os garotos.

- Não. - A expressão de Jesse era séria. - Vá, Suzannah.

Quando eles estiverem ocupados comigo corra para a estrada 249

e pare o próximo automóvel que vir. Depois vá embora em segurança.

Ah, é. Certo.

- E deixar você lidar com eles sozinho? - Olhei-o irritada. - Ficou maluco?

- Suzannah - sibilou ele. - Você não entende. Eles vão matá-la...

Ri. Ri mesmo, toda a minha raiva contra ele havia sumido.

Jesse estava certo. Eu não entendia.

- Deixe que eles tentem - falei.

Foi então que nos atacaram.

Acho que os Anjos deviam ter combinado um arranjo parecido com o que eu havia tentado fazer com Jesse, já que as garotas vieram para cima de mim e os rapazes para Jesse. Não fiquei muito chateada. Quero dizer, dois contra um é injusto, mas, a não ser pelo negócio do poder telecinéti co, eu achava que estávamos niveladas. Carrie e Felicia não haviam sido briguentas enquanto eram vivas - isso ficou claro no instante em que me atacaram -, de modo que não tinham uma idéia sólida de onde era melhor aplicar um soco para causar mais dor.

Pelo menos foi o que pensei antes que elas começassem a me acertar. A coisa com que eu não tinha contado era que essas garotas - como seus namorados -

estavam muito, muito furiosas.

E se você pensar bem, eles tinham todo o direito. Certo, talvez tivessem sido uns panacas enquanto eram vivos -

não me pareciam exatamente o tipo de pesso as com quem eu gostaria de andar, com sua obsessão por festas e atitudes elitistas - mas eram jovens. Provavelmente cresceriam e virariam cidadãos, ainda que não sensíveis, pelo menos produtivos.

Mas Michael Meducci havia interrompido isso. E por isso eles estavam doidos de pedra.

Acho que você pode argumentar que o comportamento deles não fora

exatamente imune a censuras. Quero dizer, tinham dado aquela festa em que Lila Meducci se ferrou, devido não somente à própria estupidez mas também à negligência deles - e dos pais.

Mas pareciam não pensar nisso. Não. Para os Anjos da RLS eles tinham sido trapaceados. Foram trapaceados e perderam a vida. E alguém teria de pagar por isso.Esse alguém era Michael Meducci. E qualquer um que tentasse ficar no caminho desse objetivo.

A fúria deles era sinistra. Sério. Não creio que eu já tenha estado tão completamente, cem por cento furiosa como aqueles fantasmas. Ah, já fiquei louca da vida, claro. Mas nunca a tal ponto, e nunca por tanto tempo.

Os Anjos da RLS estavam furiosos. E jogaram essa fúria contra Jesse e contra mim.Nem vi o primeiro soco. Fez com que eu girasse do mesmo modo como a picape fez com o Rambler. Senti meu lábio se partir. O sangue jorrou como uma fonte no rosto. Parte dele pingou nos vestidos de baile das garotas. Elas nem notaram. Só bateram de novo.

Não quero que você pense que não bati de volta. Eu bati. Eu era boa. Boa mesmo.

Só que não o bastante. Tive de reavaliar toda a minha teoria sobre aquele negócio de duas contra uma. Não era justo. Fe licia Bruce e Carrie Whitman estavam me matando.

E não havia absolutamente nada que eu pudesse fazer.

Nem podia olhar para ver se Jesse estava se saindo melhor do que eu. A cada vez que virava a cabeça parecia que outro punho me acertava. Em pouco tempo não conseguia enxergar. Meus olhos estavam cheios de sangue, que parecia escorrer de um corte na testa. Ou isso ou alguns vasos sanguíneos nos olhos tinham estourado com a força daqueles socos. Esperava que Jesse ao menos estivesse bem. Afinal, ele não podia morrer. Não como eu. A única coisa que continuava me passando pela cabeça era: bem, se elas me matarem, finalmente vou saber para onde todo mundo vai. Depois de ser despachado por um mediador, claro.

Num determinado ponto, durante o ataque de Felicia e Ca rrie, eu tropecei em

alguma coisa - algo quente e meio macio. Não tive certeza do que era - não podia ver, claro - até que aquilo gemeu meu nome.

- Suze - disse a coisa.

A princípio não reconheci a voz. Depois percebi que a garganta de Michael devia ter sido esmagada por aquele cinto. Ele só conseguia grasnar.

- Suze - chiou ele. - O que está acontecendo?

O terror na sua voz mostrava que provavelmente se sentia tão apavorado agora quanto Josh, Carrie, Mark e Felicia

tinham estado quando ele acertou o c arro deles e os mandou voando para a morte. Bem feito, pensei em alguma parte distante da mente que não estava se concentrando em tentar escapar dos socos que choviam em cima de mim.

- Suze - gemeu Michael embaixo de mim. - Faça com que isso pare.

Como se eu pudesse. Como se eu tivesse algo parecido com controle sobre o que estava me acontecendo. Se eu sobrevivesse a isso - o que não parecia provável - seriam feitas algumas grandes mudanças. Em primeiro lugar, ia praticar *kick-boxing* com muito mais dedicação.

Então alguma coisa aconteceu. Não posso dizer o que era porque, como falei, eu não conseguia enxergar.

Mas conseguia ouvir. E o que ouvi talvez tenha sido o som mais doce que já escutei na vida.

Era uma sirene. Polícia, carro de bombeiro, a ambulância, não sei. Mas estava chegando perto, mais perto, mais perto ainda até que, de repente, pude ouvir os pneus do veículo esmagando o cascalho diante de mim. Os socos que choviam sobre meu corpo pararam abruptamente, e eu caí frouxa contra Michael, que estava me empurrando debilmente, dizendo:

- A polícia. Saia de cima de mim. É a polícia. Preciso ir embora.

Um segundo depois mãos tocavam em mim. Mãos quentes. Não mãos de fantasma. Mãos humanas. Então uma voz de homem estava dizendo: 253

- Não se preocupe, moça. Nós estamos aqui. Estamos aqui. Você consegue ficar de pé?

Eu conseguia, mas ficar de pé provocava ondas de dor que me atravessavam.

Reconheci a dor. Era o tipo de dor tão intensa que parecia ridícula... tão ridícula que comecei a rir. Verdade. Porque er a simplesmente engraçado alguma coisa doer tanto. Uma dor assim significava que alguma coisa, em algum lugar, estava quebrada.

Em seguida havia alguma coisa macia apertada embaixo de mim, e mandaram que eu me deitasse. Mais dor - dor que queimava, que rasgava, dor que me deixou rindo debilmente. Outras mãos me tocaram.

Então escutei uma voz familiar chamando meu nome, como se viesse de um lugar muito distante.

- Suzannah. Suzannah, sou eu, o padre Dominic. Está me ouvindo, Suzannah?

Abri os olhos. Alguém tinha enxugado o sangue. Dava para enxergar de novo.

Eu estava deitada numa maca de ambulância. Luzes vermelhas e brancas piscavam a minha volta. Dois paramédicos cuidavam do ferimento no couro cabeludo.

Mas não era isso que doía. Era o peito. As costelas. E u tinha partido algumas.

Dava para sentir.

O rosto do padre Dominic pairou acima da maca. Tentei sorrir - tentei falar -

mas não conseguia. Meu lábio estava machucado demais.

- Gina me ligou - disse o padre Dominic, acho que em resposta ao olhar interrogativo que lhe dei. - Ela disse que

você ia se encontrar com Michael. Achei, depois que ela contou o que você disse sobre o acidente de hoje, que era para aqui que você iria trazê -lo. Ah, Suzannah, como gostaria de que você não tivesse feito isso!

- E - disse um dos paramédicos. - Parece que o cara trabalhou direitinho nela.

- Ei. - O parceiro dele estava rindo. - Quem você quer enganar? Ela levou mas deu de montão. O garoto está um estrago só.

Michael. Estavam falando de Michael. De quem mais podia ser? Nenhum deles

- a não ser o padre Dominic - podia ver Jesse ou os Anjos da RLS. Só podiam ver nós dois, Michael e eu, ambos espancados, aparentemente quase até a morte.

Claro que presumiram que tínhamos feito isso um com o outro. Quem mais havia para culpar?

Jesse. Lembrando dele, meu coração começou a martelar no peito partido.

Onde estava Jesse? Levantei a cabeça, olhando em volta e procurando -o freneticamente no que havia se tornado um mar de policiais uniformizados. Será que Jesse estava bem?

O padre Dominic entendeu mal meu pânico. Falou em tom tranqüilizador:

- Michael vai ficar bem. Está com a laringe muito machucada, alguns cortes e hematomas. Só isso.

- Ei. - O paramédico se empertigou. Estavam se preparando para me colocar na ambulância. - Não se venda por pouco, garota. - O sujeito estava falando comigo. - Você o pegou de jeito. Ele não vai esquecer essa pequena aventura por muito tempo, acredite.

- Não com todo o tempo que ele vai passar atrás das grades por causa disso -

falou o parceiro, piscando.

E, sem dúvida, enquanto me colocavam na ambulância pude ver que Michael

não estava, como eu tinha esperado, numa outra ambulância, e sim na parte de trás de um camburão. Suas mãos pareciam algemadas às costas. A garganta devia doer, mas ele estava falando. Falava rápida e ansiosamente, se a expressão em seu rosto indicava alguma coisa, a um homem de terno que eu só pude presumir que fosse algum tipo de detetive de polícia. Ocasionalmente o homem anotava alguma coisa numa prancheta.

- Está vendo? - riu o primeiro paramédico para mim. - Cantando como um canário. Você não vai ter de se preocupar em dar de cara com ele na escola na segunda-feira. Não por um longo tempo.

Michael estava confessando?, eu pensava. Nesse caso, o quê? O que fez com os Anjos? O que fez com o Rambler?

Ou estaria meramente explicando ao detetive o que lhe aconteceu? Que fora atacado por alguma força invisível, in controlável - a mesma força que tinha partido minhas costelas, aberto minha cabeça e arrebentado meu lábio?

Pela cara do detetive, o que Michael estava contando não era tão extraordinário assim. Mas por acaso eu sei, pela experiência, que a expressão dos detetives é sempre essa.

No momento em que estavam fechando as portas da ambulância o padre Dominic gritou:

- Não se preocupe, Suzannah. Eu aviso à sua mãe onde achar você.

256

Posso dizer que, se a intenção era me tranqüilizar, não tranqüilizou nem um pouco.

Mas logo depois a morfina bateu. Descobri que, felizmente, não me importava mais.

257

Capítulo 19

Não foi nem um pouco assim que eu imaginei passar as fé rias de primavera -

disse Gina.

- Ei. - Ergui a vista do exemplar da Cosmo que ela havia trazido. - Eu pedi desculpa. O que mais você quer?

Gina pareceu surpresa com a veemência do meu tom de voz.

- Não estou dizendo que não me diverti. Só estou dizendo que não foi assim que eu visualizei.

- Ah, certo. - Joguei a revista de lado. - É, foi bem divertido me visitar no hospital.

Eu não podia falar muito rápido por causa dos pontos no lábio. E não conseguia pronunciar muito bem. Não fazia idéia da minha aparência - mamãe tinha instruído todo mundo, inclusive os funcionários do hospital, a não me permitir acesso a espelhos, o que, claro, me levou a acreditar que estava medonha; mas provavelmente foi um gesto

sensato, pensando em como eu fico quando estou com uma espinha. Mesmo assim, uma coisa era certa: eu soava como uma estúpida.

- São só mais umas horas - disse Gina. - Até eles pegarem o resultado da segunda ressonância magnética. Se for normal, você vai estar livre pa ra ir embora.

E nós duas podemos ir à praia de novo. E dessa vez - ela olhou para a porta do quarto particular para garantir que estivesse fechada e ninguém pudesse ouvir -

não vai ter nenhum fantasma intrometido para estragar tudo.

Bem, isso era verdade. A prisão de Michael, ainda que fosse um anticlímax, tinha satisfeito aos Anjos. Eles provavelmente prefeririam vê -lo morto, mas assim que o padre Dominic os convenceu de como um garoto sensível como Michael acharia terrível o sistema penal da Califórnia, e les abandonaram imediatamente a fúria assassina. Até pediram ao padre Dominic para dizer a mim e a Jesse que lamentavam ter nos espancado até virarmos picadinho.

Eu, de minha parte, não estava exatamente pronta a perdoá -los, mesmo depois de o padre D ter me garantido que os Anjos tinham se mudado para seus destinos pós-vida - quaisquer que fossem - e não me incomodariam mais.

Desconheço a opinião de Jesse. Ele não se dignou a honrar o padre Dom ou a mim com sua presença desde a noite em que os Anjos tinham nos atacado. Achei que devia estar muito chateado comigo. Eu não o culpava, exatamente, sabendo que a culpa de tudo tinha sido minha. Mesmo assim gostaria de que ele aparecesse, nem que fosse para gri tar

mais um pouco comigo. Sentia saudade. Mais do q ue era provavelmente saudável.

Maldita Madame Zara, por estar tão certa!

- Você deveria ouvir o que todo mundo está falando a seu respeito na escola -

disse Gina. Ela estava empoleirada na beira da cama hospitalar, já de biquíni, sobre o qual tinha posto um minivestido com estampa de onça. Queria perder o mínimo de tempo possível quando finalmente chegássemos à praia.

- Ah, é? - Tentei arrastar os pensamentos para longe de Jesse. Não foi fácil. -

O que estão dizendo?

- Bem, sua amiga Cee Cee está escrevendo uma matéria sobre você no jornal da escola... sabe?, a abordagem tipo detetive amadora, como você sacou que foi Michael que cometeu todos aqueles crimes hediondos e fez uma armadilha para ele...-Coisa que tenho certeza de que ela ouviu de você - falei secamente.

Gina fez ar de inocência.

- Não sei do que você está falando! Adam mandou aquilo - Gina apontou para um enorme buquê de rosas cor-de-rosa no parapeito da janela - e o sr. Walden, segundo Jake, está fazendo uma vaquinha para comprar uma coleção completa dos livros de Nancy Drew para você.

Parece que ele acha que você tem uma fixação por solucionar crimes.

O sr. Walden estava certo sobre isso. Mas minha fixação não era por solucionar crimes.

261

- Ah, e o seu padrasto está pensando em comprar um Mustang para substituir o Rambler.

Fiz uma careta. E me arrependi. Era difícil fazer qualquer tipo de expressão com o lábio machucado, para não mencionar os pontos no couro cabeludo.

- Um Mustang? - Balancei a cabeça. - Como é que nós todos vamos caber num Mustang?

- Não é para vocês. Para ele. Ele vai dar o Land Rover a vocês.

Bem, pelo menos isso fazia sentido.

- E quanto a... - Eu queria perguntar sobre Jesse. Afinal de contas ela estava dividindo um quarto com ele. Sozinha, graças ao fato de eu ter passado a noite no hospital, em observação. Só Gina não sabia. Quero dizer, sobre o Jesse. Eu ainda não tinha contado.

E agora, bem, não parecia haver motivo para contar. Pelo menos agora que ele não estava mais falando comigo.

- E Michael? - perguntei em vez disso. Nenhum dos meus visitantes (mamãe e meu padrasto, Soneca, Dunga e Mestre; Cee Cee e Adam; até mesmo o padre Dom) queriam me falar qualquer coisa sobre ele. Os médicos tinham dito que o assunto poderia ser "doloroso demais" para discutir comigo.

Até parece! Quer saber o que é doloroso? Vou dizer o que é doloroso. Ter duas costelas quebradas e saber que durante semanas você vai ter de usar um maio na praia para esconder os hematomas.

- Michael? - Gina deu de ombros. - Bem, você estava certa. Aquilo que falou sobre ele manter coisas no computador.

262

A polícia conseguiu um mandado e confiscou o PC, e estava tudo ali: diários, e -

mails, o esquema do sistema de freio do Rambler. Além dis so acharam a chave-inglesa que ele usou. Você sabe, nos parafusos que p rendiam a grade de proteção.

Combinaram com as marcas no metal. E o alicate que ele usou para cortar a mangueira de freio do Rambler. Eles encontraram fluido de freio nas lâminas.

Parece que o cara não limpou muito bem a sujeira. Eu que o diga.

Foi preso sob quatro acusações de assassinato - os Anjos da RLS - e seis de tentativa de assassinato: cinco para nós que estávamos no Rambler na tarde em que os freios pifaram e uma pelo que a polícia se convenceu de que fora um atentado contra minha vida no Ponto.

Não os corrigi. Quero dizer, não dava para ir lá e dizer: "Ah, sabe dos meus ferimentos? É, não foi o Michael. Não, os fantasmas de suas vítimas fizeram isso porque eu não queria deixar que elas o matassem."

Achei que não fazia mal deixar que pensassem que Michael era o responsável por minhas costelas quebradas e os quatorze pontos na cabeça... para não falar dos dois no lábio. Quero dizer, afinal de contas, ele ia me matar. Os Anjos só tinham interrompido. Se você pensar bem, eles tinham salvado minha vida. É. Para poderem me matar.

- Então escute - estava dizendo Gina. - Seu castigo, você sabe, por ter saído sem autorização e entrado num carro com Michael quando sua mãe mandou expressamente que

não fizesse isso, só deve começar depois de eu ir embora. Portanto digo que devemos passar os próximos quatro dias na praia. Tipo, de jeito nenhum você vai à escola. Pelo menos com essas costelas quebradas. Não vai poder se sentar. Mas certamente pode deitar, sabe, numa toalha. Eu posso convencer sua mãe a deixar isso, pelo menos.

- Parece bom.

- Ex - disse Gina. Aparentemente queria dizer excelente, só que tinha abreviado. Do modo como Soneca costumava abreviar as palavras porque era preguiçoso demais para falar as sílabas inteiras. Assim pizza virava "za", Gina virou

"Gi". Percebi que minha amiga tinha mais coisas em comum com Soneca do que eu supunha.

- Vou pegar uma Diet Coke - disse ela, descendo da cama com cuidado para não sacudir o colchão porque a enfermeira já havia entrado duas vezes e dito para não fazer isso. Como se eu não tivesse consumido Tylenol com codeína suficiente para bloquear a dor. Alguém poderia jogar um cofre na minha cabeça e eu provavelmente não iria sentir.

- Quer? - perguntou Gina, parada à porta.

- Claro. Só veja...

- Sei, sei - disse ela por cima do ombro enquanto a porta se fechava lentamente. - Eu acho um canudinho por aí.

Sozinha no quarto ajeitei os travesseiros cuidadosamente e fiquei ali sentada, olhando para o vazio. As pessoas que tomam tantos analgésicos quanto eu costumam fazer isso.

Mas não estava pensando no vazio. Estava pensando no que o padre Dominic tinha falado quando me visitou

algumas horas antes. No que só poderia ser a mais cruel das ironias: na manhã depois da prisão de Michael, a irmã dele, Lila Meducci, acor dou do coma.

Ah, ela não se sentou e pediu uma tigela de Cheerios nem nada. Ainda estava péssima. Segundo o padre D, demoraria meses, talvez anos de reabilitação para voltar ao que era antes do acidente - se é que voltaria. Iria passar muito tempo até poder andar, falar, talvez até comer sozinha como antes.

Mas estava viva. Viva e consciente. Não era um grande pr êmio de consolação para a pobre sra. Meducci, mas já era alguma coisa.

Foi enquanto eu estava refletindo nas arbitrariedades da vida que ouvi algo farfalhando. Virei a cabeça bem a tempo de pegar Jesse tentando se desmaterializar.

- Ah, não, você não vai fazer isso - falei enquanto sentava. E provocava uma tremenda dor nas costelas. - Volte aqui agora mesmo!

Ele voltou, com uma expressão acanhada.

- Achei que você estava dormindo. Por isso decidi retornar mais tarde.

- Cascata. Você viu que eu estava acordada, por isso ia retornar mais tarde quando tivesse certeza de que eu estaria dormindo. - Não dava para acreditar.

Não dava para acreditar no que eu o tinha apanhado tentando fazer. Descobri que isso doía mais do que as costelas. - O que é, agora você só vai me visitar quando eu estiver inconsciente? É isso?

- Você passou por uma situação muito difícil. - Jesse parecia mais desconfortável do que eu já o tinha visto. - Escutei sua mãe, na casa, dizer a todo mundo que ninguém deveria fazer nada para perturbar você.

- Ver você não vai me perturbar.

Eu estava magoada. De verdade. Puxa, tinha consciência de que Jesse estava furioso comigo pelo que eu tinha feito, você sabe, aquela coisa de enganar Michael para ir ao Ponto para que os Anjos da RLS pudessem matá -lo, mas não querer nem mesmo falar comigo mais...

Bem, isso era barra!

A dor que eu sentia deve ter aparecido no rosto, porque quando Jesse falou foi na voz mais gentil que eu já o ouvi usar.

- Suzannah, eu...

- Não - interrompi. - Deixe eu falar primeiro. Jesse, desculpe. Desculpe aquilo tudo ontem à noite. Foi culpa minha. Não acredito que fi z aquilo. E nunca,

jamais, vou me perdoar por ter arrastado você para lá.

- Suzannah...

- Eu sou a pior mediadora. - Assim que dei o pontapé inicial, achei difícil parar.

- A pior que já existiu. Deveria ser expulsa da organização dos mediadores. Sério.

Não acredito que fiz uma coisa tão estúpida. E não culpar ia você se nunca mais falasse comigo. Só que... - Olhei-o de novo, sabendo que havia lágrimas nos meus olhos. Mas dessa vez não estava com vergonha de ser vista. - Só que você precisa entender: Michael tentou matar minha família. E

não dava para deixar que ele ficasse numa boa. Dá para entender?

Então Jesse fez uma coisa que nunca tinha feito. E duvido que faça outra vez.

E aconteceu tão depressa que depois nem tive certeza de que aconteceu de verdade ou se, cheia de remédios nas idéias, eu imaginei.

Mas tenho quase certeza de que ele se esticou e tocou minha bochecha.

Só isso. Desculpe se dei esperanças a você. Ele só tocou minha bochecha, a única parte de mim, imagino, que não estava arranhada, cortada ou partida.

Mas não me importei. Ele tinha tocado minha bochecha. Roçado, na verdade, com as costas dos dedos, e não as pontas. Depois baixou a mão.

- Sí, querida - disse ele em espanhol. - Eu entendo.

Meu coração começou a bater tão depressa que tive certeza de que ele podia ouvir. Além disso, provavelmente não preciso dizer, minhas costelas doíam, doíam de verdade. Cada pulsação parecia fazer o coração se chocar contra elas.

- E o único motivo para eu ter ficado tão furioso foi porque não queria que isso acontecesse com você.

Ao falar a palavra isso, ele sinalizou para o meu rosto. Percebi que o negócio

devia estar muito ruim.

Mas não me importava. Ele tinha tocado minha bochecha. Seu toque foi gentil, e, para um fantasma, quente.

Eu sou patética ou o quê, para um simples gesto assim me deixar de cabeça para baixo de tanta felicidade?

267

Falei, feito uma idiota:

- Eu vou ficar bem. Disseram que nem vou precisar fazer plástica.

Como se um cara nascido em 1830 soubesse o que era uma plástica. Meu Deus, eu sei estragar um clima ou não sei?

Mesmo assim Jesse não se afastou exatamente. Ficou ali me olhando como se quisesse dizer mais alguma coisa. E eu estava perfeitamente disposta a deixar que ele dissesse. Especialmente se me chamasse de querida de novo.

Só que não me chamou de nada. Porque nesse momento Gi na entrou de novo no quarto segurando duas latas de refrigerante.

- Adivinha só? - disse ela enquanto Jesse tremulava e, com um sorriso para mim, desaparecia. - Encontrei sua mãe no corredor e ela mandou dizer que a segunda ressonância foi normal, e que você pode começar a se preparar para ir para casa. Ela está cuidando da papelada agora. Não é fantástico?

Ri para ela, mesmo que meu lábio doesse com isso.

- Fantástico.

Gina me olhou com curiosidade.

- Por que você está tão feliz?

Continuei rindo.

- Você disse que eu posso ir para casa.

- É, mas você estava feliz antes de eu falar isso. - Gina estreitou os olhos para mim. - Suze. Qual é? O que está acontecendo?

- Ah - respondi sorrindo. - Nada.

Criação de PDF: / Roberta Mix

Dowloads Mix